UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA
E LÍNGUA PORTUGUESA

EDGARD MURANO FARES FILHO

Os datiloscritos de
O ano da morte de Ricardo Reis,
de José Saramago: um caso de emendas
silenciosas na passagem a limpo

Versão corrigida

São Paulo

2021

EDGARD MURANO FARES FILHO

Os datiloscritos de
O ano da morte de Ricardo Reis,
de José Saramago: um caso de emendas
silenciosas na passagem a limpo

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Filologia e Língua
Portuguesa do Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Letras

Orientador: Prof. Dr. Manoel
Mourivaldo Santiago Almeida

Coorientador: Prof. Dr. João
Miguel Quaresma Mendes
Dionísio

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F478d Filho, Edgard Murano Fares
Os datiloscritos de O ano da morte de Ricardo Reis, de José Saramago: um caso de emendas silenciosas na passagem a limpo / Edgard Murano Fares Filho; orientador Manoel Mourivaldo Santiago Almeida - São Paulo, 2021.
112 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Filologia. 2. Crítica Genética. 3. Literatura Portuguesa. 4. José Saramago . 5. Crítica Textual. I. Almeida, Manoel Mourivaldo Santiago, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

Termo de Ciência e Concordância do orientador

Nome do (a) aluno (a): Edgard Murano Fares Filho

Data da defesa: 14/06/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 29/07/2021

(Assinatura do (a) orientador (a))

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, e ao meu coorientador, João Miguel Quaresma Mendes Dionísio.

A Ivo Castro e aos demais professores e pesquisadores da Universidade de Lisboa cujas aulas e grupos de estudos tive a honra e o prazer de frequentar durante minha estadia em Lisboa, e que tanto enriqueceram este trabalho.

A Ricardo Viel, Sergio Machado Letria e Pilar del Río, da Fundação José Saramago, pela generosidade ao me garantirem o acesso aos datiloscritos do autor, sem os quais o rumo desta pesquisa teria sido outro.

À Biblioteca Nacional de Portugal, por ensejar as melhores condições para a consulta do dossiê genético de *O ano da morte de Ricardo Reis*.

Ao amigo Max, pelos contatos e oportunidades no meio editorial, de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, e também a Jaqueline Arashida e a Lucas Yu, entre outros amigos brasileiros em Portugal, que me acolheram e fizeram com que me sentisse mais em casa.

Aos meus pais, Edgard e Marseille, pelo apoio e compreensão, à minha irmã Maíne e, em especial, ao meu sobrinho Fê, nascido no decorrer deste trabalho.

E à minha companheira Elke, pelo carinho e cumplicidade, lado a lado nessa caminhada que já dura uma vida.

Obrigado.

In memoriam

Alfredo Monte
(1964-2018)

Carmem Murano Fares
(1948-2020)

Eason Ferreira do Nascimento
(1951-2021)

RESUMO

Os datiloscritos com emendas autógrafas do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), do escritor português José Saramago (1922-2010), constituem-se uma etapa avançada do processo de composição da obra, próxima da versão do texto publicada, e são uma grande oportunidade para o estudo do método de criação do autor à luz da Crítica Genética. Por meio do levantamento, organização e interpretação tanto das marcas de edição deixadas no documento quanto das variantes ocultas — as chamadas “emendas silenciosas” — introduzidas pelos testemunhos, é possível entrar em contato com o processo editorial que deu origem à obra. A partir do método de edição crítico genético, a leitura das emendas dos datiloscritos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Fundação José Saramago — em comparação com o texto estabelecido pela primeira edição da Editorial Caminho (1984) —, mostra que nem todas as emendas dos datiloscritos foram aproveitadas, ao passo que algumas variantes anteriormente abandonadas foram recuperadas no decorrer do processo, marcado por uma tensão entre emendas criativas e erros de cópia na altura da passagem a limpo.

Palavras-chave: Crítica Genética, Crítica Textual, Filologia, Literatura, Literatura Portuguesa, Crítica Literária.

ABSTRACT

The datiloscrits with autograph amendments of the novel *The year of the death of Ricardo Reis* (1984), by the portuguese writer José Saramago (1922-2010), represent an advanced stage of work, very close of the text version which was firstly published, and they offer a golden opportunity to study the creative process of this text in the light of Genetic Criticism. Through the gathering, organization and interpretation of editing marks, as well as of hidden variants — the so called “silent amendments” — introduced by the documents, it is possible to follow the editorial process which resulted in the work as it is known. Applying the genetic edition method, the analysis of the amendments both in the documents from Biblioteca Nacional de Portugal and Fundação José Saramago — in comparison with the text established by the first edition published by Editorial Caminho (1984) — shows that not all amendments were used, whereas variants previously discarded were in some cases retrieved during the process, which was marked by the tension between creative amendments and copying errors at the time the text was written out neatly.

Keywords: Genetic Criticism, Textual Criticism, Philology, Literature, Portuguese Literature, Literary Criticism.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Visão Geral	13
2.1) Contexto	13
2.2) Objetivo	15
2.3) Justificativa	16
2.3.1) Acesso aos testemunhos	17
2.4) Considerações metodológicas	20
2.4.1) Tipo de edição	20
2.4.2) <i>Corpus</i> de texto	22
2.4.3) Sinalética	23
2.4.4) Cronologia das campanhas	25
2.4.5) Aparato genético e classificação das emendas	29
2.4.6) Emendas silenciosas	31
3. Descrição do Objeto	33
3.1) Análise material	33
3.1.1) Testemunho da Biblioteca Nacional de Portugal (A)	33
3.1.2) Testemunho da Fundação José Saramago (A')	34
3.1.3) Testemunho da Editorial Caminho (B)	35
4. Análise das variantes	36
4.1) Considerações gerais	36
4.2) Descrição das tipologias de campanhas	38
4.2.1) Situação 1	39
4.2.2) Situação 2	40
4.2.3) Situação 3	42
4.3) Considerações finais	42
4.3.1) O testemunho escorreito	44
4.3.2) Processos de escrita	45
4.3.3) Variação e variantes	47

5. Referências	52
5.1) Bibliografia	52
5.2) Audivisual	53
5.3) Internet	53
6. Aparato genético	54
6.1) Transcrição linear	54
6.2) Tabela de pontos críticos	73
7. Anexos	106

One of his stories was that his hostess in a country house having asked him at dinner how he had spent the day, he had answered: "I have been correcting the proofs of my poems. In the morning, after hard work, I took a comma out of one sentence." "And in the afternoon?" "In the afternoon, I put it back again".

(Robert Sherard, *The Life of Oscar Wilde*. London, 1906)

1. Introdução

Entre os documentos de que se ocupa a Crítica Genética — manuscritos, datiloscritos, anotações, cartas e tudo aquilo que diga respeito aos originais de autor —, volta e meia nos deparamos com lacunas no registro do processo de criação que buscamos reconstituir, uma vez que esses artefatos são “apenas a parte visível de um processo cognitivo mil vezes mais complexo” (Grésillon, 2007, p. 41). Se é justamente na emenda — ou no “erro” — que se concentra a ação da Crítica Genética, cujo interesse se volta para o universo de possibilidades e variações de uma obra antes de sua publicação, é possível dizer que muitos documentos escorregados ou com poucas alterações, em que se pese o interesse que despertam à crítica, podem constituir-se uma verdadeira muralha para os pesquisadores que se aventuram em transpô-la.

Em relação aos rascunhos do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), do escritor português José Saramago (1922-2010), sobre os quais repousa nossa atenção, não se pode dizer que faltem variantes de interesse. Muito pelo contrário: há uma grande quantidade de emendas e de intervenções autógrafas que revelam um autor perfeccionista, ciente das nuances e das possibilidades de expressão da língua. No entanto, ainda que esses originais não configurem o rascunho típico resultado de um “processo torturado de escrita e progressiva correcção, que corresponde à tradicional imagem romântica do artista” (Castro, 1990, p. 10), o original de *O ano da morte de Ricardo Reis* impõe questões não menos importantes e complexas que se manifestam tanto mais à contraluz do que apenas no campo das emendas manifestas, embora estas não faltem ao documento, marcado pela caligrafia do autor português em conjunto com o texto datiloscrito.

Uma das obras mais conhecidas e consequentes de José Saramago, vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1998, *O ano da morte de Ricardo Reis* narra o regresso a Lisboa, em plena ditadura salazarista, do protagonista Ricardo Reis — personagem emprestado da heteronímia do poeta Fernando Pessoa (1888-1935) — após um longo período de exílio no Brasil. Saramago vale-se da breve biografia e dos poemas escritos por Pessoa para o heterônimo Ricardo Reis com o intuito de recriá-lo como personagem da história portuguesa, erguendo uma narrativa que, para além do pretexto da intertextualidade e da metalinguagem, atualiza e discute símbolos caros ao imaginário histórico e literário lusitano.

Para tanto, o escritor busca sedimentar um projeto narrativo de maneira bastante consistente antes de se lançar à empreitada, de que é prova o dossiê genético disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal, dentro da *Colecção José Saramago* [BNP Esp. N45], liberado para a consulta on-line em 2008. No que concerne o processo de composição de *O ano da morte de Ricardo Reis*, o espólio do romance inclui os seguintes documentos:

- I) Agenda do autor de 1983 (Esp. N45/6);
- II) Apontamentos datiloscritos autógrafos sobre o romance (Esp. N45/7);
- III) Fotocópia de recorte do *Diário de Lisboa* (Esp. N45/8);
- IV) Fotocópias de partes das obras do historiador brasileiro Edgar Carone (BNP Esp. N45/9);
- V) Conjunto de fotocópias da obra *Conspiração*, novela de Tomé Vieira (Esp. N45/10);
- VI) Datiloscritos com emendas autógrafas do romance (Esp. N45/11).

De todo o material disponível, são nos datiloscritos com emendas autógrafas (item VI, N45/11) que concentraremos nossa análise, juntamente com outros dois testemunhos referentes à etapa de textualização da mesma obra, a saber: um datiloscrito não presente neste espólio (que se trata de uma versão mais avançada do testemunho da BNP) gentilmente cedido para registro e consulta pela Fundação José Saramago (FJS); e a primeira edição do romance publicada pela Editorial Caminho em 1984.

No documento presente no espólio encontramos variantes cunhadas pelo próprio autor que registram o processo de criação da obra. Essas emendas e inovações, contudo, revestem-se de um interesse ainda maior quando confrontadas com o testemunho fornecido pela FJS e com o texto estabelecido pela edição príncipe de 1984. A comparação entre os três documentos mostra que nem todas as emendas que constam no testemunho da BNP — o primeiro registro de textualização dessa obra de que se tem notícia — foram aproveitadas pela edição impressa, e às vezes nem mesmo pelo testemunho intermediário da FJS, revelando assim lacunas no processo de composição às vezes reconstituíveis somente por meio de conjecturas e hipóteses, acusando a presença do que chamaremos doravante de “emendas silenciosas”, ou, em outras palavras, emendas ocultas, não registradas pelos testemunhos isoladamente, mas detectáveis através da comparação das lições desses testemunhos.

2. Visão Geral

2.1) Contexto

Para entender melhor a centralidade da prosa saramaguiana em relação ao cânone literário, é preciso concebê-la no contexto da produção romanesca contemporânea de Portugal, que costuma ser dividida em três fases (Roani, 2006, p. 15): o neo-realismo, compreendido entre os anos 1940 e 1950, cujos representantes mais conhecidos são Alves Redol, Carlos de Oliveira, Miguel Torga e Fernando Namora; os romances de cunho experimentalista, caracterizados por dialogismo, fragmentação e ambiguidade, tendo à frente Vergílio Ferreira, Agustina Bessa Luís, José Cardoso Pires, Almeida Faria, entre outros; e finalmente a geração dos anos 1970, marcada pela diversidade de estilos, de que se destacam Ivete Centeno, Teolinda Gersão, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Gabriela Llansol, Antonio Lobo Antunes, Lídia Jorge e José Saramago.

Ao lado de outros romances representativos do autor, como *Memorial do Convento* (1982), *História do Cerco de Lisboa* (1989) e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), a obra *O ano da morte de Ricardo Reis* compõe o chamado “ciclo histórico” da produção saramaguiana, marcado por um projeto de reinterpretação do passado histórico através da ficção. Em *História do Cerco de Lisboa* (1989), por exemplo, um revisor se vê compelido a mudar o sentido de um texto histórico que narra a expulsão dos mouros de Portugal. Ao passo que n’*O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), a palavra divina é reescrita em favor de um Cristo humanizado.

Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, o que está em jogo, *grosso modo*, é uma releitura do passado pelos olhos do referido heterônimo criado por Fernando Pessoa (1888-1935) no contexto do Estado Novo português (1933-1974). Reis nasceu no Porto, em Portugal, tendo estudado em colégio de jesuítas e formado-se em medicina. Poeta pagão, latinista, helenista e monarquista, exilou-se no Brasil, onde vivia desde 1919 por não concordar com a implantação da República em Portugal levada a cabo anos antes, em 1910. O romance inicia-se justamente a partir da chegada do heterônimo-personagem a Lisboa no ano de 1936, o referido ano da morte de Reis (sendo esta informação uma contribuição de Saramago à biografia ficcional do poeta pagão, haja vista que não há menção à morte de Reis na obra de Pessoa).

Obviamente, que não deve ser esquecido que Ricardo Reis é “apenas um texto”, pois Saramago vale-se muito bem dessa dimensão textual conferida ao heterônimo pessoano, construindo o protagonista a partir da mesma ficha biográfica esboçada pelo poeta modernista para o seu mais clássico heterônimo: educado em um conservador colégio de jesuítas, latinista, médico por profissão, monarquista exilado no Brasil e, apesar da educação católica recebida, pagão e cético. *O ano da morte de Ricardo Reis* insiste no pacto do fingimento pessoano, através do qual Ricardo Reis é um suposto autor que sobrevive ao autor, Fernando Pessoa. A personagem é, em suma, ficção da ficção. Dessa forma, ao empreender a caracterização da personagem de acordo com a intencionalidade romanesca, Saramago reitera aqueles traços artísticos, filosóficos, existenciais e políticos atribuídos por Pessoa a sua criação heteronímica (Roani, 2006, p. 74).

Esse segmento da bibliografia saramaguiana, que abrange obras marcadas pela revisão histórica e pela fusão poética do passado com o presente, tem como principal característica os recursos da metalinguagem e da intertextualidade, desenvolvidos a partir da intersecção de elementos históricos e ficcionais que dialogam num nível crítico e extrapolam a função do romance histórico, aproximando-se das linguagens poética e ensaística simultaneamente.

A matéria prima de grande parte dos seus romances consiste na história portuguesa, dos seus primórdios aos nossos dias. (...) Seu objetivo não é distrair o público, mas sim agir sobre ele, provocando polêmica, reflexão e revisão crítica da história portuguesa. (...) Ao recriar a história, José Saramago a reinterpreta, transfigurando-a artisticamente e produzindo uma realidade caracterizada pelos anseios e dados subjetivos do escritor. (Roani, 2002, p. 17)

As afinidades entre a prosa do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* e outros gêneros, como a poesia e o ensaio, já foram abordadas em estudos anteriores (Beijo, 2009), em que se remonta a Michel de Montaigne (1533-1592) — considerado um dos pais do gênero ensaístico — para conceituar este gênero de que Saramago se aproxima ao combinar elementos históricos e culturais da história portuguesa. Para tanto, recorre-se à etimologia do termo apresentada em *Ensaio sobre a Essência do Ensaio* (Lima, Saraiva & Cia Editores, 1946) para reforçar esse traço do escritor:

Que todo ensaio é, e deve ser crítico, vislumbra-se logo no próprio título de ensaio. Ensaio vem da palavra latina *exagium*. Ora esta palavra refere-se ao exame valorativo, à contrastaria das moedas (avaliação do seu toque, título, quilate, ou dinheiros de fino). Ensaier é fazer

prova, analisar: "monetam inspicere". (...) No século XVI, tão rico de "nouvelletés" e tão confuso de valores doutrinários, Montaigne vai ensaiar (*exagiare*) as idéias, isto é, vai examiná-las, pesá-las no intuito de descobrir o metal mais precioso nelas contido. (...) O pensador é o indivíduo que *pesa* os juízos, como o ensaiador as moedas. Pesa, ou ensaia. (Lima, 1964, p. 68 *apud* Beijo, 2009).

Esse exame de ideias e conceitos de uma época, implicado pela atividade ensaística (*exagiare*), opera no romance de Saramago basicamente de duas maneiras: por meio da *intertextualidade* — na medida em que reescreve (e remete a) narrativas preexistentes, como as do heterônimo Ricardo Reis, das personagens Lídia, Marcenda, do próprio Pessoa, etc. — e por meio da *metalinguagem* — que por sua vez permite ao narrador tecer considerações, na voz do personagem, que transcendem a narrativa para constituir-se uma consciência do próprio texto escrito, num contínuo processo de reflexão e ponderação sobre o ato de escrever.

Trata-se de uma obra eivada por alto grau de consciência da linguagem, em que a modulação da expressão e do tom do narrador conferem musculatura à narrativa. De maneira que o trabalho da Crítica Genética mostra-se oportuno ao mapear o universo de escolhas e de possibilidades engendrado pelo autor durante o trabalho de composição, dando corpo ao conceito de sopesar as ideias, tão caro à escrita ensaística, ao destacar o processo de escolha das palavras que antecederam o texto em sua forma tal qual foi publicado.

2.2) Objetivo

O objetivo deste estudo, a partir da edição dos três testemunhos disponíveis do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago — o testemunho datiloscrito da BNP, o da Fundação José Saramago e o da edição príncipe da Editorial Caminho — é discutir o método de composição do autor na altura em que foi fixado pelos documentos em questão, perfazendo o trajeto das variantes cunhadas pelo autor que liga os testemunhos de textualização da obra ao texto estabelecido pela edição impressa.

Essa discussão sobre o processo de criação recairá, mais especificamente, nas chamadas variantes ou “emendas silenciosas” pertencentes à campanha datiloscrita do testemunho da Fundação José Saramago. Essa campanha, que responde pela

passagem a limpo do testemunho da BNP, apresenta variantes que, sob a aparente fluidez do texto datiloscrito — e já bem próximo da versão impressa —, trazem informações valiosas do ponto de vista genético. Cabe a esta edição genética a tarefa de analisar essas variantes e de discutir o estatuto dessa campanha específica em relação às demais campanhas no contexto do processo de composição. Ao passo que, no nível teórico, buscaremos discutir conceitos compartilhados entre a Crítica Genética e a Crítica Textual a partir dos casos estudados.

2.3) Justificativa

Mais do que “um amontoado de correções ortográficas” (Roani, 2003), o datiloscrito com emendas autógrafas da BNP (doravante designado pela letra **A**) constitui o que Grésillon chama de “fase de elaboração definitiva”, isto é, aquela com espaço para as chamadas “últimas modificações” sobre uma “cópia passada a limpo ou sobre o datiloscrito” (Grésillon, 2007, p. 333). De maneira similar, para De Biasi o chamado “testemunho definitivo” constitui “um estado quase final da obra no qual ainda podem aparecer alguns arrependimentos, mas que já apresenta a imagem do modelo sobre o qual será reproduzida a versão impressa” (De Biasi, 2010, p. 60). Assim, longe de ser uma mera prova de revisão, como sugere Roani, nosso testemunho traz um universo de emendas substantivas que, se não interferem em nível narrativo (enredo, personagens, etc.), introduz alterações que incidem na expressão verbal da obra, entre as quais podemos destacar a mudança de tempos verbais e de preposições; acréscimos substanciais não só de palavras, mas de expressões e até mesmo de linhas inteiras; substituições; supressões de segmentos extensos em alguns casos mais raros; reordenamentos frequentes, entre outras operações editoriais não menos importantes e de caráter criativo. Tais operações não deixam de ser, de todo modo, as “últimas modificações” aludidas por Grésillon; ou quiçá os “arrependimentos”, como prefere De Biasi; quem sabe até o *acabamento* de um edifício literário, para usarmos uma metáfora emprestada à construção civil. Seja como for, essas emendas, que se encontram em número abundante no testemunho, persistem mesmo nessa fase mais avançada do processo genético, já próxima do domínio editorial, e ganham ainda mais interesse quando confrontadas com as lições do testemunho da FJS (doravante designado pela letra **A'**), que se trata de uma cópia datiloscrita passada a limpo do documento da BNP e que também apresenta emendas

manifestas (além daquelas implícitas, das quais nos ocuparemos mais adiante). Antes de prosseguirmos, porém, cabe uma recapitulação do percurso desta pesquisa até chegarmos a esse ponto.

2.3.1) Acesso aos testemunhos

Quando decidimos abordar esse documento na altura do Mestrado (isto é, o testemunho A, da BNP) segundo os fundamentos da Crítica Genética e Textual, buscamos compará-lo ao texto estabelecido pela primeira edição da Editorial Caminho (doravante referido como testemunho **B**), sendo nosso objetivo desempatar as variantes do testemunho autógrafo e fazer uma ponte entre o domínio da gênese e o editorial. Resultou dessa pesquisa a constatação de que o texto estabelecido pela edição impressa apresentava lições divergentes daquelas trazidas pelo datiloscrito da BNP, uma questão para a qual então elaboramos hipóteses, entre elas a de que poderia haver um testemunho intermediário ao qual não tínhamos acesso — explicando assim essas divergências — ou que tais discrepâncias teriam sido resultado de acertos entre autor e editor por outros meios (correspondência, telefonemas ou encontros pessoais, por exemplo). Àquela altura, era o único testemunho genético do qual dispúnhamos para nossa edição. A essa incógnita das lições divergentes, batizamos de “emendas invisíveis”.

Anos mais tarde, na altura do Doutorado que se iniciava e que daria continuidade à edição dos inéditos de José Saramago, descobrimos por acaso em exposição na Fundação José Saramago, em Lisboa, a presença de um segundo testemunho genético do romance (não incluso no espólio da BNP) o qual, visto de relance sob o vidro que o protegia, indicava ser um datiloscrito mais “limpo”, isto é, com bem menos emendas (aparentemente) do que o testemunho da BNP, representando, como veríamos depois, uma etapa mais avançada da gênese. Tínhamos aí um ponto de partida para o Doutorado: descobrir como aquele novo testemunho ampliaria o horizonte de nossa edição genética, corroborando ou refutando nossas hipóteses, mas, também, introduzindo novas questões.

Mais tarde, esta pesquisa culminaria numa temporada de estudos na Universidade de Lisboa (UL) por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no

Exterior/CAPES (2019-2020)¹, quando tivemos a oportunidade de entrar em contato com a produção acadêmica dos grupos de estudos do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, além de obter acesso direto aos testemunhos da BNP e da Fundação José Saramago. No que diz respeito ao testemunho pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, o acesso direto ao testemunho A oferecido pela instituição deu-nos a chance de distinguir entre campanhas de revisão em tinta azul e em tinta preta, sendo esta distinção cromática impossível até então com a reprodução em formato PDF de que dispúnhamos, na qual as cores haviam sido homogeneizadas pelo processo de digitalização.

Some-se a esse cenário de descobertas o fato de que o testemunho A', da FJS, parecia ser a peça que faltava para explicarmos as emendas invisíveis aventadas na altura do Mestrado. Muitas das divergências entre o texto do testemunho A (BNP) e do testemunho B (Editorial Caminho) passavam pelo testemunho intermediário A' ao qual, então, tínhamos acesso. Contudo, ao cotejarmos os testemunhos A e A', descobrimos que algumas das discrepâncias persistiam, agora deslocadas da relação A-B para a relação A-A'. As lições de B, salvo algumas poucas exceções, eram as mesmas lições de A' (em outras palavras, B incorpora praticamente todas as variantes mais recentes de A', destoando apenas no que diz respeito à ortografia em alguns poucos casos). Mas entre os testemunhos A e A' ainda era possível detectar várias diferenças que não necessariamente passavam pelo registro da emenda manifesta nem tampouco restringiam-se a correções ortográficas. Tratava-se, se não de emendas de todo invisíveis, ao menos de emendas *silenciosas*, como fizemos questão de rebatizá-las, ressaltando assim, com a mudança sutil no adjetivo, a natureza antes sorrateira do que impalpável dessas divergências entre A' e A (do ponto de vista prático, porém, convém ressaltarmos que a mudança de “invisível” para “silenciosa” não implica a criação de nenhuma categoria ou campanha nova dentro das emendas ocultas, constituindo-se, antes, um ajuste terminológico e conceitual mais condizente com o estágio atual desta edição). Traçávamos, assim, um objetivo mais específico para este Doutorado, dentro do panorama mais amplo dos estudos de gênese, concentrando-nos nas chamadas emendas silenciosas e na análise do seu estatuto em relação às demais campanhas de revisão.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Quadro 1 – Encadeamento dos testemunhos A, A' e B

Não só resultou da descoberta do testemunho A' a constatação surpreendente de que o documento em questão não havia sido incluído na Coleção José Saramago, como também não havia sido incorporado ao primeiro lote do espólio do autor doado pela FJS à BNP — doação formalizada no dia 10 de dezembro de 2016 por ocasião do 18º aniversário da atribuição do Prêmio Nobel ao romancista (Queirós, 2017). Esse lapso ou lacuna no processo de formação de espólios, que são regidos, naturalmente, por vicissitudes e políticas editoriais muitas vezes alheias aos interesses acadêmicos, novamente sugere uma certa visão recorrente segundo a qual se dá mais valor a manuscritos autógrafos sobrecarregados de intervenções, ao passo que datiloscritos autógrafos límpidos e escorreitos, como chega a ser o caso do testemunho da FJS, seriam tratados como subprodutos editoriais ligados à fase de revisão, em que a presença do autor seria quase nula e, portanto, desprovido de interesse público. Nesse sentido, a descoberta e o resgate do testemunho A' para esta edição crítico-genética, comparando-o com os outros testemunhos disponíveis, mostra que, para além do “valor agregado” de manuscritos autógrafos, os datiloscritos autógrafos também guardam grande potencial para os estudos de gênese, corroborando a afirmação de que “o aspecto material de uma página não diz tudo sobre seu estatuto genético” (Grésillon, 2007, p. 106).

Essa visão da gênese que associa a dinâmica dos manuscritos à fluidez e à mobilidade criativa é de certo modo expressa pela oposição estabelecida entre o “estado selvagem” do manuscrito — em que “cada página possui sua forma e sua

semiótica próprias” — ao “retângulo branco” e imutável da página impressa (*Ibidem*, p. 51). Ainda que um datiloscrito não ostente o mesmo estatuto de um livro impresso, podemos dizer que reside nessa oposição uma defesa da criatividade subjacente à forma livre dos documentos escritos à mão como contraponto à esterilidade simétrica e sanitizada que compartilham não raro tanto o datiloscrito quanto a página impressa de uma publicação, por sua vez muito mais próximos da etapa editorial.

2.4) Considerações metodológicas

2.4.1) Tipo de edição

A adoção do método de edição crítico-genético para os testemunhos de textualização de *O ano da morte de Ricardo Reis* deve-se, obviamente, à existência e ao conhecimento que temos desses originais, preservados e digitalizados pelas instituições que os mantêm. Incluímo-nos, dessa maneira, na chamada “crítica de original presente”, modalidade de crítica textual “que modernamente se ocupa de autógrafos” (Castro, 2013, p. 102). Tendo em vista que trabalhamos com mais de um testemunho de gênese, a abordagem de nossa edição caracteriza-se como politestemunhal. Diferentemente do que ocorre numa edição monotestemunhal — quando, por exemplo, tem-se um único testemunho reproduzido em fac-símile —, interessa-nos aqui a comparação entre as diferentes etapas do texto dentro de um mesmo paradigma de gênese.

Assim, se, por um lado, na crítica de original ausente busca-se a reconstituição de um original que se encontra perdido ou inacessível, na crítica de original presente — ou edição crítico-genética — o que perseguimos é a reprodução exata desse original, ao que recorreremos à transcrição semidiplomática (Castro, 2013, p. 103). Esse estilo de transcrição pauta-se pelo conservadorismo e pela fidelidade ao original, buscando fixá-lo da maneira mais exata possível. Situada entre a edição diplomática e a edição interpretativa, a semidiplomática caracteriza-se como um meio termo: assim como a diplomática, trata-se da “primeira forma de mediação efetivamente feita pelo crítico textual, sendo esta, porém, bastante limitada: trata-se, portanto, de um *grau baixo de mediação*” (Cambraia, 2005, p. 94), com a diferença de que as abreviaturas do original são desenvolvidas (especificidade que faz mais sentido quando se trabalha com documentos antigos, anteriores ao advento do manuscrito moderno, como códices, pergaminhos, etc., não sendo portanto de grande serventia em nosso caso).

No entanto, ainda que as críticas de original presente e de original ausente apresentem diferenças fundamentais e incontornáveis quanto à finalidade — representadas aqui, em nível teórico, pela dicotomia entre Crítica Genética e Crítica Textual respectivamente —, à medida em que o objeto genético avança no processo de criação tende-se a uma convergência dos métodos de ambas disciplinas, como pondera De Biasi ao afirmar que “de um modo geral, a edição genética de um manuscrito muito adiantado distingue-se pouco de uma edição crítica” (De Biasi, p. 97). É o caso dos datiloscritos com os quais trabalhamos, que se encontram em estado bastante avançado do processo de textualização, já bem próximo da forma a ser publicada. Nessa altura, mais do que flagrar o texto em suas relações com o dossiê genético e documentos pré-textuais, interessa-nos delinear as relações internas entre as campanhas de revisão desses testemunhos de textualização em sua dinâmica de variantes.

Como crítica de original presente, convém atentarmos para a necessária minúcia na transcrição do aparato genético de modo que “esteja preparada para, no futuro, servir de substituto à visualização do próprio documento” (Castro, 2013, p. 105), haja vista que paira sobre os testemunhos autógrafos a “ameaça de um rápido desvanecimento físico”. Vale ressaltar que, embora os recentes progressos tecnológicos na área da informática tenham contribuído para a digitalização de documentos históricos com cada vez mais precisão e volume de dados, não deixa de ser irônico que, no caso deste estudo, embora o testemunho tenha chegado ao nosso conhecimento justamente por meio da divulgação de cópias digitalizadas em alta definição pela BNP, ainda tenha sido necessário que acessássemos diretamente os documentos em suas respectivas instituições mantenedoras para que dirimíssemos dúvidas as quais o processo de digitalização não foi capaz de esclarecer, conforme mencionamos anteriormente no tocante às cores das tintas no testemunho A.

Retrospectivamente, diante do cenário em que nos encontrávamos no Mestrado, é preciso dizer que a opção inicial por uma edição fac-similar cai agora para dar lugar, no Doutorado, ao aparato genético transcrito de forma semidiplomática. Uma vez que a chamada “topografia das emendas” (2013, p. 100), tanto em A quanto em A’, apresenta uma dinâmica mais usual e previsível, sem disposições gráficas demasiado complexas e inusitadas no espaço da página ou operações editoriais fragmentadas o suficiente para que extrapolem a sinalética legada pela Equipa Pessoa (Castro, 2013) — cujo sistema usamos como base para esta

edição —, não vemos mais necessidade de incluir fac-símiles dos fôlios ao lado da transcrição, sendo esta o ponto de partida para nossas interpretações. De agora em diante, utilizaremos reproduções fac-similares apenas de maneira pontual, quando houver necessidade de ilustrar uma decisão (como a determinação de campanhas, por exemplo) com base em evidências materiais, remetendo sempre que possível à seção de Anexos ou, quando muito, utilizando reproduções restritas a segmentos menores.

Uma vez que o foco deste estudo não é a constituição por si só de uma edição crítico-genética da obra — entendida como objeto avulso e autônomo —, mas sim uma discussão de aspectos específicos do processo de gênese *a partir* da edição desses testemunhos — em particular de suas chamadas “emendas silenciosas” —, faz-se necessário sublinhar o papel assumido pelo aparato de “habilitar o leitor a conhecer, reproduzir e testar os procedimentos do editor, função primordial em disciplina científica” (2013, p. 103), sendo, portanto, auxiliar na discussão dos procedimentos de edição, ou seja, um meio para nossa abordagem, e não um fim.

2.4.2) *Corpus* de texto

Outro ponto relevante diz respeito à amostragem do objeto de nossa transcrição, circunscrita ao primeiro capítulo da obra (Saramago, 1984, p. 11-31) e equivalente a 20 fôlios segundo os parâmetros de texto do testemunho A. Em relação ao cenário em que nos encontrávamos quando iniciamos o estudo de nosso objeto no Mestrado, o acréscimo de mais um testemunho (A') à nossa edição já se configura por si só uma ampliação exponencial do escopo deste estudo não só em termos quantitativos, como também qualitativos, dada a envergadura da discussão sobre o estatuto desse novo testemunho bem como o seu impacto na edição. De modo que decidimos seguir na análise da mesma amostragem adotada anteriormente, porém acrescida da respectiva amostragem do testemunho A', além da amostragem do testemunho B com a qual já trabalhávamos. O fato de termos circunscrito nossa análise ao primeiro capítulo não exclui, evidentemente, o exame da íntegra dos manuscritos autógrafos (A e A') de modo a não deixar passar nenhuma campanha de revisão ou evidência material que porventura ocorresse para além daquelas constatadas na amostragem à qual nos restringimos. Esse recorte, acompanhado da devida cautela nas considerações e nas generalizações acerca dos padrões das emendas, desobriga-nos a princípio da tarefa hercúlea de editar os quase mil fôlios dos testemunhos autógrafos — fora as 415 páginas da edição príncipe, para que assim

nos possamos concentrar nas evidências apresentadas pela edição dos três testemunhos do capítulo inicial. Em outras palavras, restringimo-nos à edição do primeiro capítulo, em detrimento de uma edição integral, haja vista o aporte de um terceiro testemunho nesse ínterim, priorizando assim a discussão sobre o estatuto da campanha de emendas silenciosas e sua centralidade nesta edição.

2.4.3) Sinalética

No tocante à sinalética, conforme dito anteriormente, adotamos o modelo da Equipa Pessoa (Castro, 2013), uma vez que a distribuição das emendas nos testemunhos genéticos de que nos ocupamos não foge à lógica de grande parte dos manuscritos e datiloscritos, sobretudo daqueles que se encontram numa etapa de elaboração já mais próxima da publicação. De maneira geral, o que se observa nesses datiloscritos é que a primeira variante manuscrita, não importa a campanha de revisão à qual pertença, encontra-se na entrelinha superior, cabendo à entrelinha inferior as emendas seguintes no caso da falta de espaço, sendo frequente o emprego de cunhas para indicar o ponto exato em que se inserem na linha base. Também se observam acréscimos nas margens, embora sejam menos recorrentes, e, em dois casos (não presentes nesta amostragem), o uso do verso dos fôlios para o registro de variantes.

< > segmento autógrafo riscado

□ espaço deixado em branco pelo autor

† palavra ilegível

< > / \ substituição por superposição, na relação <substituído> /substituto\

< > [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

<†> riscado autógrafo ilegível

[*marg. sup.*] acréscimo na margem superior

[*marg. inf.*] acréscimo na margem inferior

Nosso adendo à sinalética foi o sinal de transposição [↔] que corresponde, no caso desta edição, à inversão de segmentos já dados pelo texto realizada de uma só vez por meio de uma chave manuscrita, que começa numa linha e atravessa para a

outra linha no ponto onde a inversão entre os segmentos deve ser realizada. A necessidade da inclusão deste símbolo em nossa edição resulta da singularidade que esta operação assume nos datiloscritos, diferindo de um reordenamento que se vale, por exemplo, da supressão de um segmento para seu acréscimo em outro ponto do enunciado. Vale dizer que há um número significativo desse tipo de operação nos datiloscritos, sobretudo no testemunho A, o que talvez se explique pelo ponto adiantado em que se situava o processo de gênese, no qual, tanto quanto inserir ou suprimir elementos, há também a necessidade de rearranjá-los sem recorrer a marcas editoriais excessivas que poderiam sobrecarregar o documento.

Quadro 2 – Exemplos de reordenamento no testemunho A e respectivas transcrições

do [constante↔mau tempo]	de [meteorologia↔amena]

Por se tratar de uma edição politestemunhal, também acrescentamos à sinalética a indicação dos testemunhos onde ocorrem as emendas. Assim sendo, *todas* as emendas que *não* estiverem contidas no testemunho A serão designadas entre chaves {} e acompanhadas pelo indicador sobrescrito {^{A'}} ou {^B}. Quando elas ocorrerem em A, virão apenas entre colchetes [parênteses retos]. Esses sobrescritos, que indicam em qual testemunho se dá a emenda, podem trazer ainda um descritivo adicional referente à materialidade (letras sobrescritas minúsculas), isto é: onde se lê {^{A'a}}, significa que temos uma emenda contida no testemunho A' realizada com caneta azul de forma manuscrita (“a” de “azul” em sobrescrito minúsculo). Vale notar que a lição referente a B não possui tais descritivos, já que se trata de um testemunho impresso, aparecendo invariavelmente como {^B}.

Se nos depararmos, por exemplo, com o trecho transcrito [^{Ad}↑terra], significa que se trata do acréscimo do segmento “terra” na entrelinha superior do testemunho A de forma datiloscrita. Se lemos [^{Aa}↑terra], por sua vez, trata-se praticamente da mesma operação acima mencionada, porém com a diferença de que se deu de forma manuscrita em tinta azul. Ou, ainda, no caso da transcrição [^{Ap}↑terra], dá-se o mesmo, porém em tinta preta. E assim por diante.

Recapitulando: a letra maiúscula sobrescrita informa em qual testemunho se dá a emenda; e a letra minúscula sobrescrita que a acompanha indica a materialidade

da emenda (se é manuscrita em tinta azul, preta, etc.). A combinação dessas duas informações, juntamente com as indicações topográficas (entrelinha superior, inferior, margem direita, etc.), guiam nosso aparato no delineamento das campanhas de revisão.

Quadro 3 – Glossário de símbolos dos lugares críticos	
[]	Indica que a emenda descrita situa-se em A.
{ }	Indica, genericamente, que a emenda descrita situa-se <i>fora</i> de A.
{ ^A }	Indica, especificamente, que a emenda descrita situa-se em A'.
{ ^B }	Indica, especificamente, que a emenda descrita situa-se em B.

2.4.4) Cronologia das campanhas

A partir da comparação entre os textos dos três testemunhos da obra, fomos capazes de estabelecer não só o encadeamento genético entre eles como também, na medida do possível, uma cronologia das campanhas de revisão. A princípio, conforme já dissemos, tivemos acesso à versão digital do testemunho A na altura do Mestrado e procedemos à comparação de suas lições com as do texto estabelecido pela edição príncipe (B). À evidência de que B era o testemunho sucedâneo direto de A, nossa descoberta posterior do testemunho A' nos levou à constatação de que este representava um estado do texto intermediário entre os testemunhos A e B, haja vista que A' incorporava boa parte das variantes do testemunho A — assim como também refutava algumas delas —, ao passo que B, por sua vez, incorporava praticamente todas as variantes mais recentes de A'. De modo que pudemos estabelecer o seguinte encadeamento: A > A' > B.

Vejamos nos quadros abaixo um exemplo de discrepância entre as lições dos testemunhos A e B para um mesmo ponto crítico: anteriormente considerada “invisível”, a ocorrência da misteriosa emenda é elucidada após a introdução do testemunho A' no horizonte da edição, o que reforça, além de tudo, a posição do testemunho A' como intermediário na cadeia genética entre A e B.

Quadro 4 – Edição crítico-genética com dois testemunhos: A e B	
A	B
Para lá dos barracões do cais	Para além dos barracões do cais

Quadro 5 – Edição crítico-genética com três testemunhos: A, A' e B		
A	A'	B
Para lá dos barracões do cais	Para <lá>[↑ além] dos barracões do cais	Para além dos barracões do cais

Para cada testemunho, a começar por A, procedemos ao estabelecimento da cronologia das campanhas, discerníveis a princípio por meio de sua materialidade: a primeira campanha corresponde à datiloscrita (A^d); em seguida, temos as demais campanhas de revisão manuscritas nas cores azul e preta (A^a, A^p), sem que possamos determinar uma sequência entre estas últimas, limitando-nos a afirmar que esse “bloco” de campanhas (A^{ap}) sucede a campanha datiloscrita.

Quadro 6 – Campanhas de revisão do testemunho A
<p>A^d : campanha de revisão datiloscrita do testemunho A.</p> <p>A^a : campanha de revisão manuscrita em tinta azul do testemunho A.</p> <p>A^p : campanha de revisão manuscrita em tinta preta do testemunho A.</p>

A mesma lógica se aplica ao testemunho A': a primeira campanha aqui é a datiloscrita (A'^d), que pela lógica sucede as campanhas manuscritas do testemunho A (A^{apv}). Na sequência, a campanha A'^d é sucedida por campanhas manuscritas de outras cores (A'^c, A'^a, A'^p, A'^v). E, finalmente, vem o testemunho B, cujo texto estabelecido incorpora praticamente todas lições mais recentes de A', divergindo, quando muito, em questões de grafia.

Quadro 7 – Campanhas de revisão do testemunho A'

<p>A'^d : campanha de revisão datiloscrita do testemunho A'.</p> <p>A'^c : campanha de revisão manuscrita em tinta monocromática (cor indeterminada) do testemunho A'.</p> <p>A'^a : campanha de revisão manuscrita em tinta azul do testemunho A'.</p> <p>A'^p : campanha de revisão manuscrita em tinta preta do testemunho A'.</p> <p>A'^v : campanha de revisão manuscrita em tinta vermelha do testemunho A'.</p>	

Ainda no testemunho A', trabalhamos com a hipótese, no tocante à cronologia das campanhas, de que seria possível posicionar uma determinada campanha entre A'^d e o conjunto das demais manuscritas (A'^{apv}): trata-se da campanha A'^c, genericamente caracterizada como uma campanha em tinta monocromática, e que, diferentemente das demais, apresenta uma característica bem delineada associada à correção de erros de cópia cometidos na campanha anterior (A'^d). Além disso, a tonalidade monocromática da referida campanha pode ser um indício de que o testemunho A', tal qual nos é dado conhecer, seria resultado de um processo de fotocópia de uma versão inicial do testemunho A' que, uma vez fotocopiado, acabou por se perder, restando apenas a fotocópia monocromática à qual se acrescentaram posteriormente outras emendas. Sobre essa hipótese, iremos abordá-la mais detidamente no capítulo da Descrição Material do testemunho A'. Por ora, tenhamos em mente que as características (tanto materiais quanto editoriais) da campanha A'^c nos levam a crer que, em termos cronológicos, ela sucede a campanha A'^d e antecede o conjunto de campanhas manuscritas em cores (A'^{apv}).

Em síntese, esse encadeamento dos testemunhos ao longo da sucessão de suas campanhas pode ser descrito nos seguintes termos práticos: o autor datilografa o texto (A^d), corrige-o a caneta ($A^a + A^p$), passa-o a limpo na máquina de escrever (A'^d) ao mesmo tempo em que introduz inovações, faz correções pontuais a caneta (A'^c), realiza uma fotocópia do documento (conforme nossa hipótese) e, sobre essa cópia, ainda produz novas emendas ($A'^a + A'^p + A'^v$). A partir daí, a casa editorial publica a primeira edição (B) com ligeiras e pontuais discrepâncias ortográficas em relação a A' .

2.4.5) Aparato genético e classificação das emendas

Nesta edição o aparato está dividido em dois formatos com finalidades distintas: uma transcrição conservadora do texto, que reúne as lições dos três testemunhos, e a que recorreremos quando queremos acesso à descrição em estado bruto das lições; e uma tabela de emendas que, a partir dessa transcrição, compila e sintetiza cada operação editorial (tanto emendas manifestas quanto silenciosas) à maneira de uma transcrição diacrônica linearizada (De Biasi, 2010, p. 87), simulando sucessivas etapas ou versões de paradigmas editoriais e categorizando as emendas de acordo com diversos parâmetros, tais como sua natureza operacional (acréscimo, supressão, substituição e reordenamento), manifestação (emenda manifesta/gráfica ou oculta/silenciosa), localização (fólio), bem como outras informações adicionais sobre cada operação (como indicações de erros de cópia, de emendas imediata, etc.).

Ambos formatos apresentam prós e contras, e por isso devem ser lidos como complementares: enquanto na transcrição linear temos acesso ao contexto dos enunciados da obra, por outro lado nos deparamos com um grande número de variantes, muitas vezes se acumulando num mesmo ponto crítico e demandando mais esforço para perceber suas relações, em virtude da quantidade de dados; ao passo que na tabela, embora percamos a noção do todo do texto, a leitura de cada ponto crítico em separado facilita nossa compreensão das operações editoriais ao decompô-las em estados sucessivos, mostrando-se particularmente útil na elucidação das elipses representadas pelas emendas silenciosas. É a este último formato, o de tabela, que recorreremos para comentar mais adiante exemplos de variantes, usando o modelo de transcrição diacrônica linearizada para representar os diferentes paradigmas das lições através das campanhas dos testemunhos.

Quadro 10 – Dois formatos do aparato genético (exemplos): Transcrição linear do texto x Tabela dos pontos críticos	
10.1) Transcrição	
<Aqui, onde a terra começa e o mar se acaba.><[^{Aa} ↑Eis onde o mar acaba e a terra principia.]>[^{Aa} ↑Aqui o mar acaba e a terra principia.] Chove sobre a cidade pá-lida, as águas do rio <vêm>[^{Aa} ↑correm] turvas de barro, há cheia< ^{Aa} s> <lá para cima.>[^{Aa} ↑nas lezírias]. Um< ^{Aa} a> <escuríssima barca>[^{Aa} ↑barco escuro] sobe <a corrente	

soturna>[^{Aa} ↑{ ^{A'd} o}fluxo soturno,] [^{Aa} ↑é] o Highland Brigade [^{Aa} ↑que] vai { ^{A'd} <vai>[^{A'a} ↑vem]} atra- <s>/ ^{Aa} c\ar ao cais de Alcântara. <É inglês este vapor.>[^{Aa} ↑O vapor é inglês,]				
10. 2) Tabela de pontos críticos				
fl. 1	adição	supressão	substituição	reordenamento
			<Aqui, onde a terra começa e o mar se acaba.> [^{Aa} ↑Eis onde o mar acaba e a terra principia.]	
			<[↑Eis onde o mar acaba e a terra principia.]> [^{Aa} ↑Aqui o mar acaba e a terra principia.]	
			<vêm>[^{Aa} ↑correm]	
		cheia< ^{Aa} s>		
			<lá para cima.> [^{Aa} ↑nas lezírias]	
		Um< ^{Aa} a>		
			<escuríssima barca> [^{Aa} ↑barco escuro]	
			<a corrente soturna> [^{Aa} ↑fluxo soturno,]	
<i>adic.</i>	{ ^{A'd} o}fluxo soturno,			
<i>sil.</i>	[^{Aa} ↑é]			
	[^{Aa} ↑que]			
			<vai>{ ^{A'a} ↑vem}	
<i>ort.</i>			atra- <s>/ ^{Aa} c\ar	
<i>supr. + adic. = reord.</i>		<É inglês este vapor.>		

Em ambos exemplos apresentados nos quadros acima, que equivalem exatamente à mesma amostragem de texto transcrito, observamos logo de cara não apenas a diferença de extensão entre as representações de um mesmo trecho, mas,

também, a organização das informações. No quadro 10.1 temos uma transcrição conservadora que agrupa os três testemunhos e obedece à quantificação de texto do testemunho A linha por linha (opção que se justifica pelo fato de ser o primeiro testemunho genético de textualização da obra de que temos notícia e por ter a maior concentração de emendas manifestas). E no quadro 10.2, vemos o desdobramento da formatação anterior, sacrificando-se a integralidade do texto em prol da síntese e da classificação dos pontos críticos em colunas, com o acréscimo de informações pontuais sobre cada operação sob a forma de abreviaturas na coluna à esquerda.

Quadro 11 – Glossário de abreviaturas da tabela de pontos críticos do Aparato Genético
<i>fl.</i> : fôlio. <i>adic. sil.</i> : adição silenciosa. <i>ort.</i> : correção ortográfica. <i>supr. sil.</i> : supressão silenciosa. <i>subst. sil.</i> : substituição silenciosa. <i>reord. sil.</i> : reordenamento silencioso. <i>supr. + adic.</i> = reord. : reordenamento via supressão e adição. <i>versão</i> : variante em aberto. <i>ort. ed.</i> : correção ortográfica realizada pelo testemunho B. <i>emenda gerencial</i> : intervenção autógrafa ou anotação que não interfere como variante no texto. <i>e.c.</i> : erro de cópia. <i>em. imed.</i> : emenda imediata. <i>marc. pag.</i> : marcador de paginação do testemunho A referente a A' (páginas 9 a 15)

No caso de emendas silenciosas, como veremos no tópico a seguir, a formatação do aparato que privilegia os pontos críticos conta com a vantagem de decompor essas operações ocultas em detalhes, eventualmente explicitando e contabilizando — onde à primeira vista se lê apenas uma discrepância — mais de uma emenda.

2.4.6) Emendas silenciosas

Convém nos determos no desafio que representa ao aparato genético aquelas alterações efetuadas durante a passagem a limpo do testemunho A, batizadas de “emendas silenciosas”. Conquanto não haja dificuldades de representação no caso de emendas manifestas, fato é que a campanha datiloscrita de A', também conhecida como A'^d, às vezes traz lições que divergem na surdina das variantes de A. Esse tipo específico de emenda, por não se encontrar manifesto nem no testemunho A nem no

testemunho A' — mas que resulta da comparação entre ambos — assume, na transcrição do texto, a forma de uma justaposição de operações editoriais ou paradigmas de texto que se encontram em testemunhos diferentes, enfatizando assim a discrepância entre lições que ocupam pontos equivalentes do texto.

Quadro 12 – Representação de emendas silenciosas no aparato (exemplo)	
A	A'
< ^{Ad} hesitam,>[^{Aa} ↑hesitantes]	[^{Aa} ↑hesitantes]{ ^{Ad} hesitando}
<i>emenda manifesta</i>	<i>emenda silenciosa</i>

No exemplo acima, extraído do aparato e dividido em duas colunas para efeito didático, temos a representação sinalética de duas operações editoriais relativas a um mesmo ponto crítico que liga os testemunhos A e A'. Na coluna do testemunho A, vemos a substituição de um termo datiloscrito por outro manuscrito em tinta azul na entrelinha superior do testemunho A. Na coluna do testemunho A', temos o desdobramento do mesmo ponto crítico em outra substituição ainda, porém de maneira dissimulada, na qual a variante da campanha A^a que se esperaria ver passada a limpo em A' é abandonada no ato da cópia e substituída diretamente por outro segmento datiloscrito (A'^d). Há também outras ocorrências ainda menos ostensivas de alterações silenciosas na altura da campanha A'^d, tais como supressões, adições e até mesmo reordenamentos de segmentos que não contavam com rasuras ou emendas prévias.

No quadro a seguir, vemos na primeira linha um caso de reordenamento indicado em A porém abortado em A'; na segunda linha, temos um exemplo de supressão manifesta em A, à tinta azul, que depois é cancelada no testemunho B (neste caso, a lição de B é a mesma de A'), como se o autor desistisse, durante a passagem a limpo, tanto da inversão quanto da supressão.

Quadro 13 – Representação de emendas silenciosas no aparato (exemplo)	
A	A'
[o céu ^{Aa} ↔anda]	{ ^{Ad} o céu anda}
teríamos < ^{Aa} nós>	teríamos { ^B nós}

3. Descrição do objeto

3.1) Análise material

3.1.1) Testemunho da Biblioteca Nacional de Portugal (A)

O testemunho do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal (referido no espólio como item Esp. N45/11) foi datilografado pelo próprio José Saramago em 1983. Trata-se de 365 fôlios, em folhas A4 (dimensões de 30 x 21 cm), datilografados em tinta preta e com emendas autógrafas em tinta azul e preta esferográfica. Na primeira folha do texto, no canto superior à direita, há uma anotação autógrafa riscada: “Rever, repensar, reescrever.” (ver Anexo 7.1). As folhas possuem numeração compreendida entre 1 e 365, que corresponde ao número de páginas do romance. Há, ainda, mais três folhas: a de rosto, a tábua de publicações e a de epígrafes. Nos versos das folhas 39 e 341, há pequenos trechos de textos datiloscritos. E no verso da folha 216, há o esboço de cálculos matemáticos. Ainda segundo a descrição do catálogo fornecida na Coleção José Saramago, trata-se de uma versão muito próxima daquela publicada pela Editorial Caminho em 1984, “embora esta última não contemple todas as emendas deste documento e introduza outras alterações”. Tal anotação dá a entender, novamente, que a BNP não tinha conhecimento do testemunho da FJS à época, creditando a introdução de mudanças tão somente à edição príncipe (B), quando, na verdade, esta estava reproduzindo as lições do testemunho A’.

Vale registrar a ocorrência de marcações — que, em nosso *corpus*, vão da página 9 a 14 —, sob a forma de um traço transversal (um por página) em tinta azul esferográfica seguido de numeração, cujo intuito era indicar no testemunho da BNP onde começava e onde terminava o texto correspondente de cada página do testemunho da FJS (Anexo 7.2). Ao que tudo indica, essas marcas devem ter sido produzidas posteriormente, em algum momento durante ou após a produção do testemunho A’, provavelmente como forma do autor orientar-se na passagem a limpo, abandonando e retomando essas marcações, de forma intermitente, ao longo do testemunho (ver Anexo).

À parte as campanhas manuscritas, no que diz respeito à questão de o testemunho ter sido ou não datilografado pelo próprio autor, seu editor à época na

Editorial Caminho, Zeferino Coelho, afirmou-nos que José Saramago datilografou ele próprio o testemunho em questão. Além disso, é razoável deduzir que o escritor produziu diretamente na máquina de escrever os testemunhos de textualização de seu romance. Essa constatação não decorre apenas de relatos de pessoas próximas ao autor, como o próprio Coelho, ou de obras documentais audiovisuais que registraram a rotina de trabalho de José Saramago digitando seus livros, como no documentário *José e Pilar* (2010); mas decorre também da perspectiva de que emendas datiloscritas substanciais, de natureza criativa, dificilmente poderiam ser atribuídas a um eventual assistente incumbido de passar a limpo seus rascunhos.

Tendo em vista o espólio genético não apenas desta obra, mas de outras do mesmo autor, como por exemplo de *Levantado do chão* (1980), que também se encontra na BNP, é possível que estejamos diante de um padrão: o material pré-redacional, como anotações relacionadas à pesquisa, agendas e cadernos de viagem, apresenta-se geralmente sob a forma manuscrita; ao passo que documentos mais elaborados e avançados no processo de gênese, desde apontamentos até chegar ao testemunho de textualização da obra propriamente dito, apresentam-se sob a forma datiloscrita, e, com o avanço tecnológico, passam a ser digitados no computador, como no caso de *A viagem do elefante* (2008), cujo processo de criação é vislumbrado no documentário audiovisual supracitado, ou mesmo do último de seus diários publicado (Saramago, 2019), cujos arquivos até então desconhecidos foram encontrados numa pasta de seu computador em 2018.

3.1.2) Testemunho da Fundação José Saramago (A')

Conforme já descrevemos no capítulo dedicado ao acesso aos testemunhos, o testemunho A', que se encontra na Fundação José Saramago, não foi incluído no espólio da BNP nem na Coleção José Saramago para consulta pelo site. Trata-se de um conjunto de 402 fólios, além de uma folha de rosto e de uma folha de epígrafes, no formato A4, datilografado em tinta preta e com emendas manuscritas em caneta esferográfica nas cores azul, preta e vermelha (Anexo 7.3). A ocorrência de emendas neste testemunho é muito menor do que no testemunho A.

Para além das emendas em tinta azul, preta e vermelha, trabalhamos com a hipótese de que há uma campanha de emendas nesse testemunho que se distingue, em nível material, pela tonalidade monocromática menos saturada, compatível com a da campanha datiloscrita. Em que se pese a dificuldade de fazer essa distinção cromática

por meio do registro digitalizado que nos foi permitido realizar desse documento — em condições técnicas não ideais —, impõe-se a questão paleológica de se realizar uma interpretação correta da materialidade de sua escrita. Para evitar uma análise impressionista de nosso objeto, vale ressaltar que a avaliação empírica do testemunho quando o tivemos em mãos — na oportunidade oferecida pela instituição para que pudéssemos consultá-lo e digitalizá-lo simultaneamente — esbarra no limite da reprodutibilidade das evidências que sustentam nossas teses.

Dito isso, a hipótese da fotocópia, mencionada anteriormente, pressupõe que o testemunho A', após passar a limpo o testemunho anterior na altura da campanha datiloscrita A'^d, sofre algumas emendas (cuja finalidade seria a de corrigir eventuais erros de cópia) e, posteriormente, passa por um processo de fotocópia. Seria nesse ponto que as emendas engendradas com o intuito de correção veriam sua tonalidade tornar-se homogênea em relação à do datiloscrito, constituindo-se o que viemos a chamar de campanha A'^c. Além da tonalidade, observamos também na maioria dos fólhos de A' registros de manchas escuras verticais que são típicas de folhas de papel que passam por esse processo de reprodução (Anexos 7.4 e 7.5). No caso de ter existido, esse “proto-rascunho” de A' que teria servido de base para a fotocópia, e sobre o qual veríamos depositadas apenas as campanhas A'^d e A'^c, provavelmente deve ter sido descartado.

3.1.3) Testemunho da Editorial Caminho (B)

A primeira edição do romance foi publicada pela Editorial Caminho no ano de 1984 em Lisboa, Portugal, e contou com uma tiragem inicial de 6.000 exemplares (impressos em outubro do mesmo ano) em formato brochura, 21 x 13 cm (Anexos 7.6 e 7.7). Seu editor à época, Zeferino Coelho, não forneceu muitos detalhes sobre o processo de edição a partir da chegada dos originais à casa editorial, exceto que “é possível e até provável, que a edição publicada tenha alterações em relação ao dactiloscrito”, conforme nos escreveu por e-mail. Alterações essas, vale dizer, que pudemos constatar ao nível da ortografia — ao menos na edição do *corpus* a que nos restringimos — e, num nível mais específico, no caso da substituição de dois segmentos.

Ainda que não pretendamos realizar uma análise da tradição impressa dessa obra, que passou por reedições, haja vista a natureza genética desta edição, é importante notar que a primeira edição brasileira do romance foi publicada em 1988 pela Companhia das Letras. A editora de Saramago no Brasil, Julia Bussius, afirmou-nos que a primeira edição no Brasil valeu-se da primeira edição portuguesa de 1984 como base (a da Editorial Caminho utilizada neste estudo), e que “o autor [Saramago] sempre pedia que as edições mantivessem a ortografia vigente em Portugal, então não houve qualquer alteração no texto publicado no Brasil.”

4. Análise das variantes

4.1) Considerações gerais

Vimos até aqui que, do ponto de vista da expressão, encontramos basicamente diante de dois tipos de emendas: as emendas manifestas, gráficas ou explícitas, que se encontram em abundância no testemunho A, porém em menor quantidade em A’; e aquelas emendas “silenciosas”, ocultas ou implícitas, que não se manifestam por rasuras e ocorrem na passagem a limpo, sendo perceptíveis apenas através da comparação das lições dos testemunhos. Não é possível dizer, com o que temos de evidências, se há dessas emendas dissimuladas no testemunho A, uma vez que não é de nosso conhecimento a existência de um testemunho de textualização anterior a ele para que possamos compará-los. No entanto, sabemos que no

testemunho A' há tanto emendas silenciosas (em relação ao testemunho A) quanto emendas manifestas.

Do ponto de vista das campanhas de revisão, como já mencionamos, contamos com três campanhas no testemunho A (A^d , A^a e A^p) e cinco campanhas em A' (A'^d , A'^c , A'^a , A'^p e A'^v). No que diz respeito à sua cronologia, no testemunho A temos primeiramente a campanha datiloscrita (A^d) e, depois, o conjunto das campanhas A^a e A^p , sendo impossível especificar a ordem entre estas duas últimas; no testemunho A', temos a campanha A'^d em primeiro lugar, seguida de A'^c e, por sua vez, o conjunto de campanhas A'^a , A'^p e A'^v . E, por fim, temos o testemunho B com suas lições divergentes e pontuais, relacionadas à ortografia.

Compondo essas campanhas acumuladas ao longo do processo criativo, temos as emendas manifestas como registros unívocos da sucessão das variantes e, portanto, mais facilmente representáveis no aparato genético de nossa edição. Temos, por outro lado, as emendas silenciosas, cuja representação no aparato implica, para além da descrição conservadora das lições, um trabalho crítico no sentido textual de comparação entre os testemunhos e de detecção de erros e variantes. Diferentemente das emendas manifestas, contempladas pelas representações vetoriais da sinalética (entrelinha superior, inferior, margem esquerda, direita, etc.), as emendas silenciosas neste caso operam tão somente por contraste em relação a seus pontos críticos equivalentes, sublimando muitas vezes, de um só golpe, mais de uma operação editorial e sem promover rasuras, haja vista que ocorreu no ato da cópia a partir de um cálculo mental do escritor.

Ao observarmos o encadeamento genético dos testemunhos, vemos não só que o testemunho A' é, *grosso modo*, uma passagem a limpo do testemunho A que o antecede, mas que a campanha A'^d especificamente representa essa passagem a limpo e, como tal, assume-se como síntese das emendas silenciosas produzidas no ato da cópia. De maneira que nossa atenção se volta para esse “divisor de águas” dentre as campanhas de revisão, situado a meio caminho entre os testemunhos A e B, indicando-nos como a compreensão do estatuto genético da campanha A'^d passa pela relação da mesma com as demais campanhas, tanto com aquelas que vieram antes quanto com aquelas que vieram depois.

4.2) Descrição das tipologias de campanhas

Recorrendo ao conceito de tipologia antetextual para descrever os “hábitos variáveis dos escritores” (Grésillon, 1991, p. 11), buscamos compreender melhor o *modus operandi* do autor por meio da identificação de padrões ou recorrências editoriais ligados à etapa datiloscrita do testemunho A’. Tanto no levantamento das variantes quanto na determinação das campanhas de revisão, observamos movimentos genéticos que, por assim dizer, repetem-se aqui e ali com algum grau de variação no que diz respeito ao comportamento das variantes em relação às campanhas, o que nos levou a agrupar esses “comportamentos” em casos ou situações descritos segundo dois critérios gerais: o da pluralidade de lições envolvidas em cada ponto crítico de interesse e o de ressurgência ou não de variantes descartadas anteriormente (em oposição à produção de variantes novas). Ao levarmos em consideração a pluralidade das lições, buscamos determinar o universo de opções do autor no momento da escolha, ao passo que na ressurgência de variantes, o que está em jogo é a oscilação entre o impulso de resgatar lições passadas e o de produzir novas variantes, esboçando assim as linhas gerais de uma dinâmica genética das variantes dentro do universo das lições desses testemunhos.

Assim, em linhas gerais, partimos da divisão desses casos em três grandes situações nas quais as emendas silenciosas encontram-se em evidência:

- 1) quando o testemunho A’ se depara com *uma única lição* no testemunho A;
- 2) quando o testemunho A’ se depara com *mais de uma lição* no testemunho A;
- 3) quando o testemunho B produz uma inovação em relação a A’.

Por se tratar de testemunhos genéticos, interessam-nos aqui sobretudo as primeiras duas situações (1 e 2) com seus desdobramentos e suas especificidades. A situação 3 diz respeito ao estabelecimento do texto pela edição príncipe, com variantes que se distanciam do terreno da autoralidade, ao passo que as situações 1 e 2 se organizam em torno da campanha associada à passagem a limpo, desdobrando-se por sua vez em subcasos particulares que explicaremos a seguir.

4.2.1) Situação 1

Na situação 1, observamos que, de maneira geral, o testemunho A' produz uma inovação quando diante de uma única lição no testemunho A. Isto é: diante de um segmento da campanha A^d, produz-se uma variante em A'.

Essa variante, porém, em vez de ser criativa, pode ser a retificação de um erro de cópia ligado à campanha A'^d, conforme já mencionamos anteriormente. No exemplo 1 abaixo, o segmento “bons” (A^d) foi suprimido silenciosamente na campanha A'^d e, depois, foi resposto na campanha A'^c na forma de um acréscimo na entrelinha superior.

(1) que <A^dbons> ventos que {A'^c↑bons} ventos

No exemplo 2, o segmento datiloscrito “emciados” é acrescido da sílaba “ba” na campanha A'^c, após ter sido omitida por engano no ato da passagem a limpo.

(2) A^demciados em{A'^c↑ba}ciados

Em outro desdobramento dessa situação, pode acontecer também que o testemunho A', diante de uma única lição em A, produza uma inovação no ato da cópia para, mais tarde, retomar a lição preterida valendo-se de uma emenda manifesta.

No exemplo 3 abaixo, o segmento “cais” é substituído diretamente por “cofre” no ato da cópia, sendo depois retomado por meio de um acrescento superior (A'^c).

(3) <A^dcais>{A'^dcofre} <A'^dcofre>{A'^c↑cais}

Vale notar que, no exemplo 3, embora aparentemente a campanha A'^c esteja associada a uma variante criativa, uma vez que, num primeiro olhar, diga respeito à substituição de uma palavra por outra (da mesma categoria gramatical), uma análise mais detida denuncia a ocorrência de um possível lapso. Ao passar a limpo o texto de A, o “autor-copista” teria enganado-se e, em vez de escrever “contra as pedras do **cais** foi desfazer-se o **cofre**”, datilografou “contra as pedras do **cofre** foi desfazer-se o **cofre**”. Tal erro pode acontecer, como boa parte dos erros de cópia, durante a etapa de “retenção do texto” ou “ditado interior” (Cambraia, 2005, p. 80), em que o copista dita para si internamente aquilo que vai escrever, porém o faz à sua maneira. O fato dos dois segmentos trocados começarem pela mesma letra pode ter sido um

facilitador. Posteriormente, o segmento “cofre” é rasurado e a lição “cais” é restituída na entrelinha superior (campanha A^c). Aqui, convém aclararmos a distinção entre “variante” e “erro de cópia”. Se uma variante, de maneira geral, equivale a “qualquer lição divergente em relação às outras que constituem a ‘*varia lectio*’ (lições concorrentes)” (Spaggiari e Perugi, 2004, p. 36), um erro de cópia, por sua vez, corresponde a “modificações involuntárias” que ocorrem “por lapso de quem reproduz o texto” (Cambraia, 2005, p. 10), como parece ser o caso acima envolvendo os segmentos “cais” e “cofre”.

(4) [^{Aa}↑seja essa...] {seja^{A^d}↔essa} [essa^{A^a}↔seja]

No exemplo 4, por sua vez, a variante “seja essa” (A^a) é abandonada na passagem a limpo e grafada diretamente como “essa seja” na campanha A^d, para que, depois, seja retomada a lição que fora abandonada, utilizando-se para esse fim um sinal de transposição (emenda manifesta ligada à campanha A^a). Temos, portanto, um arrependimento (exemplo 4) e uma retificação de um erro de cópia (exemplo 3).

A situação 1, em suma, abrange casos em que há divergência da lição de A^d em relação a uma única lição presente em A, seja esta divergência um erro de cópia involuntário a ser corrigido na campanha A^c, seja uma divergência deliberada no ato da cópia que será, posteriormente, anulada por uma emenda manifesta, a qual restituirá a lição que fora rechaçada pela campanha A^d.

4.2.2) Situação 2

Na situação 2, a diferença em relação a 1 reside no fato de que o testemunho A’ terá diante de si *mais de uma lição* para escolher em A, inclusas aí variantes abandonadas em prol de outras mais recentes.

Nesse cenário, em que se pese a multiplicidade de lições, uma das ocorrências mais comuns é quando o testemunho A’ produz uma inovação em relação a A:

(5) <^{Ad}hesitam,>[^{Aa}↑hesitantes] [^{Aa}↑hesitantes]{^{A^d}hesitando}

(6) <habilidades>[^{Aa}↑aproximações] <[^{Aa}↑aproximações]>{^{A^d}imitações}

Aqui, a última variante de A (nos exemplos 5 e 6, representada pela campanha A^a) é suprimida no ato da cópia e diretamente substituída por uma variante nova

(Ard). Logo, nem a variante anterior (A^d) nem a mais recente (A^a) são incorporadas, mas uma terceira entra em cena.

Outro caso possível, sob as condições colocadas pela situação 2, é quando essa inovação silenciosa ocorre para que, depois, a lição mais recente seja retomada por meio de uma emenda manifesta em A'.

(7) <motivo>[^{Aa}↑vantagem] <[^{Aa}↑vantagem]>{^{A'd}proveito}
 <^{A'd}proveito.>{^{A'a}↑vantagem.}

Ainda dentro da situação 2, pode acontecer de o testemunho A' retomar diretamente no ato da cópia a primeira lição de A que fora preterida (descartando assim a mais recente das lições de A).

(8) $[\text{Ad o céu anda}]$ $[\text{o céu}^{\text{Aa}} \leftrightarrow \text{anda}]$ $\{\text{A'd o céu anda}\}$

(9) $\langle \text{Ad faziam} \rangle [\text{Aa} \uparrow \text{fizessem}]$ $\langle [\text{Aa} \uparrow \text{fizessem}] \rangle \{ \text{A}^d \text{faziam} \}$

No quarto e último caso sob a situação 2, temos uma exceção que não envolve variantes silenciosas associadas à campanha A^d, mas que se encontra contemplada nessa situação por implicar a passagem a limpo e a restituição de variantes abandonadas. Aqui, acontece justamente que, diante de mais de uma variante, A^d incorpora a última delas, fazendo valer a hierarquia da sucessão de variantes contida em A. Mas depois se observa que esta lição incorporada é abandonada por meio de uma emenda manifesta em prol da restituição da primeira lição (A^d). Ou seja, neste caso o arrependimento se dá por escrito, isto é, de forma manifesta.

$$(10) \langle {}^{\text{Ad}}\text{encontrava} \rangle [{}^{\text{Aa}}\uparrow\text{encontrou}] \langle {}^{\text{A'd}}\text{encontrou} \rangle \{ {}^{\text{A'a}}\uparrow\text{encontrava} \}$$

(11) $\langle^{Ad}nos\rangle[\text{em seus}]$ $\langle^{A'd}em\ seus\rangle\{\text{nos}\}^{A'a}$

Nos exemplos acima (10 e 11), vemos que as variantes manuscritas A^a são incorporadas na passagem a limpo (A^{'d}). Posteriormente, são retomadas as primeiras lições (A^d) por meio de emendas manifestas (A^{'a}). Em relação ao caso anterior, a única diferença é que naquele a primeira lição datiloscrita era restaurada diretamente no ato da cópia (A^{'d}), sem deixar vestígios, ao passo que neste caso a variante mais recente (A^a) é passada a limpo (A^{'d}) e, mais tarde, acaba por cair na campanha A^{'a}.

4.2.3) Situação 3

No que diz respeito ao testemunho B, encontramos poucas e pontuais divergências deste em relação a A', sendo o mais comum que B reproduza a última lição de A'. Trata-se, com raras exceções, de correções ortográficas, como nos exemplos 12 e 13 abaixo:

(12) <^{A'd}números>{^Bnumeros}

(13) <^{A'd}mesa de cabeceira>{^Bmesa-de-cabeceira}

Entre as exceções, encontramos aqui pouquíssimas alterações mais substantivas que envolvem a operação de substituição:

(14) <^{A'd}baixaram>{^Barream}

(15) <^{A'd}arreia>{^Bpousa}

Com essas classificações, buscamos delinear algumas frentes da dinâmica criativa do autor na altura de uma campanha particularmente importante e ambivalente do ponto de vista genético, onde se encontram combinados movimentos de cópia e de criatividade ao longo dos quais o autor passa em revista as soluções encontradas. Essas oscilações podem ser indício de uma consciência por parte do escritor do percurso das variantes até chegar a esse ponto de inflexão do processo, isto é, o da passagem a limpo, bem como indicar a consolidação de uma voz ou tom a ser mantido.

4.3) Considerações finais

Diante das situações analisadas nas quais as campanhas se articulam ao redor da passagem a limpo, cabem ainda algumas reflexões que podem guiar nossas considerações e nos ajudar a entender melhor como esses padrões de reescrita se manifestam ao nível das campanhas de revisão, como no que diz respeito à diferença entre divergir de uma única lição ou divergir de várias ao passar um testemunho a limpo no contexto da gênese. Outro ponto importante tem a ver com o duplo estatuto do testemunho A' (testemunho de cópia e de gênese ao mesmo tempo) e como isso afeta nossa leitura das campanhas. O que nos leva ainda a uma outra questão, relativa

à maneira como a ressurgência dessas variantes nos informam geneticamente sobre a maneira pela qual se estrutura o método de composição do autor em relação a essa obra.

No momento da passagem a limpo, levado a produzir uma versão do testemunho anterior menos carregada de emendas, o escritor está diante não só de suas mais recentes decisões (isto é, as últimas variantes do testemunho A), mas também daquelas variantes deixadas para trás, superadas por outras na cadeia cronológica. Contudo, essas variantes superadas ainda se encontram ali, legíveis na maioria das vezes sob o tachado da caneta ou da máquina de escrever. A obediência estrita à cronologia determinada pela sucessão de emendas pode fazer sentido para o crítico diante de rascunhos alheios, uma vez que almeja estabelecer a sequência dessas operações. Mas de que vale essa lógica para o autor às voltas com a própria obra em andamento? O que nos garante que as variantes cunhadas na altura da última campanha de um testemunho genético, por exemplo, continuariam sendo as mais autorizadas ao serem passadas a limpo pelo escritor?

Há sem dúvida um pretexto de cópia que move o testemunho A' em relação ao A, uma vez que, segundo o conceito de testemunho definitivo, A representa uma imagem consolidada próxima do texto tal qual foi publicado (B), o que justificaria o impulso do autor de reproduzi-la com algum grau de fidelidade. Do ponto de vista autoral, porém, esse grau (de fidelidade) diz respeito a uma visão ou imagem simbolizada pelo testemunho A em sua cronologia de variantes bem delimitada (produzida pelo próprio autor), haja vista que não há, dentro do *corpus* ao qual nos limitamos, ocorrências de variantes em aberto, as quais confeririam um estatuto completamente diferente à campanha de passagem a limpo na atualização das possibilidades. É de se supor então que essa hierarquização das variantes do testemunho A, expressa por uma dinâmica vertical de variantes que se sucedem univocamente, poderia se abrir para o autor na passagem a limpo tanto como uma constelação de lições, menos rígida e mais horizontal — as quais ele poderia revisar e reconsiderar a qualquer momento —, como também um paradigma criativo, um retrato de um momento anterior do processo, em relação ao qual a visão do autor irá oscilar pontualmente, revezando-se entre a reprodução e a divergência.

4.3.1) O testemunho escoreito

Ao se deter sobre “a caracterização tipológica do ‘manuscrito de autor’”, Castro (1990) descreve um tipo que, diferentemente daqueles autógrafos com maior grau de intervenção autoral e mais comumente associados à ideia de gênio romântico, poderia muito bem se aplicar aos datiloscritos de que nos ocupamos nesta edição, em particular do testemunho A’:

Um terceiro tipo, talvez o mais misterioso, é o dos autógrafos escoreitos, produto de uma escrita rápida e aparentemente sem hesitações, nem em curso de escrita, nem ulteriores, pois as emendas primam pela ausência: é o caso de Camilo e de Jorge de Sena. Onde torturaram estes escritores o seu estilo, já que na página não foi? (Castro, 1990, p. 10)

Podemos dizer que a resposta sobre onde Saramago mais “torturou” seu estilo, para além das fartas emendas do testemunho A, teria sido a campanha de passagem a limpo contida no testemunho A’, cujo intuito era produzir uma versão menos sobrecarregada de emendas, mas que acabou tornando-se um exemplo de cópia convertida em gênese. O testemunho A’ termina por ser mais carregado de variantes do que aparenta com suas relativamente escassas intervenções manuscritas se levamos em conta as emendas ocultas introduzidas no ato da cópia.

Para se ter uma ideia, tomando como referência a amostragem de texto equivalente às 20 primeiras páginas do testemunho A (20 fôlios), verificamos a incidência de 193 emendas manifestas em A’ contra 461 emendas manifestas de A. As emendas ou variantes introduzidas pelo testemunho B, segundo essa mesma amostragem de texto, correspondem a 18 ocorrências (aqui contabilizadas como emendas silenciosas apenas para efeito metodológico, haja vista que são constatáveis somente por meio do cotejo entre os testemunhos). No entanto, quando somamos as emendas silenciosas às manifestas relativas ao testemunho A’, o total sobe de 193 para 326 ocorrências, dissipando assim aquela impressão inicial de que se tratava de um testemunho pouco trabalhado.

Quadro 15 – Tabela com dados estatísticos relativos à quantidade de emendas por testemunho (20 primeiros fôlios)			
Testemunhos	A	A'	B
Emendas manifestas	461	193	0
Emendas silenciosas	0	133	18
Emendas manifestas + silenciosas (total)	461	326	18

À parte as estatísticas, que reforçam o estatuto genético do testemunho A' em detrimento da avaliação superficial de que conteria poucas emendas, persiste a questão de como lidar com o estatuto ambivalente da campanha silenciosa A'^d. Em outras palavras, se o testemunho A', por um lado, serve para passar a limpo o testemunho A — transmitindo suas lições e consolidando-o num outro testemunho mais representativo da vontade do autor —, por outro lado também é responsável por tensioná-lo ao inserir novas variantes em pleno ato da cópia.

Essa dualidade de funções do testemunho A' e, mais especificamente, da campanha A'^d, seria motivada por uma necessidade de continuar produzindo variantes criativas sem todavia “sujar” com eventuais emendas o novo testemunho prestes a ser enviado à casa editorial. De modo que caberia ao testemunho A' não apenas a finalidade de tornar-se uma versão mais atualizada do texto, incorporando as mudanças propostas pelas variantes do testemunho anterior, como também a função de reavaliar as emendas produzidas até ali segundo a manutenção ou não de uma certa visão ou projeto literário. Essa manutenção do olhar acerca da própria obra em andamento, diga-se de passagem, não raro está sujeita a um constante processo de reexaminação por parte do escritor, e encontra-se intrinsecamente ligada à maneira como se estrutura sua escrita, como veremos a seguir.

4.3.2) Processos de escrita

De Biasi trabalha com duas grandes tipologias de processo de escrita, que se dividem, *grosso modo*, entre aquela que se dá sem nenhum plano prévio, começando por uma redação “de primeiro jorro”, a que ele chama de “estruturação redacional”; e, por outro lado, o que ele chama de escrita como “programação roteirizada”, onde há um trabalho preliminar que precede a escrita (De Biasi, 2010). Como já vimos, sobretudo no que diz respeito ao dossiê genético de *O ano da morte de Ricardo Reis*, Saramago trabalhava com afinco no projeto de suas obras antes de lançar-se ao

trabalho de escrevê-las ou, mais especificamente, de iniciar a textualização propriamente dita, fazendo anotações em agendas, produzindo apontamentos, realizando pesquisa documental, entre outros recursos pertencentes à fase antetextual, fartamente registrada no dossiê genético. De modo que, segundo a classificação proposta por De Biasi, poderíamos enquadrar o processo de composição desse romance no perfil de “programação roteirizada”, tendo em vista o trabalho de preparação que o antecede.

[Na programação roteirizada] há um trabalho de concepção preliminar que precede a escritura, sob a forma de planos, roteiros, anotações, esboços, pesquisas documentais, que tem como função preparar e organizar uma redação que poderá depois ser realizada parte por parte, capítulo por capítulo, página por página (tipo Flaubert ou Zola), segundo um sistema de reescritura finalizante, ponderado por um jogo permanente de idas e vindas entre redação local e roteirização global. (De Biasi, 2010, p. 44)

Há ainda outras características dos testemunhos A e A' que encontram eco na definição do processo programado de escritura. Conforme nos afastamos dos domínios pré-redacionais e nos aproximamos da fase pré-editorial, confirmamos a primazia do paradigma da passagem a limpo, cujas intervenções no texto, conforme já dissemos, são mais pontuais, o que reforça a ideia de limpidez e de depuração das variantes que move a produção do testemunho A':

Nas redações com programação roteirizada (...) à medida que a página reescrita avança para um grau mais alto de elaboração, o aspeto visual do rascunho simplifica-se: rasuras e acréscimos diminuem sensivelmente e deixam aparecer com nitidez as linhas de escritura da página propriamente dita. A técnica consiste em recopiar, em “passar a limpo” uma após a outra as versões cada vez mais “limpas” da mesma página. (*Ibidem*, p. 58)

No entanto, diante de um escritor com uma prosa singular como a de José Saramago, não é de se espantar que ele possa equilibrar-se entre diferentes abordagens e métodos de composição, como afirma De Biasi a respeito da possibilidade de combinação entre tipologias de escrita. Convém atentarmos para as limitações naturais das tipificações diante da realidade subjetiva e das idiossincrasias de um autor, uma vez que o intuito das classificações é guiar-nos na compreensão dos fenômenos ao invés de tentar conformá-los a definições ideais.

Inversamente, um escritor que se cercou de um plano muito preciso pode perfeitamente ser levado pela lógica de sua redação a abandonar seu plano em benefício de uma outra estruturação que se constrói à medida que se dá a textualização, em uma direção que não tem mais nada a ver com seu projeto inicial. (*Ibidem*, p. 45)

4.3.3) Variação e variantes

Em relação à passagem a limpo, nos aprofundemos na dicotomia que elaboramos entre os movimentos ligados ao impulso de cópia e aqueles pertencentes à inovação, bem como na relação ambivalente entre esses impulsos — de consolidação e de desestabilização — representados pelas articulações entre as campanhas de revisão descritas em nossas tipologias. Para tal, vamos partir do conceito de variação proposto por Ferrer:

Do ponto de vista do autor, durante a escrita, variações ocorrem *in presentia*. Quando faz uma alteração e produz uma variante, um escritor (geralmente) está bem consciente da versão à qual ela se sobrepõe: a nova variante é um exemplo deliberado, direto ou contrastante, das propriedades relevantes da versão descartada. Do ponto de vista do crítico, ler uma variante como variação esclarece a interação dinâmica das versões que se dão durante o processo criativo. (Ferrer, 2016, parag. 25)

Uma variante constitui-se um comentário sobre a versão abandonada, trazendo em seu bojo uma demarcação de posição ou diferença em relação àquilo que substitui. No caso desta edição, a expansão do conceito de variante para o de variação ganha relevo com o fato de que as articulações entre as campanhas descritas anteriormente preveem a irrupção de variantes de campanhas anteriores em campanhas mais recentes. Em determinados pontos da passagem a limpo, a “interação dinâmica das versões” de que nos fala Ferrer assume um caráter de retroativo em relação às variantes, que seria de certa forma oposto ao caráter expansivo que, por sua vez, dá a tônica das variantes do testemunho A como um todo.

Se em A observamos um movimento de inovação, no sentido de alargamento das possibilidades semânticas por meio de desdobramentos sucessivos de variantes, é possível distinguirmos em A' um movimento que, paralelo ao de inovação, não perde de vista as demais lições do testemunho anterior, seja para retomá-las em detrimento de variantes mais recentes, como também para rechaçá-las em prol de uma nova variante. Posto de outra maneira: mesmo quando decide inovar em meio a um

processo (de passagem a limpo) que se guia essencialmente pelo princípio da cópia ou da reprodução das lições, o autor às vezes o faz reproduzindo lições outrora descartadas, como se de certa forma ele *mudasse* algo para *continuar* tal como era, ainda que isso possa soar uma contradição em termos.

Como afirma Ferrer, se uma variante realiza uma espécie de diálogo com a versão substituída, o mesmo se dá — porém de maneira inversa — quando a versão substituída volta a predominar sobre aquela que a substituíra. No caso de uma variante retomada numa campanha posterior à campanha A^{'d} por meio de uma emenda manifesta, poderíamos até especular se o testemunho A, que serviu de base à passagem a limpo, estaria mesmo presente no ato da cópia, tornando o autor consciente da reabilitação de determinada lição, ou se seria apenas uma coincidência — uma espécie de “memória residual” do autor —, que inadvertidamente cunhou uma variante que já havia sido superada supondo-a “nova”. Afinal, não sabemos ao certo quando se deu a campanha A^{'d}, mas deduzimos que, por ser uma campanha de passagem a limpo, o testemunho A que lhe serviu de base estava presente; assim como, em contrapartida, desconhecemos as circunstâncias nas quais se deram as campanhas de revisão posteriores a A^{'d}, ou se, àquela altura, o testemunho A encontrava-se por perto. Se por um lado Ferrer afirma que “quando faz uma alteração e produz uma variante, um escritor (geralmente) está bem consciente da versão à qual ela se sobrepõe”, no caso das variantes produzidas em campanhas tais como A^{'a}, A^{'p} ou A^{'v} já não temos certeza absoluta dessa consciência do autor em relação às lições do outro testemunho. De todo modo, em se tratando de um escritor zeloso pela expressão como era Saramago, é pouco provável que se trate de uma coincidência, mas de um deliberado retorno à primeira solução diante de um eventual descontentamento com as soluções produzidas mais recentemente.

Quadro 16 – Exemplo de reabilitação de variantes descartadas (exemplos)	
Reabilitação no ato da cópia (A ^{'d}):	
< ^{Ad} faziam >[^{Aa} ↑fizessem] <[^{Aa} ↑fizessem]>{ ^{A'd} faziam }	
Reabilitação em campanha posterior ao ato da cópia (A ^{'a}):	
< ^{Ad} encontrava >[^{Aa} ↑encontrou] < ^{A'd} encontrou>{ ^{A'a} ↑ encontrava }	

Como primeira campanha de revisão do testemunho A', observamos em A'^d um impulso não apenas de repetição (cópia) mas também de apreciação acerca das lições de A, abrindo-se aí um terreno para uma leitura dessas variações, uma vez que essas oscilações ocorrem dentro de um universo de variantes já dado — e ao mesmo tempo em contínua expansão — representado pelo conjunto dos testemunhos. Lembremos que, na Crítica Genética ou crítica de original presente, todas as lições são genuínas justamente por fixarem as etapas da composição, ao passo que na Crítica Textual o que se busca é remontar à versão do texto mais puro.

Quando a Crítica Textual alcança este ponto [o de entender as variantes como resultado da interação entre dois sistemas diferentes], a oposição entre Crítica Textual e Crítica Genética se enfraquece e tende a desaparecer: eu escrevi algures que a Crítica Textual é uma ciência da repetição e que a Crítica Genética é uma ciência da invenção; que a meta da Crítica Textual é estabelecer o texto (ao eliminar suas variantes), ao passo que a Crítica Genética desestabiliza o texto ao confrontá-lo com suas versões atuais ou potenciais. (*Ibidem*, parag. 4)

Ainda que não faça muito sentido falarmos em pureza do texto em Crítica Genética, é razoável afirmar que o princípio da repetição numa “cópia autógrafa”, se assim podemos chamá-la, divide espaço com impulsos criativos (princípio da invenção). E se não podemos chamar um autor de “copista de sua própria obra” nesse contexto, há sem dúvida margem para uma compreensão mais específica dessa passagem a limpo, representada por A'^d, como uma campanha que se divide entre a reprodução e a inovação — e que, enquanto *repetição*, pode produzir até erros de cópia, como já mencionamos a respeito da campanha A'^c, ao passo que, enquanto *variação*, desvia ou difere ao remeter-nos àquelas lições que haviam sido anteriormente descartadas ao longo do processo.

Em relação a este último aspecto da variação — no sentido de retomada ou continuidade —, poderíamos filiá-lo a um movimento de retorno a uma determinada visão, em que o diálogo entre a variante e aquilo que ela substitui, nos termos colocados por Ferrer, se dá de forma *inversa*, ou seja, quando a atualização do sentido, dentro do percurso da gênese, ocorre na razão do substituído tomando o lugar do substituto. Seria uma forma de retomada do sentido primeiro — sobre o qual provavelmente não havia muita certeza de suas propriedades, tendo sido deixado de lado pelo escritor —, e que não é senão traço característico de processos criativos exploratórios, cujas hesitações e oscilações podem estender-se das fases iniciais de

textualização até etapas mais avançadas, como parece ser o caso de nossos datiloscritos.

Ainda de acordo com a classificação geral dos processos de escrita proposta por De Biasi, podemos especular inclusive que “as idas e vindas” de José Saramago “entre redação local e roteirização global” (De Biasi, 2010) não traduziriam tanto movimentos de volta (ao material preparatório) caracterizados por uma suposta fidelidade ao plano (roteiro) concebido de antemão; mas, antes, expressam uma correção de rota, uma atualização da visão do autor em relação ao seu projeto na altura da passagem a limpo (campanha Ard), cuja disposição já não era a mesma de quando emendou o testemunho A (campanhas A^{ap}) e que, por sua vez, devia ser diferente de quando o pôs no papel pela primeira vez (A^d).

Quando a Crítica Textual adota tal ponto de vista — tratando variantes como partes de um sistema autônomo que interfere e remodela o sistema original — ela pode se tornar uma fonte de inspiração para a Crítica Genética. Um tipo similar de interferência entre sistemas ocorre no decurso da escrita: o ponto de vista do escritor muda constantemente durante o processo de criação, de modo que aquilo que já está escrito deve ser reinterpretado a partir de uma perspectiva — marginal, na maioria dos casos, mas às vezes radicalmente nova —, de certa forma como o escriba medieval de Segre luta para assimilar o texto que ele está copiando para o seu próprio sistema linguístico. Variantes são traços desse processo de reinterpretação que, às vezes, equivalem à creolização: se o ponto de vista do escritor não mudasse, não haveria modificações, cancelamentos, adições... (*Ibidem*, parag. 5)

Não é à toa que, no canto superior da página de abertura do testemunho A, lemos a seguinte anotação autógrafa: “Rever, repensar, reescrever” (Anexo 7.1), uma emenda de gerenciamento em tinta azul, riscada diagonalmente por dois traços à maneira de uma tarefa cumprida ou, quem sabe, abortada. Tendo em vista as evidências de que dispomos na edição destes datiloscritos, podemos dizer que a latência de algumas lições, com as idas e vindas entre “novas” e “velhas” variantes, dialoga com o conceito de variação não apenas na medida do contraste implicado na relação substituto/substituído, mas também como expressão da atualização de um ponto de vista, de um projeto que se faz sentir também na eventual constatação de que uma variante superada pode ter sido inadequada num determinado contexto do processo para revelar-se apropriada num estágio posterior, quando o olhar do autor já não é o mesmo.

Essa ressurgência de variantes, assim como todas as variantes de um modo geral (manifestas e silenciosas), pode ser o resultado mais decantado e perceptível do atrito entre os dois sistemas aludidos por Ferrer em sua analogia à Crítica Textual; ao passo que aos olhos da Crítica Genética, esse retorno do descartado poderia traduzir-se no “embate” entre as campanhas de revisão (tendo ao centro a passagem a limpo) em torno a cada ponto crítico, retomando a analogia de Ferrer à luta de Segre “para assimilar o texto que ele está copiando para o seu próprio sistema linguístico”.

Mais do que uma evolução rumo a sempre novas variantes e ideias, a evidência de que o autor estava consciente do percurso genético que o levava até ali, à altura que em se encontrava naqueles datiloscritos, reverbera a concepção de sua escrita como de certa forma tributária do gênero ensaístico, aproximação esta já comentada anteriormente neste estudo. Assim sendo, como um autor que pesava suas ideias, capaz de elaborar fabulações que transitam entre a História e a Ficção para atingir seus propósitos de revisão e de reinvenção do passado, José Saramago poderia muito bem se encontrar satisfeito com o ponto que atingira no texto que possuía em mãos, pensamento que poderia ter-lhe ocorrido enquanto passava a limpo seu datiloscrito. Ao mesmo tempo que, revendo as variantes que havia ensaiado, consciente do rastro de variantes deixado às costas, julgou melhor dar um passo atrás numa emenda ou outra, favorecendo versões ou tratamentos iniciais de uma ideia em detrimento de variantes que teriam funcionado mais como um balão de ensaio. Como afirma Ferrer, variações ocorrem *in presentia* e são exemplos diretos da versão descartada. No caso das emendas silenciosas dos datiloscritos de *O ano da morte de Ricardo Reis*, não raro ocorrem casos onde parece dar-se o inverso: em presença de novas e mais recentes variantes, essas lições superadas teriam, em retrospecto, suas propriedades realçadas, a ponto de o autor reabilitá-las, como se tivesse sido necessário ultrapassá-las para melhor apreciá-las, uma atitude que, ainda no campo das especulações, não estaria de todo em desacordo com o estilo desse escritor.

5. Referências

5.1) Bibliografia

BEIJO, Marilda. A metalinguagem e a intertextualidade entre Fernando Pessoa e José Saramago em O ano da morte de Ricardo Reis. *Revista Multidisciplinar da Uniesp*, no 7, 2009.

CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. *SP: Martins Fontes, 2005.*

CASTRO, Ivo. Editar Pessoa. Volume 1, *Impr. Nacional-Casa da Moeda, 2013.*

CASTRO, Ivo, “Enquanto os escritores escreverem”, in: “IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina”, Campinas. As citações foram retiradas do texto cedido pelo autor, 1990.

DE BIASI, Pierre-Marc. A genética dos textos. *Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.*

GRÉSILLON, Almuth. Elementos de crítica genética - Ler os manuscritos modernos. Porto Alegre, *Editora da UFRGS: 2007.*

LIMA, S. Ensaio sobre a essência do ensaio. *São Paulo: Saraiva & Cia Editores, 1946.*

ROANI, G. L. No limiar do texto: literatura e história em José Saramago. *Editora Annablume, 2002.*

ROANI, G. L. O jornal como elemento de transfiguração da história em O Ano da Morte de Ricardo Reis de Saramago. *Revista Letras*, Curitiba, n. 60, p. 153-176, jul/dez. *Editora UFPR, 2003.*

ROANI, G. L. Saramago e a escrita do tempo de Ricardo Reis. *Editora Scortecci, 2006.*

SARAMAGO, José. O ano da morte de Ricardo Reis. Lisboa: *Editorial Caminho*, 1984.

SARAMAGO, José. O último caderno de Lanzarote: o diário do ano do Nobel. São Paulo: *Companhia das Letras* (2019).

SPAGGIARI, Bárbara. PERUGI, Maurizio. Fundamentos da Crítica Textual. Rio de Janeiro: *Lucerna*, 2004.

5.2) Audiovisual

JOSÉ e Pilar. Direção de Miguel Gonçalves Mendes. Brasil/Espanha/Portugal: Jumpcut, El Deseo, O2 Filmes, 2010 (117 min.).

5.3) Internet

FERRER, Daniel. Genetic Criticism with Textual Criticism: From Variant to Variation. *Variants*, 2016. <https://journals.openedition.org/variants/284>. Data de acesso: 18/11/2018.

QUEIRÓS, L. M. Espólio de José Saramago doado à Biblioteca Nacional. *Público*, Lisboa, dez. 2016. <https://www.publico.pt/2016/12/02/culturaipsilon/noticia/espolio-de-jose-saramago-doado-a-biblioteca-nacional-1753466>. Data de acesso: 09/03/2017.

SARAMAGO, José. Coleção José Saramago. O Ano da Morte de Ricardo Reis - materiais preparatórios. Disponível em: <http://purl.pt/13867/1/morte-ricardo-reis.html>. Data de acesso: 14/12/2011.

6. Aparato Genético

6.1) Transcrição linear

(1)

2

<Aqui, onde a terra começa e o mar se acaba.><[^{Aa}↑Eis onde o mar acaba e a terra principia.]>[^{Aa}↑Aqui o mar acaba e a terra principia.] Chove sobre a cidade pá-lida, as águas do rio <vêm>[^{Aa}↑correm] turvas de barro, há cheia<^{Aa}s> <lá para cima.>[^{Aa}↑nas lezírias]. Um<^{Aa}a> <escuríssima barca>[^{Aa}↑barco escuro] sobe <a corrente soturna>[^{Aa}↑{^{A'd}o} fluxo soturno,] [^{Aa}↑é] o Highland Brigade [^{Aa}↑que] vai {^{A'd}<vai>[^{A'a}↑vem]} atra-<s>[^{Aa}↑c\ar ao cais de Alcântara. <É inglês este vapor.>[^{Aa}↑O vapor é inglês,] da Mala Real, <e vive de>[^{Aa}↑usam-no] [^{Aa}←para] atravessar o Atlântico, entre Londres e Buenos Aires, como uma lançadeira nos caminhos do mar, para lá, para cá, [^{Aa}↑escalando] sempre <escalando><^{Aa}[^{Aa}↑tocando]> os mesmos portos, La Plata, Montevide<o>{/^{A'v}u\}, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Las Palmas, [^{Ap}↑por esta ou inversa ordem,] e, se não naufragar <nesta>[^{Ap}↑na] viagem, [tocará^{Aa}↔[^{Ap}↑ainda]] em Vigo e Boulogne-sur-Mer, enfim entrará o Tamisa como <^{Aa}está> agora [^{Ap}↑vem] {^{A'd}<vem>[^{A'a}↑vai]} entrando o Tejo, qual dos rios o maior, qual a aldeia. Não é grande <barco,>[^{Aa}↑embarcação,] desloca catorze mil toneladas, mas ague<t>{/^{A'd}n\ta <^{Aa}muito> bem o mar, como <ficou provado>[^{Aa}↑outra vez se provou] nesta travessia, em que, apesar do [constante^{Aa}↔mau tempo], só os aprendizes de viajante oceânico enjoaram, ou os que [^{Aa}↑, mais veteranos,] padecem <duma>[^{Aa}↓de] incurável delicadeza do estômago, e, por ser t<á>{/^{Aa}ã\o caseiro e confortável <nos>[^{Aa}↑em seus] {^{A'd}<em seus>[^{A'a}↑nos]} arranjos interiores<, ^{Aa}o barco>, foi-lhe dado, [^{Aa}↑carinhosamente,] como ao Highland Monarch, seu irmão <de classe>[^{Aa}↑gémeo], [^{Aa}.] [^{Aa}↑,] o [^{Aa}↑íntimo] apelativo <^{Aa}íntimo> de vapor de família. Ambos <estão servidos>[^{Aa}↑<^{Aa}foram dotados> estão providos] de tombadilhos espaçosos para [^{Aa}↑sport e] banhos de sol[^{Aa},] <^{Aa}e sport,> <^{Aa}onde se> pode[^{Aa}↑-se] jogar [^{Aa}↑, por exemplo,] o cricket, que, sendo

² “Rever, repensar, reescrever”: anotação do autor, a caneta preta, duplamente riscada na margem superior à direita. Riscos sugerem uma emenda de gerenciamento, como se a tarefa de revisão/reescritura tivesse sido cumprida.

jogo de campo, também [^{Aa}↑é exercitável] sobre as ondas do mar[^{Aa},] <se exercita,>[^{Aa}↑deste modo se] demonstrando<^{Aa}-se>
 <^{Aa}deste modo> que ao império britânico nada é impossível, assim <queira>[^{Aa}↑seja^{A'a}↔essa a vontade de quem lá [^{Aa}↓manda]]. Em
 dias de [meteorologia^{Aa}↔amena], o Highland Brigade é <^{Aa}um> jardim <para as>[^{Aa}↑de] crianças e consolo <^{Aa}de><^{Aa}[^{Aa}↑paraíso]>[^{Aa}↓de]{^{A'd}<consolo>/paraíso\ de} velhos, porém não hoje, que está chovendo e não iremos
 ter outra tarde. Por trás dos vidros embaciados {^{A'}em[^{A'c}↑ba]ciados} de sal, os meninos espreitam a cidade cinzenta, urbe sobre co<n>/^{Aa}l\inas rasa {^{A'}urbe sobre colinas^{A'a}↔rasa}, como se só de casas
 térreas feita, {^{A'}<feita>[^{A'a}↑construída,]} por acaso além um zimbório alto, uma empena mais esforçada, um vulto que parece ruína de castelo, <a não ser que>[^{Aa}↑salvo se] tudo <^{A'a}isto> <seja>[^{Aa}↑é] ilusão, {^{A'a}↑quimera,} miragem criada pela <oscilante>[^{Aa}↑movediça] cortina das águas que descem do
 céu fechado. As crianças estrangeiras, a quem mais <^{Ad}↑>[^{Ad}↑largamente [^{Aa}dotou]]

(2)

<dotou a>[^{Aa}↑a natureza da] virtude da curiosidade, querem saber o nome do lugar {saber^{A'c}[↑o] nome}, e os pais
 informam-nas, ou [^{Aa}↑declinam-no] as amas[^{Aa},] <^{Aa}o declinam,> as nurses, as bonnes, as frauleins {<^{A'd}frauleins>[^Bfräuleins]},
 ou um marinheiro que passava para ir à <^{Ad}↑> manobra, Lisboa, Lisbon, Lisbonne, Lissabon, quatro maneiras diferentes {^{A'}[maneiras^{A'a}↔diferentes]} de <dizer,>[^{Aa}↑enunciar,] fora as intermédias
 e imprecisas, assim ficaram os meninos a saber o que {^{A'a}[↑antes]} ignoravam, e [^{Aa}↑isso] foi o que já sabiam {^{A'a},} {^{A'a}<antes,>} nada, apenas um nome,
 gravosamente {^{A'}<gravosamente>/aproximativamente\} pronunciado, para maior <↑> confusão das juvenis <cabeças,>[^{Aa}↑inteligências,] com o acento próprio de argentinos, se <destes>[^{Aa}↑deles] se tratava, ou de uruguaios, brasileiros e espanhóis, que {^{A'd},}
 escreven<t>/d\o certo Lisboa no castelhano ou português de cada qual, dizem cada um sua coisa, fora do alcance do ouvido comum e das <habilidades>[^{Aa}↑aproximações]{^{A'd} imitações} da
 escrita. Quando amanhã {^{A'a}[↑cedo]} o Highlan{^{A'c}d} Brigade sair a barra, [^{Aa}↑que] [haja^{Aa}↔ao menos] um
 pouco de sol e de céu descoberto, para que a ne<l>/b\/l\ina parda {^{A'a}neblina↔parda} deste tempo astroso<^{Aa},> não obscureça por completo, ainda à vista de terra, a memória
 já <desmaiante>[^{Aa}↑esvaecente] dos viajantes que pela primeira vez aqui passaram, estas crianças que repetem<^{Aa},> Lisboa, por sua própria conta transformando o nome

noutro nome, aqueles adultos que franzem <a cara>[^{Aa}↑o sobrolho] e se arrepiam com a geral humidade que repassa as madeiras e os ferros, como se o Highland Brigade viesse a escorrer do fundo do mar, navio duas vezes fantasma. <De>[^{Aa}↑Por] gosto e vontade, ninguém <desejaria>[^{Aa}↑quereria]{[^{A'a}↑haveria de] querer<^{A'a}ia>} ficar neste porto.

São poucos os que vão descer. O vapor atracou, já <^{A'd}baixaram>{^Barrearam} a escada do portaló, começam a mostrar-se em baixo, sem pressa, os bagageiros e os descarregadores, saem do refúgio dos alpendres e guaritas os <^{A'd}guarda-fiscais>{^Bguardas-fiscais\} de serviço, assomam os alfandegueiros. A chuva abrandou, só quase nada. [^{Aa}↑Juntam-se] <N>/n\o alto da es<t>/c\ada os viajantes[^{Aa},] <hesitam,>[^{Aa}↑hesitantes]{/^{A'}hesitando\}, como se duvidassem de <estar>[^{Aa}↑ter sido] autorizado o desembarque, se haverá quarentena, ou temessem os graus escorregadios, mas é a cidade silenciosa que <parece intimidá-los,>[^{Aa}↑os intimida,]{<intimida>/^{A'a}assusta,\} porventura morreu <^{A'd}toda> a gente nela e a chuva só veio [^{Aa}↑aqui]{<veio aqui>[^{A'a}↑está caindo]} para diluir em lama o que ainda estiver {<estiver>[^{A'a}↑ficou]} de pé. Ao comprido do cais, outros barcos atracados luzem mortiçamente por trás das vigias baças, os paus-de-carga são

(3)

ramos esgalhados de árvores, negros, os guindastes estão quietos. É domingo. Para lá {^{A'}<lá>[^{A'a}↑além]} dos barracões do cais começa a cidade sombria, recolhida em frontarias e muros, por enquanto ainda defendida da chuva, acaso movendo {^{A'}moven<r>/^{A'c}d\o} uma cortina triste e bordada, olhando para fora com olhos vagos, ouvindo <gorgulhar>{^Bgorgolhar\} a água dos telhados, algeroz abaixo, até ao basalto das valetas, ao <calcáreo>{^Bcalcário\} nítido dos passeios, às sarjetas pletóricas, levantadas algumas, se houve inundação.

Descem os primeiros passageiros. De ombros encurvados sob a chuva monótona, sobraçam {^{A'a}<sobraçam>[^{A'a}↑trazem]} sacos e maletas {[^{A'a}↑de mão,]}, e têm um {^{A'}<um>/o\} ar <perplexo,>[^{Aa}↑perdido] de quem viveu a viagem como um sonho de imagens fluidas, entre mar e céu, o metrónomo da proa a subir e a descer, o ba<n>/^{Aa}lanço da vaga, o horizonte hipnótico. Alguém transporta ao colo uma criança, [^{Aa}↑que] pelo silêncio portuguesa [^{Aa}↑deve ser,] <^{Aa}porque> não se lembrou de perguntar onde está, ou <foi avisada>[^{Aa}↑avisaram-na] antes, quando, {[^{A'c}↓,]} para adormecer depressa no beliche abafado, lhe <prometiam>[^{Aa}↑prometeram] uma cidade bonita e um viver feliz, outro conto de <fadas,>[^{Aa}↑encantar,] que a estes não correram bem os trabalhos da emigração. E uma mulher idosa, que teima em abrir um guarda-chuva, deixa cair a [^{Aa}↑pequena] caixa de folha verde que trazia [^{Aa}↑debaixo do braço,], com forma de

baú, e contra as pedras do cais {<^{A_d}cais>{^{A_d}cofre}<^{A_c}cofre>[^{A_c}↑cais]} foi desfazer-se o cofre, solta a tampa, rebentado o fundo, não <^{A_p}tem>[^{A_a}↑con[^{A_p}tinha]] nada de valor, só coisas da {^{A_c}<da>/^{A_d}de\} estimação, uns trapos colo<^{A_a}o>ridos, umas cartas, retratos que voaram, umas contas que eram de vidro e se partiram, romãs brancas agora maculadas, sumiu-se um deles entre o cais e o costado do barco, é uma passageira da terceira classe.

<Quando põem>[^{A_a}↑Consoante vão pondo] pé em terra, correm a abrigar-se, os estrangeiros mur-
muram contra o temporal, como se [a culpa deste mau tempo^{A_a}↔fosse nossa]{^{A_d}<fosse nossa a culpa>[^{A_a}↑fôssemos nós os culpados] deste mau tempo}, pa-
rece <não se lembrarem de>[^{A_a}↑terem {^{A_d}-se} esquecido] {^{A_d}de} que nas franças e inglaterra deles costuma ser
muito {^{A_d}<muito>[^{A_a}↑bem]} pior, enfim, a estes tudo<^{A_a}↑> lhes serve para desdenharem dos pobres países, até a chuva natural, [^{A_a}↑bem] maiores {^{A_d}<bem maiores>[^{A_a}↑mais fortes]} razões teríamos
<^{A_a}nós>{^Bnós} <para>[^{A_a}↑de] nos quei-
xamos e {^{A_a}↑aqui} estamos calados, maldito inverno este, o que por aí vai de ter-

(4)

ra arrancada aos campos férteis, e a falta que [^{A_a}↑ela] nos faz, sendo tão pequena {^{A_d}pequena} <o país.>[^{A_p}↑a nação.] Já começou a descarga das bagagens, sob as capas rebrilhantes os marinheiros parecem manipanços de capuz, e em baixo os bagageiros portugueses mexem-se mais à ligeira, é o bonezinho de pala, a veste curta {^{A_d},} de oleado, assamarrada, mas tão indiferentes à grande molha que o universo espantam, talvez este desdém de <^{A_a}↑> confortos <faça>[^{A_a}↑leve a] <↑>[↑compadecerem-]
-se as bolsas dos viajantes, porta-moedas como se diz agora, e suba com a compaixão a gorjeta, povo <↑> atrasado, de mão estendida, vende cada um o que <lhe>[^{A_a}↑tiver de] sobra {^{A_d}<sobra,>[^{A_a}↑sobejo,]} resignação, humildade, paciência, assim [^{A_a}↑possamos] {^{A_d}<possamos>[^{A_a}↑continuemos nós a]} encontr<e->/^{A_a}ar\<^{A_a}mos> <^{A_a}sempre> quem de tais mercadorias faça no mundo comércio. Os viajantes passaram à alfândega, poucos como se previa, {^{A_d}<previa,>[^{A_a}↑calculava,]} mas vai levar seu tempo [^{A_a}↑saírem dela,]
por serem <tantos>[^{A_a}↑muitos] {^{A_d}muitos[^{A_a}↑tantos]} os papéis a escrever e tão escrupulosa a caligrafia dos
aduaneiros de piquete, se calhar os mais rápidos descansam ao domingo.
A tarde escu<^{A_c}↑>rece e ainda agora são quatro horas, com um<^{A_a}> <pouco>[^{A_a}↑/*pouco/] mais de sombra [^{A_a}↑se] fa<Z>/^{A_a}r\ia<^{A_a}-se> [^{A_a}↑a] noite, porém aqui dentro é como se sempre o fosse, ace-

sas [^{Aa}↑durante] todo o dia as fracas lâmpadas, algumas {^{A'd}alguma<^{A'c}†>s} queimadas, <^{Aa}por exemplo,> aque-
 la<,>[^{Aa}↑está] há uma semana assim e ainda [a^{Aa}↔não] substituíram. As janelas, sujas,
 deixam transluzir uma claridade aquática. No {<^{A'c}No>[^{A'c}↑O]} ar <indeciso>[^{Aa}↑† (as)] {O ar
 {^{A'd}carregado}} cheira a roupas
 molhadas, a bagagens azedas, à serapilheira dos fardos, e a melancolia
 alastra, [^{Aa}↑faz] cala[^{Aa}↑r] {^{A'a}<calar>[^{A'a}↑emudecer]} os viajantes, não há <^{A'd}nenhuma>{^{A'a}↑sombra
 de} alegria neste regresso. A al-
 fândega é uma antecâmara, um limbo {^{A'd}limb[^{A'a}↓o]} de passagem, que será lá fora.

Um homem grisalho, seco de carnes, assina os últimos papéis, recebe
 <uns duplicados,>[^{Aa}↑umas cópias,]{^{A'd}<um>as cópias[^{A'a}↑deles,]} pode[^{Aa}↑-se] ir<^{Aa}-se> embora,
 sair, continuar {a vida^{A'a}↔em terra firme} .
 Acompanha-o um bagageiro cujo aspecto físico não <é>[^{Aa}↑seria]{[^{A'a}↑deve] ser<^{A'a}ia>}
 <^{A'a}conveniente> explicar{expli<^{A'a}car>/^{A'a}cado\}
 em pormenor, ou <teremos>[^{Aa}↑teríamos] de prosseguir infinitamente <a explicação,>[^{Aa}↑o exame,]
 para
 que não se <arme>[^{Aa}↑armasse a]{^{A'd}<armasse>[^{A'a}↑instalasse]} confusão na cabeça de quem
 [a^{Aa}↑vi[e]sse a] precisar de distinguir um do
 outro, se tal <é preciso>[^{Aa}↑se requer,] porque deste <haveríamos>[^{Aa}↑teríamos]
 {^{A'a}↑também}<^Btambém> de dizer que <^{A'a}também> é
 seco de carnes, grisalho[^{Aa},] <^{Aa}ja,> e moreno[^{Aa},] e de cara rapada[^{Aa},] como [a^{Aa}d]aquele [a^{Aa}↑foi dito
 antes,]{^{A'd}<antes,>[^{A'a}↑já,]} <^{Aa}é>
 contudo tão diferentes, passageiro um, bagageiro outro. Carrega este a

(5)

mala grande num carrinho metálico, a[^{Aa}s] duas outras, pequenas em comparação,
 suspendeu-as do pescoço com uma correia que passa pela nuca , como um ju-
 go ou colar de ordem. Cá fora, sob a protecção do beiral largo, <arreia>{/^Bpousa\}
 <tudo>{^{A'a}↑a carga} no chão e vai procurar um táxi, não costuma ser necessário, habi-
 tualmente há-os por ali, à chegada dos vapores. O viajante <^{Aa}acendeu um>
 <^{Aa}cigarro,> olha as nuvens baixas, depois os charcos no terreno irregular,
 as águas {^{A'c}<águas>[^{A'd}↑águas]} da doca, sujas de óleos[^{Aa},] <^{Aa}e> cascas, [a^{Aa}↑detritos vários,] e é
 então que repara em uns
 barcos de guerra, discretos, não contava {conta[^{A'c}va]} que <^{Aa}ali> os houvesse<,>[a^{Aa}↑aqui,] pois o lu-
 gar próprio des<t>/^{Aa}s\es navegantes é o mar largo, ou, não sendo o tempo de
 guerra ou de exercícios <de la>/dela\, no estuário, largo de <^{A'd}sobejo>{^{A'a}↑sobra} para dar fun-
 deadouro a todas as esquadras do mundo, como <dantes>[a^{Aa}↑antigamente] se dizia e talvez
 ainda hoje se repita, sem {^{A'a}↑cuidar de} ver que esquadras são. <^{Aa}Agoniou-se o viajante

com o tabaco húmido, atirou fora o cigarro meio fumado, a brasa chiou asperamente no chão.> Outros passageiros saíam da alfândega, acolitados <^{A'd}por outros>{^{A'a}↑pelos seus} descarregadores, e então surgiu o táxi espadanando águas de-baixo das rodas. <Esbracejaram>[^{Aa}↑Bracearam] [alvoroçados^{Aa}↔os pretendentes], mas o bagageiro saltou do estribo, fez um gesto largo, É para <este>[^{Aa}↑aquele] senhor, assim {^{A'a}↑se} mostrando como até a um <discreto>[^{Aa}↑humilde] serventuário do porto de Lisboa, <ajudando>[^{Aa}↑se]{<^{A'd}se>[^{A'a}↑quando]} a chuva e as circunstâncias<,>[^{Aa}↑ajudarem,]{^{A'd}<ajudarem>[^{A'a}↑ajudem,]} é dado ter nas mãos sóbrias a felicidade, [^{Aa}↑em um momento] dá-la ou retirá-la<o>/^{Ap}a\, como se acredita que Deus a vida. Enquanto o motorista baixava o porta-bagagens fixado na traseira do automóvel, o viajante perguntou, pela primeira vez se lhe notando um leve sotaque brasileiro<^{A'c}↑>, Por que estão [aqueles barcos^{Aa}↔na doca], e o bagageiro respondeu, enquanto {^{A'd}<enquanto>[^{A'a}↑ofegando,]} ajudava [^{Aa}↑o motorista] <^{A'd}a carregar>{^{A'd}içar} a mala grande, pesada, Ahn, [^{Ap}↑é a doca da marinha,] foi por causa do mau tempo, rebocaram-nos para aqui anteontem, senão {^{A'd}se<^{A'c}n>não} eram {^{A'a}↑bem} capazes de garrar e ir encalhar a Algés. Chegavam outros táxis, tinham-se atrasado, ou o vapor atracara antes d<o>/^{Aa}a\ hora <prevista>[^{Aa}↑esperada,] [^{Aa}↑agora] o {^{A'd}<o>[^{A'a}↑havia no]} terreiro <^{Aa}agora> <^{A'a}era uma> feira franca, tornara-se banal a satisfação <desta>[^{Aa}↑da] necessidade, Quanto lhe devo, perguntou o viajante, Por cima da tabela é o que quiser dar, {^{A'a}↓,} respondeu o bagageiro,

(6)

geiro, mas não disse que tabela fosse a tal nem o preço real do serviço, fiava-se na fortuna que protege os audaciosos, ainda que descarregadores, Só trago dinheiro inglês comigo, Ah, isso tanto faz, {^{A'c}↓,} e na mão direita estendida viu pousar dez xelins, moeda que mais do que o sol bilhava, enfim logrou o astro-rei vencer as nuvens que sobre Lisboa pesavam. Por causa dos grandes carregos e das comoções profundas, a primeira condição para uma longa e próspera vida de bagageiro é ter um coração robusto, de bronze, ou redondo teria caído <este>[^{Aa}↑o dono deste], fulminado. Quer retribuir a [^{Aa}↑excessiva] [^{A'd}exces<^{A'c}i>/s\iva] generosidade, ao meno<^{A'd}a>/^{A'c}s\ não ficar <a dever>[^{Aa}↑em dívida de] palavras, por isso acrescenta informações que lhe não pediram, junta-as aos agradecimento {^{A'd}s} que não lhe ouviram, {^{A'd}<ouviram>[^{A'a}↑ouvem,]} São contra-torpedeiros {^Bcontratorpedeiros}, senhor, nossos, portugueses, é o Tejo, o Dão, o Lima, o Vouga, o Tâmega, o Dão é <este>[^{Ap}↑aquele] mais perto. Não fazem dife-

rença, <A'a até> podiam {A'a↑ mesmo} trocar-lhes os nomes, todos iguais, gémeos, pintados de cinzent/A'a o\ -morte, alagados de chuva, sem sombra viva nos conveses, as <A'a mesmas> bandeiras molhadas como trapos, salvo seja e sem [A'a↑ querer] ao respeito faltar, {A'd sem ao respeito querer faltar,} mas enfim, ficámos a saber que o Dão é este, acaso tornaremos a sa-ber {<A'd saber>[A'a↑ ter notícias]} dele.

O bagageiro levanta o boné e agradece, o táxi arranca, o motorista quer que lhe digam, Para onde, e esta pergunta, tão simples, tão natural, {A'c ↓,} tão adequada à <ocasião>[A'a↑ circunst/A'c â\ncia] e ao lugar, apanha desprevenido o viajante, como se ter comprado a passagem no Rio de Janeiro <fosse>[A'a↑ tivesse sido] e pudesse continuar a ser resposta para todas as questões, mesmo a <h>/A'd q\uelas, passadas, {A'c ↓,} que em seu tempo não encontraram mais que o silêncio, <e>[A'a↑ agora] mal desembarcou [A'a↑ e] logo vê que não, talvez porque lhe fizeram uma das duas perguntas fatais, Para onde, a outra, e p<A'a↑>ior, seria, Para quê. O motorista olhou pelo retrovisor, julgou que o passageiro <ar>/A'd ro\ não <tinha ouvido,>[A'a↑ ouvira,] já abria a boca para repetir, Para onde, mas a resposta chegou primeiro, ainda vaga, {A'd <vaga,>[A'a↑ irresoluta,]} suspensiva, Para um hotel, Qual, Não sei, e tendo dito {A'd,} Não sei, soube o [A'a↑ viajante] {A'd o} que queria, com <tanta>[A'a↑ tão funda] {A'd tão <A'a funda>[A'a↑ firme]} convicção como se tivesse levado toda a viagem a ponderar a

(7)

escolha, Um que fique perto do rio, cá para baixo, Perto do rio só [A'a↑ se for] o Bragança, ao princípio da Rua do Ale<A'd rc>{A'c cr} im, {A'c ↓,} não sei se conhece, Do hotel não me lembro, mas [sei onde é A'a ↔ a rua], vivi em Lisboa, sou português, Ah, é português, pelo sotaque julguei {A'd <julguei>[A'a↑ pensei]} que fosse brasileiro, Percebe-se assim tanto<A'a.>/A'a, \ Bom, percebe-se alguma coisa, Há dezasseis anos que não vinha a Portugal, Dezasseis anos são muitos {A'a,} <A'a anos,> vai encontrar [por cá A'a ↔ grandes mudanças], e com estas palavras calou-se bruscamente o motorista.

Ao viajante não parecia que as mudanças fossem tantas. A aven<f>/i\da por onde seguiam coincidia, no geral, com a memória dela, só as árvores estavam mais altas, nem admira, sempre <foram>[A'a↑ tinham sido] dezasseis anos a crescer, e mesmo assim, se na opaca {A'd op/A'c a\ca} lembrança guardava frondes verdes, agora a nudez invernal dos ramos apoucava a dimensão dos <troncos,>[A'a↑ renques,] uma coisa dava para a outra. A chuva rareara, <somente>[A'a↑ só] algumas {dispersas A'a ↔ gotas}<,>[A'a↑ caíam,] mas no espaço não se <abria>[A'a↑ abria] nem uma frincha de azul, as nuvens não se soltaram<A'a,>[A'a↑ umas das outra {A'd s},] fazem um extensíssimo e único tecto cor de chumbo. Tem chovido muito, perguntou o passageiro, [A'a↑ É um dilúvio,] <H>/A'h há dois meses que [o céu A'a ↔ anda] {A'd o céu anda} a desfazer-se em

água, respondeu o motorista, e desligou o limpa-vidros. Poucos automóveis passavam, raros carros eléctricos, um ou outro pedestre que desconfiadamente fechava o guarda-chuva, ao longo dos passeios grandes charcos formados pelo entupimento das sarjetas, portas com portas algumas tabernas abertas, lóbregas, e {<A'd>/A'da\{A'c\}} luzes viscosas cercadas de sombra, a <tristeza estú- >[Aa↑ imagem taci-] <pida>[Aa↑turna] de um copo sujo de vinho sobre um balcão de zinco. Estas frontarias são a muralha que esconde{A'd<esconde>[A'a↑oculta]} a cidade, e o táxi segue ao longo delas, sem pressa, como se andasse <a>/Aa\ procura<Aa>[Aa↑de] uma {A'dduma} brecha, [Aa↑de] um {A'ddum} postigo, [Aa↑de] uma {A'dduma} porta da traição, a entrada para o labirinto{A'd.} <A'a>interior.> Passa <lentamente>[Aa↑devagar] o comboio de Cascais{A'd<E>/C\ascais}, <a travar,>[Aa↑travando] preguiçoso, ainda <trazia>[Aa↑vinha com] velocidade que daria{<A'd>que daria>[A'a↑bastante]} para ultrapassar o táxi, mas fica para trás, entra na estação quando o automóvel já está a dar a volta ao largo, e o motorista avisa, O hotel é aquele, à entrada da rua. Parou em frente de um café, acrescentou, O melhor

(8)

será ir ver primeiro se há quartos, <Aa>à porta> não posso esperar [Aa↑mesmo à porta] por causa dos eléctricos. O passageiro saiu, olhou o café de relance, Royal de seu nome, exemplo comercial de saudades monárquicas <portuguesas>[Aa↓em tempo de república], [Ap↑ou remanescente{<A'd>remanescente>[A'a↑remanescência]} do [Aa↑último] reinado <†><Aa>[Aa↓†]>]{A'd,} aqui disfarçado de inglês ou francês, curioso caso este, olha-se e não se sabe como dizer a palavra, se rôial ou ruaiale, teve tempo de debater <esta>[Aa↑a] questão porque já não chovia e a rua é a subir, depois imaginou-se regressando do hotel, com quarto ou {A'a↑ainda} sem ele, e do táxi nem sombra, desaparecido com as bagagens, as roupas, os objectos de uso, os seus papéis, e a si mesmo perguntou como viveria se o privassem desses e todos os outros bens,>/Ap.\ <j>/ApJ\á ia vencendo os degraus exteriores do hotel quando compreendeu, por estes pensamentos, que estava muito cansado, era o que sentia, uma fadiga muito grande, um sono da alma, um desespero, se sabemos com bastante suficiência o que isso seja para pronunciar a palavra e entendê-la.

A porta do hotel, ao ser empurrada, fez ressoar um besouro eléctrico, em tempos teria sido {<A'd>sid>[A'a↑havido uma]} sineta, derlim derlim, mas há sempre que contar com o progresso e <Ad†> as suas melhorias. Havia um lanço de escadas empinado, e sobre o arranque do corrimão, em baixo, uma figura de ferro fundi-

do levantava no braço direito um glo^[Aa↑bo] de vidro, representando, a figura,
um pa<g>/^{Aa}j em em traje de corte, se a expressão significa {<^{A'd}significa>[^{A'a}↑ganha com a
repetição<^B,>]} alguma coisa, se não
é redundante, {<^{A'd}redundante,>[^{A'a}↑pleonástica,]} pois ninguém se lembra de ter visto pa<g>/^{Aa}j em
que não estivesse
em traje de corte, para isso é que <^{A'a}eles> são pa<g>/^{Aa}j ens, mais <explicadamente>[^{Aa}↑convvincente]
{<^{A'd}convvincente>[^{A'a}↑explicativo]}
seria <dizer>[^{Aa}↑ter dito,] Um pa<g>/^{Aa}j em /t\rajado de pa<g>/^{Aa}j em, pelo
talhado {<^{A'd}talhado>[^{A'a}↑talhe]} das roupas, {^{A'c}↓,} modelo
italiano, renascença. O viajante <subiu>[^{Aa}↑trepou] os <incontáveis>[^{Aa}↑intérminos] degraus, parecia
incrível ter de subir tanto para alcançar um primeiro andar, é <^{A'c}a> a ascensão
do Everest, proeza ainda sonho e utopia de montanheiros, o que [^{Aa}↑lhe] valeu foi
ter aparecido lá em cima {<^{A'd}lá em cima>[^{A'a}↑no alto]} um homem de bigodes com uma palavra
animadora,
upa, não a diz, mas <é esse>[^{Aa}↑assim pode ser traduzido] o seu modo de olhar e debruçar-se do
alto {<^{A'd}alto>[^{A'a}↑alcandorado]} pa-
tamar, a <querer saber>[^{Aa}↑indagar] que bons ventos {^{A'd}que [^{A'c}↑bons] ventos} e maus tempos
trouxeram este hóspe-

(9)

de, Boas tardes, senhor, Boas tardes {^{A'd}tarde[^{A'c}s]}, não chega [para mais ^{A'd}↔o fôlego], o ho-
mem de bigodes sorri compreensivamente, Um quarto, e o sorriso [^{Aa}↑agora] é de quem
<se>[^{Aa}↑pede] desculpa, não há quartos neste andar, aqui é a recepção, a sala de
jantar, a sala de estar, lá para dentro cozinha e copa, os quartos ficam
em cima, por isso vamos ter de subir ao segundo andar, este [^{Aa}↑aqui] não serve
porque é pequeno e sombrio, este também não porque {^{A'd}também[^{A'c}↑não] porque} a janela dá para as
traseiras, [^{Aa}↑estes estão ocupados,] Gostava era de um quarto <^{Ad}donde>{^{A'd}de onde} pudesse ver o
rio, Ah, muito
bem, então vai gostar do duzentos e um, ficou livre esta manhã, mostro-
-lho já. A porta ficava <no fim>[^{Aa}↑ao fundo] {^{A'd}ao <fundo>[^{A'c}↑fim]} do corredor, tinha uma
chapazinha esmal-
tada, números {^{A'd}<numeros>/^Bnumeros\} pretos sobre fundo branco, não fosse isto um
<discreto>[^{Aa}↑discreto] <discreto>{^{A'd}recatado} quar-
to de hotel, sem luxos, fosse duzentos e dois o número <desta>[^{Aa}↑da] porta, e já
o hóspede poderia <^{A'a}chamar-se> chamar-se Jacinto e <ter uma>[^{Aa}↑ser dono duma] quinta em
Tormes, não se-
riam estes episódios de Rua do Alecrim mas de Campos Elísios, à direita

de quem sobe, como o Hotel Bragança, é {^{A'd}<é>/e\} só <no>[^{Aa}↑nisso] {^{A'd}é} que se parecem. O viajante gostou do quarto, ou quartos, para sermos mais rigorosos, porque eram dois, ligados por um amplo vão, [^{Aa}↑em arco,] ali o lugar de dormir, alcova se lhe cha- <mou>[^{Aa}↑maria] noutros tempos, deste lado o lugar de estar, [^{Aa}↑no conjunto] um aposento <^{Aa}que era> co- mo uma casa de habitação, com a sua escura mobília {mobili[^{A'c}↓a]} de mogno polido, {[^{A'c},]} os reposteiros nas janelas, a luz velada. O viajante ouviu o [rangido ^{Aa}↔alto] {<^{A'a}alto> rangido [^{A'a}↑áspero]} de um eléctrico que subia a rua, tinha razão o motorista. Então pareceu-lhe que passara muito tempo desde que deixara o táxi, se ainda lá estaria, e interiormente sorriu do seu medo[^{Aa}/]de ser roubado, Gosta do quarto, perguntou o gerente, com voz e autoridade de quem o [^{Aa}/10] é, mas <blandi↑>[^{Aa}↑blandicioso] como convém {<convém>[^{A'a}↑compete]} <a>[^{Aa}↑ao negócio de] alugador, Gosto, fico com ele, E vai ser por quantos dias, Ainda não sei, depende de uns <^{Ad}uns>{^{A'd}alguns} assuntos que tenho de resolver, do tempo que demorem. É <um>[^{Aa}↑o] diálogo corrente, conversa sempre igual <nestes>[^{Aa}↑em] casos [^{Aa}↑assim,] mas [^{Aa}↑neste] {^{A'a}↑de agora} <contém[^{Aa}↑-se]>{^{A'd}há} um elemento de falsidade, porquanto o viajante não tem assuntos a tratar em Lisboa, nenhum assunto<,>[^{Aa}↑que esse {<^{A'd}esse>[^{A'a}↑tal]} nome mereça,] disse uma mentira, ele que um dia afirmou detestar a inexactidão.

(10)

Desceram ao primeiro andar, e o gerente chamou um empregado, moço dos recados e [^{Aa}↑homem dos] carregos, que fosse buscar a bagagem deste senhor, O táxi está à espera defronte do café, e o viajante desceu com ele<^{A'd}>{^B,} para pagar a corrida, ainda se usa {^{A'a}↑hoje} esta linguagem de cocheiro e sota, e verificar que nada lhe faltava, desconfiança mal <empregada,>[^{Aa}↑encaminhada,] juízo imerecido, que o motorista é [honesta ^{Aa}↔pessoa] e só quer que lhe paguem <o>/^{Aa}a\ <devido,>[^{Aa}↑conta,] <a conta>{^{A'd}o que o contador marca,} mais a gor- jeta <do>[^{Aa}↑que é] {^{A'd}<^{A'a}que é>[^{A'a}↑do]} costume. Não [^{Aa}↑vai] ter<^{Aa}↑a> a sorte do bagageiro, <^{A'a}hoje> não haverá outra {<^{Ad}outra>/^{A'd}mais\<^{A'd}mais>[^{A'a}↑outras]} distribuição {<distribuição>/distribuições\} de pepitas, porque entretanto trocou o viajante na recepção algum do seu dinheiro inglês, não <^{Aa}é> que a generosidade [^{Aa}↑nos] canse, mas uma vez não são vezes, e ostentação é <defeito>[^{Aa}↑insulto aos pobres.] <Esta>[^{Aa}↑A] mala pesa [^{Aa}↑muito] mais {^Bdo} que o meu dinheiro, e quando ela <atinge>[^{Aa}↑alcança] o patamar, o gerente, que ali estava esperan-

do e vigilando o transporte, fez um movimento de ajuda, a mão por baixo, gesto simbólico como o lançamento duma primeira pedra, que a carga vinha subindo toda às costas do moço, só moço de profissão, não de idade, que essa já carrega, carregando ele a mala e pensando {^{A'a}↑dela} aquelas primeiras palavras, de um lado e do outro amparado pelos escusados auxílios, o segundo, igualzinho, dava-lho o hóspede, dorido da força que via fazer. Vai já {<^{Ad}Vai já>/^{A'd}Já lá vai\} a caminho do segundo an<†>/^{Aa}da\,r, É o duzentos e um, ó Pimenta, desta vez o Pimenta está com sorte, não tem de ir aos andares altos, e <^{A'd}entretanto> {^{A'a}↑enquanto ele sobe} [o hóspede^{A'a}↔tornou] a entrar na recepção, um pouco ofegante do esforço, pega na caneta, e [no livro das entradas^{A'd}↔escreve] {^{A'd},} a respeito de si mesmo {^{A'd},} o que é necessário [^{Aa}/12] para que fique a saber-se quem diz ser, na <^{Ad}sucessão> {^{A'd}quadrícula} do riscado e pautado da página, nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil soltei[^{Aa}↑ro], profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede, viajou pelo Highland Brigade, parece o princípio duma confissão, duma autobiografia íntima, todo o ainda {<^{A'd}todo o ainda>[^{A'a}↑tudo o que é]}

oculto se contém nesta linha manuscrita, agora <a questão>[^{Aa}↑o problema] é descobrir o resto[^{Aa},] [^{Aa}↑apenas.] E o gerente, que estivera de pescoço torcido para seguir o encaideamento das letras e decifrar-lhes, acto contínuo, o sentido, pensa que

(11)

ficou a saber <^{A'd}tudo,> {^{A'a}↑isto e aquilo,} e diz, Senhor doutor, não chega a ser <^{A'a}uma> vénia, é <^{A'd}apenas> um selo, o reconhecimento de um direito, de um mérito, de uma qualidade, <^{A'd}e isto está pedindo> {^{A'a}↑o que requer} uma {^{A'd}imediata} retribuição, mesmo não escrita, O meu nome é Salvador, sou o responsável <por este>[^{Aa}↑pelo] <pelo> {^{A'd}do} hotel, {^{A'd}o gerente,} precisando o senhor doutor de <^{Ad}alguma> {^{A'd}qualquer} coisa, só tem que {^{A'a}↑me} dizer, A que horas <^{Ad}é> {^{A'd}se serve} o jantar, O jantar é às oito, senhor doutor, espero que <^{A'd}goste da> {^{A'd}a} nossa cozinha {^{A'd}lhe dê satisfação}, [também^{A'd}↔temos]

pratos franceses. O doutor Ricardo Reis admitiu com um aceno de cabeça a sua própria esperança, pegou na gabardina e no chapéu, que pousara numa cadeira, e retirou-se.

O moço estava à espera, <^{Ad}ainda> {^{A'd}do lado de} dentro do quarto, <^{A'd}de> {^{A'a}↑com a} porta aberta. Ricardo Reis viu-o da entrada do corredor, sabia que, em lá chegando, o homem iria <^{Ad}aprontar> {^{A'd}avançar} a mão serviçal, {^{A'd}mas} também imperativa, na proporção do peso

da carga, e enquanto <^{Ad}avançava>{^{Ad}caminhava} notou, [antes^{A'a}↔não se apercebera], que só havia portas de um lado, o outro era a parede que formava a caixa da escada, pensava nisto como se <^{Ad}fosse>{^{Ad}tratasse de} uma [questão^{A'a}↔importante] que não deveria esquecer, realmente estava muito cansado. O homem recebeu a gorje<sup>j>/t\la, sentiu-a, mais do que a olhou, é o que faz o hábito, e ficou satisfeito, tanto {^{Ad}assim} que disse, Senhor doutor, muito obrigado, não poderemos explicar como o sabia ele, se não vira o livro dos hóspedes, é o caso que as classes subalternas não ficam a dever nada em agudeza e perspicácia às pessoas que fizeram estudo[^{Aa}s] e ficaram cultas. A Pimenta só [^{Aa}/12] lhe doía a asa dum omoplata por mau assentamento, nela, duma das travessas de reforço da mala, <^{Aa}e> [^{Aa}→nem parece homem com tanta experiência de carregar.]

Ricardo Reis senta-se numa cadeira, passa os olhos em redor, {^{A'a}↑é aqui que} [^{Aa}↑irá] <^{A'a}aqui>
 <^{Aa}irá> viver{^{A'a},}<^B,> não sabe por quantos dias, talvez <^{Ad}alugue>{^{Ad}venha a alugar} casa e <^{Ad}instale>{^{Ad}instalar} consultório, talvez regresse ao Brasil, por agora [basta[^{Aa}↑rá]^{Ad}↔o hotel], lugar neutro, sem compromisso, de trânsito<,>[^{Aa}↑e] <^{Aa}de> vida suspensa. Para além das cortinas lisas, as janelas tornaram-se de repente luminosas, são os candeeiros da rua. Tão tarde<^{Ad},> já. Este dia acabou, o que dele resta <está>[^{Aa}↑paira] longe sobre o

(12)

mar e vai fugindo, ainda há {^{Ad}tão} poucas horas navegava Ricardo Reis por aquelas águas, agora o horizonte está aonde o seu braço <^{Ad}chega,>{^{A'a}↑alcança,} paredes, móveis que reflectem a luz como um espelho negro, e em vez do pulsar profundo das máquinas <^{Ad}↑> do vapor, ouve o sussurro, o murmúrio da cidade, seiscentas mil pessoas suspirando, gritando longe, agora uns passos recatados <^{Ad}recatados>{^{Ad}cautelosos} no corredor, uma voz de mulher que diz, Já lá vou, deve ser criada, estas palavras, esta voz. Abriu uma das janelas, olhou para fora. A chuva parara. O ar fresco, húmido do vento que passou sobre o rio, entra pelo quarto dentro, corrige-lhe a atmosfera fechada, como de roupa por lavar em gaveta esquecida, um hotel não é uma casa, convém lembrar outra vez, vão{^{Ad}-lhe} ficando cheiros deste e daquela, uma suada insónia, uma noite de amor, um sobretudo molhado, o pó dos sapatos escovados na hora da partida, e depois vêm as criadas fazer as camas de lavado, varrer, fica {^{Ad}também} o seu próprio halo de mulheres, nada disto se pode evitar, são os sinais da nossa humanidade.

Deixou a janela aberta, foi abrir a outra, e, em mangas de camisa, refrescado, com um vigor súbito, começou a abrir as malas, em menos de meia hora as despejou, passou o conteúdo delas para os móveis, para os

gavet<0>/^{Aa}ões da cómoda, os sapatos na gaveta-sapateira, os fatos nos cabides do guarda-roupa, a mala pre<c>/t\ a de médico num fundo escuro de ar<t>/^{Ad}mário, e [^{Aa}/13] os livros numa prateleira, <^{A'd}os>{^{A'a}↑estes} poucos que <quisera trazer,>[^{Aa}↑trouxera {^{A'd}consigo,},] alguma latinação clássica de que já não fazia leitura regular, uns manuseados poetas ingleses, três ou quatro autores brasileiros, de portugueses <^{Ad}nem>{^{A'd}não chegava a uma} dezena, e no meio deles <encontrava>[^{Aa}↑encontrou]<^{A'd}encontrou>{^{A'a}↑encontrava} agora um que pertencia à biblioteca d<^{A'd}e>{^{A'd}o} Highland Brigade, esquecera-se de o entregar antes do desembarque<,>/^{Aa}.\ <†>/^{Aa}A\ estas horas, se o bibliotecário irlandês deu pela falta, grossas [^{Aa}↑e gravosas] acusações hão-de ter sido feitas à lusitana pátria, terra de escravos e ladrões, como disse Byron e dirá O'Brien, destas mínimas causas, locais, é que costumam gerar-se grandes e mundiais efeitos, mas eu estou inocente, juro-o,

(13)

foi deslembração, só, e nada mais. Pôs o livro na mesa de cabeceira {^Bmesa-de-cabeceira}<^{A'a},> para {^{A'd}um destes dias} {^{A'a}↑o} acabar de <^{A'a}o> ler, apeteendo, é seu título The <g>/^{Aa}G\od <^{A'd}G>{^{A'a}g}od of the <l>/^{Aa}L\abyrinth <^{A'd}L>{^{A'a}l}abyrinth, seu autor Herbert Quain, irlandês [^{Aa}↑também]{^{A'd},} por não singular coincidência, mas o nome, esse sim, é <^{A'd}si[^{Aa}↑n]gular,>{^{A'a}↑singularíssimo,} pois sem máximo erro de pronúncia se poderia ler, Quem, repare-se, Quain, Quem, escritor que só não é desconhecido porque alguém o <^{A'd}encontrou>{^{A'a}↑achou} no Highland Brigade, agora, se lá estava em único exemplar, nem isso, razão maior para perguntarmos nós, Quem. O título da viagem e a sugestão do título o tinham atraído, um labirinto com um deus, que deus seria, que labirinto era, que deus labiríntico, e afinal saíra-lhe um simples romance policial, uma vulgar história de assassinio e investigação, o criminoso, a vítima, se pelo contrário não pre-existe a vítima ao criminoso, {^{A'd}e} finalmente o detective, <os>[^{Aa}↑todos] três cúmplices da morte, em verdade vos <^{Ad}digo>{^{A'd}direi} que o leitor de romances policiais é o único e real sobrevivente da história que <^{Ad}está>{^{A'd}estiver} lendo, se não é como sobrevivente único e real que todo o leitor lê toda a história.

E há papéis para guardar, estas <^{Ap}cem> folhas escritas com versos, data-da a mais antiga de doze de Junho de mil novecentos e catorze, vinha aí a guerra, a Grande, como depois <^{Ad}lhe chamaram>{^{A'd}passaram a chamar-lhe} enquanto não <faziam>[^{Aa}↑fizessem] <[↑fizessem]>{^{A'd}faziam} outra maior, Mestre, são plá<t>/c\idas todas as horas que nós perdemos, se [^{Aa}/14] no perdê-las, qual numa jarra, nós pomos flores, e seguindo concluí, Da vida iremos tranquilos, tendo nem o remorso de ter vivido. Não é assim, de en-

fiada, que estão escritos, cada linha <é>[^{Aa}↑ leva] seu verso <^{A'a},>{^{A'a}↑obediente,} mas desta maneira, con-

tínuos, eles e nós, sem outra pausa que a da respiração e do canto, é que

os lemos, e <esta>[^{Aa}↑ a] de todas mais recente folha {^{A'd}e a folha [de todas^{A'a}↔mais recente]} tem <^{Aa}a>{^{A'd}a} data de treze de No-

vembro de mil novecentos e trinta e cinco, passou mês e meio sobre tê-la

escrito, ainda folha <nova,>[^{Aa}↑ de pouco tempo,] e diz, Vivem em nós in<|>/^{Aa}úmeros, se pen<t>/^{Aa}s\o ou sin-

to, ignoro quem é que pensa ou sente, sou somente o lugar onde se pensa

e sente, e, não acabando aqui, é como se acabasse, {^{A'a}↑ uma vez que} para além de pensar

<ou>[^{Aa}↑ e] sentir não há mais nada. Se somente isto sou, pensa Ricardo Reis de-

(14)

pois de ler, quem estará pensando agora o que {^{A'd}eu} penso, ou penso que estou

pensando no lugar que sou de pensar, quem estará sentindo o que sinto,

ou sinto que estou sentindo no lugar que sou de sentir, quem se serve de

mim para sentir e pensar, e, de quantos inúmeros quem em mim vivem, eu sou

qual, quem, Quain, que pensamentos e sensações {^{A'a}↑ serão os que} não partilho por só me

pertencerem, quem sou eu que outros não sejam ou tenham sido ou venham

a ser. Juntou os papéis, vinte anos dia sobre dia, folha após folha,

guardou-os numa gaveta da pequena secretária, fechou as janelas, e pôs a

correr a água quente para <tomar banho.>[^{Aa}↑ se lavar.] {^{A'd}l<e>/^{A'c}a\var.} Passava um pouco das sete horas.

Pontual, quando ainda ecoava a última pancada das oito no relógio de

caixa alta que ornamentava o patamar da recepç<n>/^{Ad}ã\o, Ricardo Reis desceu à

sala de jantar. O gerente S<r>/^{Ad}a\lvador sorriu, levantando o bigode sobre os

dentes <mal lavados,>[^{Aa}↑ pouco limpos,] e correu a abrir-lhe a porta dupla de painéis de vi-

dro, monogramados com um H e um B entrelaçados de curvas e contracurvas {<^{A'd}contra-
curvas>/^Bcontracurvas\},

de apêndices e alongamentos vegetalistas, de <†>/^{Ad}r\eminiscências de acantos,

palmetas, folhagens enroladas, assim dignifican[^{Aa}do] as artes aplicadas o

trivial ofício hoteleiro. O ma<t>/^{Aa}t\<i>/^{Aa}t\re <foi-lhe>[^{Aa}↑ saiu-lhe] ao caminho, <^{A'd}Senhor doutor,>
não

estavam outros hóspedes na sala, só dois criados que acabavam de pôr as

mesas, ou[^{Aa}/15]viam-se rumores de copa atrás doutra porta monogramada, por ali

entrariam daí a pouco[^{Aa}/]as terrinas, os pratos cobertos, as travessas. O[^{Aa}/]mo-

biliário é o que costuma ser, quem viu uma destas salas de jantar viu to-

das, excepto quanto o hotel for de luxo, e não é este o caso, umas frouxas

luzes no tecto e nas paredes, uns cabides, toalhas brancas nas mesas, al-

víssimas, é o brio da gerência, curadas de <A'd>lexívia>{B'lixívia} na lavandaria, senão na lavadeira de Caneças, que não usa mais que sa<†>/Aa\b\ão e sol, com tanta chuva, há tan<d>/Aa\t\os dias, há-de ter o rol atrasado. Sentou-se Ricardo Reis, o maître diz-lhe o que há para comer, a sopa, o peixe, a carne, salvo se o senhor doutor preferir {preferi<a>/A'c\r\} {A'a↑a} dieta, isto é, outra carne, outro peixe[Aa,] outra sopa, eu aconselharia, para começar a habituar-se a esta nova alimentação, <Aa>recém-chegado>

(15)

recém-chegado do trópico depois du<†>/Aa\ma\ ausência de de<p>/z\asseis anos, até isto já se sabe na sala de jantar e na cozinha. A porta que dá para a recepção foi entretanto empurrada, entrou um casal com dois filhos crianças, menino, menina, cor de cera <A'd>estes>{A'd>eles}, sanguíneos os pais, mas todos legítimos pelas parecenças, o chefe da família à frente, {A'd>guia da tribo,} a mãe tocando as crias que vão no meio. Depois apareceu um homem gordo, pesado, com uma corrente de ouro atravessada sobre o estômago, de bolsinho a bolsinho {A'd>do colete}, e logo a seguir outro homem, magríssimo <este,>[Aa↑ele,]{<A'd>ele>} de gravata preta e fumo no braço, ninguém mais entrou durante este qua<t>/A'd\r<r>/A'd\t\o {A'd>quart<o>/A'd\t\o} de hora, ouvem-se os ta-

lheres tocando os <l>/A'd>p\ratos, o pai dos meninos, imperioso, bate com a faca no copo para chamar o criado, o homem magro, ofendido no <A'd>seu> luto e na <A'd>sua> <Aa>boa> educação, fita-o severamente, o gordo mastiga, plácido. Ricardo Reis contempla as olhas da canja de galinha, acabou por escolher a dieta, obedeceu à sugestão, por indiferença, não por lhe <A'd>encontrar>{A'd>ter encontrado}<motivo>[Aa↑vantagem]{<A'd>vantagem}> particular {A'd>proveito.>[A'a↑vantagem.]} Um rufar nas vidraças advertiu-o de que recomeçara a chover. Es-

tas janelas não dão para a Rua do <Alecrim> Alecrim, que rua será[Aa,] <Aa>esta> não se recorda, se alguma vez o soube, mas o criado que vem <retirar>{A'd>substituir>[A'a↑mudar]} o prato <A'd>vazio> e<m>/A'd>x\plica, Aqui é a Rua Nova do Carvalho, senhor doutor, e perguntou, Então, gostou da canja, pela pronúncia se vê que o criado é galeg<a>/Aa\o\, Gostei, pela pronúncia já se tinha visto que o hósp[Aa↑e]de viveu no Brasil, boa gorjeta apanhou-a o Pimenta.

A porta abriu-se outra vez, agora <A'd>entra>{A'd>entrou} um homem de meia idade, alto, formal, de rosto comprido e vincado, e uma rapariga de uns vinte anos, se <tanto,>[Aa↑os tem,] magra, ainda que mais exacto <A'd>seja>{A'd>seria} dizer delgada, dirigem-se para a mesa fronteira à de Ricardo Reis, de súbito tornara-se evidente que a mesa estava à espera deles, como um objecto espera A'd>{a} a {A'd>A'c>a>} mão que fre<n>/A'd>q\uentemente o procura e serve, serão hósp[Aa↑e]des habituais, talvez os donos do ho-

tel, é interessante como nos esquecemos de que os hotéis <A'd também> têm do-
no<A's>, estes, sejam-no ou não, atravessaram a sa<k>/A'd\la num passo tranquilo co-

(16)

mo se estivessem em sua própria casa, são coisas que se notam quando se olha com atenção. A rapariga fica de perfil, o homem está de costas, conversam em voz baixa, mas o tom dela subiu quando disse, Não, meu pai, sinto-me bem, são portanto pai e filha, conjunção pouco costumada em hotéis, nestas idades. O criado veio servi-los, sóbrio <e>[A'a↑mas] familiar de modos, depois afastou-se, agora a sala está silenciosa, nem as crianças levantam as vozes, estranho caso, Ricardo Reis não se lembra de <A'dtê-las>{A'das ter} ouvido falar, ou são mudas, ou têm os beijos colados, presos por agrafes invisíveis, absurda lembrança, se estão comendo. A rapariga magra acabou a sopa, pousa a colher, a sua mão direita vai afagar<A'c†>{A'c,}, como um animalzinho doméstico, a mão esquerda que <repousa>[A'a↑descansa] no colo. Então Ricardo Reis, surpreendido pela sua própria descoberta, repara que desde o princípio aquela mão estivera imóvel, <lembra-se>[A'd↑recorda-se] de que só a mão direita desdobrara o guardanapo, e agora agarra a esquerda e vai pousá-la sobre a mesa, com muito cuidado, cristal fragilíssimo, e ali a deixa ficar, ao lado do prato, assistindo à refeição, os longos dedos estendidos, pálidos, ausentes. Ricardo Reis sente um arr<e>/A'e\pio, é ele quem o sente, ninguém por si o está sentindo, por fora e por dentro da pele se arr<e>/A'e\pia, e olha fascinado a mão paralisada e cega<A'a>, que não sabe aonde há-de ir se a não levarem, aqui a apanhar sol, aqui a ouvir a conversa, aqui para que te veja aquele senhor doutor que veio do Brasil, mãozinha duas vezes esquerda, por estar desse lado e ser canhota, inábil, inerte, mão morta{A'a,}> mão morta que não irá bater àquela porta. Ricardo Reis observa que os pratos da rapariga vêm já arranjados da copa, limpo de espinhas o peixe, cortada a carne, descascada<A's> e aberta a fruta, é patente que filha e pai são hóspedes conhecidos, costumados na casa, talvez vivam mesmo no hotel. Chegou ao fim da refeição, ainda se demora um pouco, a dar tempo, que tempo e para quê, enfim levantou-se, afasta a cadeira, e o rumor do arrastamento, acaso excessivo, fez voltar-se o rosto da rapariga, de frente tem mais que os

(17)

vinete anos que antes parecera, mas logo o perfil a restitui à adolescência, o pescoço alto e frágil, o queixo fino, toda a linha instável do corpo, insegura, ina<A'db>/A'p\c\<A'dc>/A'pb\ada. Ricardo Reis sai da sala de jantar, aproxima-

-se <^{Ad}do>{^{A'd}da} porta dos monogramas, aí tem de trocar vénias com o homem gordo que também ia saindo, Vossa excelência primeiro, Ora essa, por quem é, saiu o gordo, Muito obrigado a vossa excelência, notável maneira esta de dizer, Por quem é, se tomássemos todas as palavras à letra, passaria primeiro Ricardo Reis, porque é inúmeros, segundo o seu próprio modo de entender-se.

O gerente Salvador estende já a chave do duzentos e um, faz menção de a entregar solícito, porém retrai subtilmente o gesto, <^{A'a}quererá>{^{A'a}↑talvez} o hóspede {^{A'a}↑queira} partir à descoberta <^{Ad}de>{^{A'd}da} Lisboa nocturna e {^{A'd}dos} seus prazeres <^{A'd}ocultos>{^{A'a}↑secretos}, depois de tantos anos <^{Ad}de>{^{A'd}no} Brasil e tantos dias de travessia oceânica, ainda que a noite invernosa mais faça apetecer o sossego da sala de estar, aqui ao lado, com as suas profundas e altas poltronas de couro, o seu lustre central, precioso de pingentes, o grande espelho <^{Ad}onde>{^{A'd}em que} cabe toda a sala, que nele se duplica, em uma outra dimensão que não é o simples reflexo das {[^{Aa}↑dimensões] ^{A'a}↔comuns {^{A'd}e sabidas}} que com ele se confrontam, largura, comprimento, altura, por-que não estão lá uma por uma, identificáveis, mas sim fundidas numa [única ^{A'a}↔dimensão], como fantasma inapreensível de um plano [remoto e próximo ^{A'a}↔{^{A'd}simultaneamente}], se em tal explicação não há uma contradição que a consciência só por preguiça desdenha, aqui se está contemplando Ricardo<,>[^{Ap}↑Reis,] no fundo do espelho, um dos inúmeros que é, mas todos fatigados, Vou para cima, estou cansado da viagem, foram duas semanas de mau tempo, se <tivesse>[^{Aa}↑houvesse] por aí uns jornais de hoje, questão de me pôr em dia com a pátria enquanto não adormeço, Aqui os tem, senhor doutor, e neste <^{Aa}↑> momento apareceram a rapariga da mão paralisada e o pai, passaram para a sala de estar, ele <↑>/^{Aa}à\ frente, ela atrás, distantes um passo, a chave <n>/^{Aa}j\<a>/^{Aa}á\ estava na mão de Ricardo Reis, e os jornais <^{A'd}de> cor {^{A'd}de} cinza, baços, uma rajada fez bater a porta que dá para

(18)

a rua, lá <^{Ad}ao>{^{A'd}no} fundo da ^{A'd}<^{A'c}da> da escada, o <besou>[^{Ad}↑besouro] zumbiu, não é ninguém, apenas o temporal que recrudesce, [^{Aa}↑d]esta noite não <^{Aa}[^{Aa}↑terá]>[^{Aa}virá] mais {^{A'd}nada} <^{Aa}que se <^{Aa}veja>[^{Aa}↑↑]> ^{A'd}que se <veja>{^{A'a}↑aproveite,} chuva, vendaval em terra e no mar, solidão.

O sofá do quarto é confortável, as molas, de tanto[^{Aa}s] corpo[^{Aa}s] que nelas se sent<ou>[^{Aa}↑aram], humanizaram-se, fazem um recôncavo suave, <^{Ad}↑> e a luz do candeeiro que está sobre a secretária<o>/^{Aa}a\ ilumina de bom ângulo o jornal, nem

[isto ^{Aa}↔ parece] [^{Aa}↑ um] hotel, é como estar em casa, no seio da família, do lar que não tenho, se o terei, estas [^{Aa}↑ são as] {^{A'd}[estas ^{A'a}↔ são] as} notícias da minha terra {^{A'd} natal} [^{Aa}↓,] <que> [^{Aa}↑ e] dizem, O chefe do Estado inaugurou a exposição de homenagem a Mousinho de Albuquerque na Agência Geral das Colónias, não se não {^{A'c}/} se podem dispensar as imperiais comemorações <^{A'd},> [^{Aa}↑ nem esquecer as figuras imperiais.] {^B,} Há grandes receios na Golegã, não me lembro onde fica, ah Riba-tejo, se as cheias destruírem o dique dos Vinte, <curioso nome,> [^{Aa}↑ nome muito curioso,] donde lhe virá, <repetir-se-á> [^{Aa}↑ veremos repetida] a catástrofe de mil oitocentos e noventa e cinco, noventa e cinco, tinha eu <^{Aa}dez> oito anos, <idade da razão> [^{Aa}↑ é natural <^{Aa}que não>] <^{Aa}e> não <^{Aa}me lembro,> [^{Aa}↑ me lembrar,] A mais alta mulher do mundo chama-se Elsa Droyon e tem dois metros e cinquenta centímetros de altura, a esta não <haverá> [^{Aa}↑ a cobriria a] cheia [^{Aa}↓,] <^{Aa}que a cubra,> e a rapariga, como se chamará, aquela mão paralisada, mole, foi doença, foi acidente, Quinto concurso de beleza infantil, meia página de retratos de <bebés> [^{Aa}↑ criancinhas,] nu [^{Aa}↑ a] zinh<o> /^{Aa}a\ s de todo, ao léu os refegos, alimentad<o> /^{Aa}a\ s a farinha lacto-búlgara, alguns destes [^{Aa}↑ bebés] se tornarão criminosos, vadios e prost<r>/itutas por assim <^{Aa}os> terem [^{Aa}↑ sido] exposto {^{A'd}s}, na tenra idade, ao olhar grosseiro do vulgo, que não respeita inocências, Prosseguem as operações na Etiópia, e do Brasil que notícias temos, [^{Aa}↑ sem novidade,] tudo acabado, <As> [^{Aa}↑ Avanço geral das] tropas italianas <^{Aa}avançam em todas> <^{Aa}frontes,> não há força<^{A'd}s> humana<^{A'd}s> capaze<^{A'd}s> de <deter> [^{Aa}↑ travar] o soldado italiano na sua heróica arrancada, que faria, que fará contra ele a lazarina abexim, [^{Aa}↑ a pobre lança, a mísera catana,] O advogado da famosa atleta anunciou que a sua constituinte se submeteu a uma importante operação para mudar de sexo, dentro de poucos dias será um homem autêntico, como de nascimento, {^{A'a}↑ já agora} [^{Aa}↑ não se esqueçam de] mud /^{Aa}ar\ -lhe <^{Aa}também> {^{A'd}também} o nome, que nome, {^{A'd}[Quadro do pintor Fernando Santos,↔ Bocage perante o Tribunal do Santo

(19)

Ofício}}, belas [^{Aa}↑ são as] artes [^{Aa}↑ que] por cá fazem {^{A'd}belas <^{A'a}são as> artes <^{A'a}que> por cá {^{A'd}se} fazem}, <^{A'd}n> {^{A'd}N} o Coliseu está a Última Maravilha com a [escultural^{A'd}↔e^{A'd}↔azougada] Vanise Meireles, estrela brasileira, tem graça, [nunca dei por ela ^{Aa}↔no Brasil], [^{Aa}↑ culpa minha,] aqui a três escudos a geral, fauteil [^{Aa}] <^{A'd}> a partir de cinco, em duas sessões, matinée aos domingos, O Polite {^{A'd}a} ma leva As

Cruzadas, assombroso filme histórico, Em Port-Said desembarcaram numero-
 sos contingentes ingleses, <está visto que são>[^{Aa}↑tem cada tempo suas] [cada tempo^{A'd}↔tem]
 [suas^{A'd}↔as] cruzadas[^{Aa}↓,] <que>[^{Aa}↑estas] <^{Ad}continuum,>{^{A'd}estas são as de hoje,}
 constando que seguiram para a fronteira da Líbia italiana, <Listas>[^{Ad}↑Lista de] por-
 tugueses falecidos no Brasil na primeira quinzena de Dezembro, pelos no-
 mes não conheço ninguém, não tenho que sentir desgosto, não preciso pôr
 luto, mas realmente morre<†>/^{Aa}m\ muitos portugueses por lá, Bodos aos pobres
 por todo o país de cá, ceia melhorada nos asilos, {^{A'a}↑que} bem <estão>[^{Aa}↑tratados são] em Portugal
 os macróbios, bem <está>[^{Aa}↑tratada] a infância desvalida, florinhas da rua, e esta [^{Aa}↑notícia], O
 presidente da câmara do Porto telegrafou ao ministro do Interior, em ses-
 são de hoje a câmara municipal da minha presidência apreciando o decreto
 de auxílio aos pobres no inverno resolveu saudar vossa excelência por
 esta iniciativa de tão singular beleza, [^{Aa}↑e outras,] Fontes de chafurdo cheias de de-
 jectos de gado, lavra a varíola em Lebução e Fatela, há gripe em Porta-
 legre e febre tifóide em Valbom, morreu de bexigas uma rapariga de dezas-
 seis anos, pastoril florinha, {^{A'd}campestre,} lírio tão cedo cortado<^{A'd},> cruelmente, Tenho
 uma cadela fox, não pura, que já teve duas criações, e em qualquer delas
 foi sempre <†>[^{Ad}↑apanhada] a comer os filhos, não escapou nenhum, diga-me senhor
 redactor o que devo fazer, O canibalismo das cadelas, prezado leitor [^{Aa}↑e consulente,] é
 <^{Ad}geralmente>{^{A'd}no geral} devido ao mau arraçoamento durante a gestação, com insuficiên-
 cia de carne, deve-se-lhe dar comida em abundância, em que a carne entre
 como base, mas a que não falem o leite, o pão e os legumes, enfim, uma
 <dieta que se veja,>[^{Aa}↑alimentação completa,] se mesmo assim lhe não passar a balda, não tem
 cur[^{A'a}↓a,]
 mate-a ou não a deixe cobrir, que se avenha com o cio[^{Aa},] [^{Aa}↑ou mande capá-la.] Agora imaginemos
 [^{Aa}↑nós] que as mulheres mal arraçoada[^{Aa}s] durante a gravidez, e é o mais do comum,
 sem carne, sem leite, algum pão e couves, se punham também a comer os fi-

(20)

lhos, <e como>[^{Aa}↑e, tendo imaginado e verificado] [^{Aa}↑que] tal não acontece[^{Aa},] torna-se [^{Aa}↑afinal]
 fácil distinguir {^{A'd}torna-se afinal [^{A'c}↑fácil] distinguir} as pessoas dos
 animais, este comentário não o acrescentou o redactor, nem Ricardo Reis,
 que está a pensar noutra coisa, que nome <nem apropriado>[^{Aa}↑adequado] se deveria dar
 a esta cadela, não lhe chamará Diana ou Lembrada, e que adiantar<ia>/^{Aa}á\ <o>[^{Aa}↑um] no-
 me ao crime ou aos motivos dele, se vai o nefando bicho morrer de bolo
 envenenado ou tiro de caçadeira por mão do seu dono, teima Ricardo Reis
 e enfim encontra o <^{Aa}nome> certo [^{Aa}↑apelativo,] um que vem de Ugolino della Gherardesca,
 canibalíssimo conde {^{A'd}macho} que manjou filhos e netos, e tem atestados disso, e

abonações, na História dos Guelfos e Gibelinos, capítulo respectivo, e também na Divina Comédia, canto trigésimo terceiro do Inferno, <†>[^{A_d}↑chame-se] pois Ugolina à mãe que come os {^{A_d}seus} próprios filhos, tão desnaturada que não se lhe movem as entranhas {^{A_d}à piedade} quando com as suas mesmas queixadas rasga a morna e macia pele dos indefesos, os trucida, fazendo-lhes estalar os ossos tenros, e os pobres cãezinhos, <cegos,>[^{A_a}↑gementes,] estão morrendo sem verem quem os devora, a mãe que os pariu, Ugolina não me mates que sou teu filho.

<O jornal>[^{A_a}↑A folha] que <tantos>[^{A_a}↑tais] horrores explica tranquilamente cai sobre os joelhos de Ricardo Reis, adormecido. Uma [súbita^{A_a}↔rajada] {^{A_d}raja[^{A_c}↑da] súbita} fez estremecer as vidraças, a chuva desaba como um dilúvio. Pelas ruas ermas de Lisboa anda a cadela Ugolina<^{A_a}> a babar-se de sangue, rosnando às portas, uivando em praças e jardins, mordendo furiosa<^{A_a}mente> o próprio vent<†>/^{A_a}re\ onde já está a gerar-se a próxima ninhada<.>[^{A_a}e o próximo jantar.] {^{A_a}.} {^{A_d}<^{A_a}e o próximo jantar.>}

6.2) Tabela de pontos críticos

fl. 1	adição	supressão	substituição	reordenamento
			<Aqui, onde a terra começa e o mar se acaba.> [^{A_a} ↑Eis onde o mar acaba e a terra principia.]	
			<[↑Eis onde o mar acaba e a terra principia.]> [^{A_a} ↑Aqui o mar acaba e a terra principia.]	
			<vêm>[^{A_a} ↑correm]	
		cheia< ^{A_a} s>		
			<lá para cima.> [^{A_a} ↑nas lezírias]	
		Um< ^{A_a} a>		
			<escuríssima barca> [^{A_a} ↑barco escuro]	
			<a corrente soturna> [^{A_a} ↑fluxo soturno,]	
adic. sil.	{ ^{A_d} o} fluxo soturno,			

	[^{Aa} ↑é]			
	[^{Aa} ↑que]			
			<vai>{ ^{A'a} ↑vem}	
<i>ort.</i>			atra- <s>/ ^{Aa} c\ar	
<i>supr. + adic. = reord.</i>		<É inglês este vapor.>		
	[^{Aa} ↑O vapor é inglês,]			
			<e vive de> [^{Aa} ↑usam-no]	
	[^{Aa} ←para]			
			<escalando> [^{Aa} ↑tocando]	
	[^{Aa} ↑escalando]			
<i>ort.</i>			Montevide<o> {/ ^{A'v} u\}	
	[^{Ap} ↑por esta ou inversa ordem,]			
			<nesta>[^{Ap} ↑na]	
	[^{Ap} ↑ainda]			
				[tocará ^{Aa} ↔ [^{Ap} ↑ainda]]
		< ^{Aa} está>		
	[^{Ap} ↑vem]			
			< ^{A'd} vem>{ ^{A'a} ↑vai}	
			<barco,> [^{Aa} ↑embarcação,]	
<i>ort.</i>			ague<t>/ ^{Ad} n\ta	
		< ^{Aa} muito>		
			<ficou provado> [^{Aa} ↑outra vez se provou]	
				[constante ^{Aa} ↔mau tempo]
	[^{Aa} ↑, mais veteranos,]			
			<duma> [^{Aa} ↓de]	
<i>ort.</i>			t<á>/ ^{Ad} ã\o	

			<nos>[^{Aa} ↑ em seus]	
			< ^{A'd} em seus>{ ^{A'a} ↑ nos}	
		< ^{Aa} o barco> ,		
	[^{Aa} ↑ carinhosamente,]			
			<de classe>[^{Aa} ↑ gêmeo]	
	[^{Aa} .]			
	[^{Aa} ↑ ,]			
<i>supr. + adic. = reord.</i>		apelativo < ^{Aa} _r íntimo>		
	[^{Aa} ↑ íntimo] apelativo			
			<estão servidos> [^{Aa} ↑ foram dotados]	
			<↑ foram dotados> [^{Aa} estão providos]	
<i>supr. + adic. = reord.</i>	para [^{Aa} ↑ sport e] banhos de sol			
		banhos de sol < ^{Aa} _e sport,>		
	[^{Aa} ,]			
		< ^{Aa} onde se>		
	pode[^{Aa} ↑ -se]			
	[^{Aa} ↑ , por exemplo,]			
	[^{Aa} ↑ é exercitável]			
	[^{Aa} ,]			
			<se exercita,> [^{Aa} ↑ deste modo se]	
		demonstrando< ^{Aa} -se>		
		< ^{Aa} deste modo>		
			<queira> [^{Aa} ↑ seja essa a vontade de quem lá [^{Aa} ↓ manda]]	
<i>reord. sil.</i>				{seja ^{A'd} ↔essa}
				{essa ^{A'a} ↔seja}
				[meteorologia ^{Aa} ↔amena]
		< ^{Aa} um>		

			<para as>[^{Aa} ↑de]	
<i>versão</i>	consolo [^{Aa} ↑paraíso] de velhos			
		consolo < ^{Aa} [^{Aa} ↑paraíso] de> velhos		
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} consolo> { ^{A'd} paraíso} de velhos	
<i>ort.</i>	em { ^{A'c} ↑ba} ciados			
<i>ort.</i>			co<n>/ ^{Aa} linas	
				[urbe sobre colinas ^{A'a} ↔rasa]
			<feita> { ^{A'a} ↑construída,}	
			<a não ser que> [^{Aa} ↑salvo se]	
		< ^{A'a} isto>		
			<seja>[^{Aa} ↑é]	
	{ ^{A'a} ↑quimera,}			
			<oscilante> [^{Aa} ↑movediça]	
			<†>[^{Ad} ↑largamente]	
	largamente [^{Aa} dotou]			
fl. 2	adição	supressão	substituição	reordenamento
			<dotou a> [^{Aa} ↑a natureza da]	
	^{A'c} {↑o}			
	[^{Aa} ↑declinam-no]			
	[^{Aa} ,]			
		< ^{Aa} o declinam,>		
<i>ort. ed.</i>			< ^{A'd} frauleins> { ^B fräuleins}	
		ir à < ^{Ad} †> manobra		
				{maneiras ^{A'a} ↔ diferentes}
			<dizer,>[^{Aa} ↑enunciar,]	
	{ ^{A'a} ↑antes}			

	[^{Aa} ↑isso]			
	{ ^{A'a} ,}			
		< ^{A'a} antes,>		
subst. sil.			< ^{Ad} gravosamente> { ^{A'd} aproximativamente}	
		maior < ^{Ad} ↑> confusão		
			<cabeças,> [^{Aa} ↑inteligências,]	
			<destes>[^{Aa} ↑deles]	
adic. sil.	{ ^{A'd} ,}			
ort.			escreven<t>/ ^{Ad} d\o	
			<habilidades> [^{Aa} ↑aproximações]	
subst. sil.			< ^{Aa} ↑aproximações> { ^{A'd} imitações}	
	{ ^{A'a} ↑cedo}			
ort.	Highlan { ^{A'c} d}			
	[^{Aa} ↑que]			
				[haja ^{Aa} ↔ao menos]
ort.			ne<l>/ ^{Ad} b\blina	
ort.			neb/ ^{Ad} l\ina	
				{ ^{A'd} neblina ^{A'a} ↔parda}
		< ^{Aa} ,>		
			<desmaiante> [^{Aa} ↑esvaecente]	
		< ^{Aa} ,>		
			<a cara>[^{Aa} ↑o sobrolho]	
			<De>[^{Aa} ↑Por]	
			<desejaria> [^{Aa} ↑quereria]	
	{ ^{A'a} ↑haveria de} querer			
		querer< ^{A'a} ia>		
subst.			< ^{A'd} baixaram>	

<i>sil.</i>			{ ^B arrearam}	
<i>ort. ed.</i>			< ^{A'd} guarda-fiscais> { ^B guardas-fiscais}	
	[^{Aa} ↑Juntam-se]			
			<N>/ ^{Ad} n\o	
<i>ort.</i>			es<t>/ ^{Ad} c\ada	
	[^{Aa} ,]			
			< ^{Ad} hesitam,> [^{Aa} ↑hesitantes]	
<i>subs.</i> <i>sil.</i>			[↑hesitantes] { ^{A'd} hesitando}	
			<estar>[^{Aa} ↑ter sido]	
			<parece intimidá-los,> [^{Aa} ↑os intimida,]	
			< ^{A'd} intimida> { ^{A'a} ↑assusta,}	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} toda>		
	[^{Aa} ↑aqui]			
			< ^{A'd} veio aqui> { ^{A'a} ↑está caindo}	
			< ^{A'd} estiver> { ^{A'a} ↑ficou}	
fl. 3	adição	supressão	substituição	reordenamento
			{ ^{A'} <lá>[^{A'a} ↑além]}	
<i>ort.</i>			{ ^{A'} moven<r>/ ^{A'c} d\o}	
<i>ort. ed.</i>			<gorgulhar> { ^B gorgolhar}	
<i>ort. ed.</i>			<calcáreo> { ^B calcário}	
			< ^{A'a} sobraçam> [^{A'a} ↑trazem]	
	{ ^{A'a} ↑de mão,}			
<i>subs.</i> <i>sil.</i>			<um>{ ^{A'd} o}	
			<perplexo,> [^{Aa} ↑perdido]	
<i>ort.</i>			ba<n>/ ^{Aa} \anço	

	[^{Aa} ↑que]			
	[^{Aa} ↑deve ser,]			
		< ^{Aa} porque>		
			<foi avisada> [^{Aa} ↑avisaram-na]	
	{ ^{A'c} ↓,}			
			<prometiam> [^{Aa} ↑prometeram]	
			<fadas,>[^{Aa} ↑encantar,]	
	[^{Aa} ↑pequena]			
	[^{Aa} ↑debaixo do braço,]			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} cais> { ^{A'd} cofre}	
			< ^{A'd} cofre> { ^{A'c} ↑cais}	
			< ^{Ap} tem> [^{Aa} ↑con[^{Ap} tinha]]	
			coisas { ^{A'} <da>/ ^{A'd} de\}	
<i>ort.</i>		colo< ^{Aa} o>ridos		
			<Quando põem> [^{Aa} ↑Consoante vão pondo]	
				[a culpa deste mau tempo ^{Aa} ↔fosse nossa]
			< ^{A'd} fosse nossa a culpa>{ ^{A'a} ↑fôssemos nós os culpados}	
			<não se lembrarem de> [^{Aa} ↑terem esquecido]	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	terem { ^{A'd} -se}esquecido			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} de}			
			< ^{A'd} muito>{ ^{A'a} ↑bem}	
		tudo< ^{Aa+} ↑lhes		
	[^{Aa} ↑bem] maiores			

			< ^{A'd} bem maiores> { ^{A'a} ↑mais fortes}	
<i>adic.</i>		teríamos < ^{A'a} nós>		
<i>sil.</i>	{ ^B nós}			
			<para>[^{Aa} ↑de]	
	{ ^{A'a} ↑aqui}			
fl. 4	adição	supressão	substituição	reordenamento
	[^{Aa} ↑ela]			
			<o país.>[^{Ap} ↑a nação.]	
<i>subs.</i>			< ^{Ad} pequeno>	
<i>sil.</i>			{ ^{A'd} pequena}	
	{ ^{A'd} ,}			
		de < ^{Aa} ↑> confortos		
			<faça>[^{Aa} ↑leve a]	
			<↑> [^{Ad} ↑compadecerem-]	
		povo < ^{Ad} ↑> atrasado		
			<lhe>[^{Aa} ↑tiver de]	
			< ^{A'd} sobra,> { ^{A'a} ↑sobejo,}	
	[^{Aa} ↑possamos]			
			possamos encontr<e->/ ^{Aa} ar\mos	
			possamos encontrar< ^{Aa} mos>	
			< ^{A'd} possamos> { ^{A'a} ↑continuemos nós a}	
		< ^{A'a} sempre>		
			< ^{A'd} previa,> { ^{A'a} ↑calculava,}	
	[^{Aa} ↑saírem dela,]			
			<tantos>[^{Aa} ↑muitos]	
			< ^{A'd} muitos> { ^{A'a} ↑tantos}	
<i>ort.</i>		escu< ^{A'c} ↑>rece		
		um< ^{Aa} a>		

			<pouco>[^{Aa} ↑/*pouco/]	
	[^{Aa} ↑se]			
ort.			fa<z>/ ^{Aa} r\ia	
		< ^{Aa} -se>		
	[^{Aa} ↑a]			
	[^{Aa} ↑durante]			
ort.		{ ^{A'd} alguma< ^{A'c} †>s}		
		< ^{Aa} por exemplo,>		
			aquela<,>[^{Aa} ↑está] há	
				[a ^{Aa} ↔não]
			<indeciso>[^{Aa} ↑† (as)]	
			{ ^{A'c} <No>[^{A'c} ↑O]} ar	
			O ar { ^{A'c} <[^{Aa} ↑† (as)]> / ^{A'd} carregado\}	
	[^{Aa} ↑faz]			
	cala[^{Aa} r]			
			<calar> { ^{A'a} ↑emudecer}	
			< ^{A'd} nenhuma> { ^{A'a} ↑sombra de}	
	limb[^{A'a} ↓o]			
			<uns duplicados,> [^{Aa} ↑umas cópias,]	
		< ^{A'a} um>as cópias		
	as cópias { ^{A'a} ↑deles,}			
	pode[^{Aa} ↑-se]			
		ir< ^{Aa} -se>		
				{a vida ^{A'a} ↔ em terra firme}
			não <é>[^{Aa} ↑seria]	
			não { ^{A'a} ↑deve} seria	
		ser< ^{A'a} ia>		
		< ^{A'a} conveniente>		
			expli< ^{A'a} car>{ ^{A'a} ↑cado}	
			<teremos>[^{Aa} ↑teríamos]	
			<a explicação,> [^{Aa} ↑o exame,]	
			<arme>[^{Aa} ↑armasse a]	

			< ^{A'd} armasse> { ^{A'a} ↑ instalasse}	
	quem [^{Aa} ↑ visse a]			
	quem [^{Aa} ↑ vi[^{Aa} e]sse a]			
			<é preciso> [^{Aa} ↑ se requer,]	
			<haveríamos> [^{Aa} ↑ teríamos]	
adic. + supr. = reord.	{ ^{A'a} ↑ também}			
		< ^{A'a} também>		
supr. sil.		< ^B também>		
	[^{Aa} ,]			
		< ^{Aa} já,>		
	[^{Aa} ,]			
	[^{Aa} ,]			
	[^{Aa} d]aquele			
	[^{Aa} ↑ foi dito antes,]			
			< ^{A'd} antes,> { ^{A'a} ↑ já,}	
		< ^{Aa} é>		
fl. 5	adição	supressão	substituição	reordenamento
	a[^{Aa} s]			
			< ^{A'd} tudo> { ^{A'a} ↑ a carga}	
subst. sil.			<arreia> { ^B pousa}	
		< ^{Aa} acendeu um>		
		< ^{Aa} cigarro,>		
ort.			< ^{A'c} águas> { ^{A'd} ↑ águas}	
	[^{Aa} ,]			
		< ^{Aa} e>		
	[^{Aa} ↑ detritos vários,]			
subst. sil.			< ^{Ad} contava> { ^{A'd} conta}	
			conta { ^{A'c} va}	
		< ^{Aa} ali>		
			<,> [^{Aa} ↑ aqui,]	

<i>ort.</i>			des<ɾ>/ ^{Aa} s\es	
			<de la>/dela\	
			de < ^{A'd} sobejo> { ^{A'a} ↑sobra}	
			<dantes> [^{Aa} ↑antigamente]	
	{ ^{A'a} ↑cuidar de}			
		< ^{Aa} Agoniou-se o viajante com o tabaco húmido, atirou fora o cigarro meio fumado, a brasa chiou asperamente no chão.>		
			< ^{A'd} por outros> { ^{A'a} ↑pelos seus}	
			<Esbracejaram> [^{Aa} ↑Bracearam]	
				[alvoroçados ^{Aa} ↔ os pretendentes]
			<este>[^{Aa} ↑aquele]	
	{ ^{A'a} ↑se}			
	{ ^{A'd} a}			
			<discreto>[^{Aa} ↑humilde]	
			<ajudando>[^{Aa} ↑se]	
			< ^{A'd} se>[^{A'a} ↑quando]	
			<,>[^{Aa} ↑ajudarem,]	
			< ^{A'd} ajudarem> { ^{A'a} ↑ajudem,}	
	[^{Aa} ↑em um momento]			
<i>ort.</i>			retirá-l<o>/ ^{Ap} a\	
		brasileiro< ^{A'c} †>		
				[aqueles barcos ^{Aa} ↔na doca]
			< ^{A'd} enquanto> { ^{A'a} ↑ofegando,}	

	[^{Aa} ↑o motorista]			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} a carregar>{ ^{A'd} içar}	
	[^{Ap} ↑ê a doca da marinha,]			
<i>ort.</i>		{ ^{A'd} se< ^{A'c} n>não}		
	{ ^{A'a} ↑bem}			
<i>ort.</i>			d<o>/ ^{Aa} a\	
			<prevista> [^{Aa} ↑esperada,]	
			< ^{A'd} o>{ ^{A'a} ↑havia no}	
		< ^{Aa} agora>		
		< ^{A'a} era uma>		
			<desta>[^{Aa} ↑da]	
	{ ^{A'a} ↓,}			
fl. 6	adição	supressão	substituição	reordenamento
	{ ^{A'c} ↓,}			
			<este,> [^{Aa} ↑o dono deste]	
	[^{Aa} ↑excessiva]			
<i>ort.</i>			^{A'd} exces<i>/ ^{A'c} s\iva}	
<i>ort.</i>			{ ^{A'd} meno<a>/ ^{A'c} s\}	
			<a dever> [^{Aa} ↑em dívida de]	
	agradecimento { ^{A'd} s}			
			< ^{A'd} ouviram,> { ^{A'a} ↑ouvem,}	
<i>ort. ed.</i>			<contra-torpedeiros> { ^B contratorpedeiros}	
			<este>[^{Ap} ↑aquele]	
		< ^{A'a} até>		
	{ ^{A'a} ↑mesmo}			
<i>ort.</i>			cinzent/ ^{Aa} o\~morte	
		< ^{A'a} mesmas>		
	[^{Aa} ↑querer]			
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				<sem [^{Aa} ↑querer] ao respeito faltar,>

				{ ^{A'd} sem ao respeito querer faltar,}
			< ^{A'd} saber> { ^{A'a} ↑ter notícias}	
	{ ^{A'c} ↓,}			
			<ocasião> [^{Aa} ↑circunstancia]	
			[^{A'd} circunst/ ^{A'c} â\ncia]	
			<fosse>[^{Aa} ↑tivesse sido]	
ort.			{a<h>/ ^{A'd} q\uelas}	
	{ ^{A'c} ↓,}			
			<e>[^{Aa} ↑agora]	
	[^{Aa} ↑e]			
ort.		p< ^{Aa} ↑>ior		
ort.			{ ^{A'd} passagei<ar>/ ^{A'd} ro\}	
			<tinha ouvido,> [^{Aa} ↑ouvira,]	
			<vaga,> { ^{A'a} ↑irresoluta,}	
	{ ^{A'd} ,}			
	[^{Aa} ↑viajante]			
	{ ^{A'd} o}			
			<tanta>[^{Aa} ↑tão funda]	
			{ ^{A'd} tão < ^{A'a} funda> [^{A'a} ↑firme]}	
fl. 7	adição	supressão	substituição	reordenamento
	[^{Aa} ↑se for]			
ort.			Ale< ^{A'd} rc>{ ^{A'c} cr}im	
	{ ^{A'c} ↓,}			
				[sei onde é ^{Aa} ↔a rua]
			<julguei> { ^{A'a} ↑pensei}	
			<.>/ ^{Aa} ,\	
	{ ^{A'a} ,}			
		< ^{A'a} anos,>		
				[por cá ^{Aa} ↔

				grandes mudanças]
<i>ort.</i>			aven<f>/i\da	
			<foram> [^{Aa} ↑tinham sido]	
<i>ort.</i>			{ ^{A'd} op/ ^{A'c} a\ca}	
			<troncos,>[^{Aa} ↑renques,]	
			<somente>[^{Aa} ↑só]	
				{dispersas ^{A'a} ↔gotas}
			<,>[^{Aa} ↑caíam,]	
			<abria>[^{Aa} ↑abrira]	
		< ^{Aa} ,>		
	[^{Aa} ↑umas das outra,]			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	^{A'd} umas das outra { ^{A'd} s},			
<i>ort.</i>			pergu<v>/ ^{Ad} n\tou	
	[^{Aa} ↑É um dilúvio,]			
			<H>/ ^{Aa} h\á	
				[o céu ^{Aa} ↔anda]
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				{ ^{A'd} o céu anda}
<i>ort.</i>			sar<t>/ ^{Ad} j\ejas	
<i>ort.</i>			sarje<j>/ ^{Ad} t\as	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} e>{ ^{A'd} a} luzes	
<i>ort.</i>	a{ ^{A'c} s} luzes			
			<tristeza estú-> [^{Aa} ↑imagem taci-]	
			<pida>[^{Aa} ↑turna]	
			<esconde> [^{A'a} ↑oculta]}	
			<a>/ ^{Aa} a\	
		procura< ^{Aa} r>		
	[^{Aa} ↑de] uma			
			< ^A [^{Aa} ↑de] uma> { ^{A'd} duma}	

	[^{Aa} ↑de] um			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^A [^{Aa} ↑de] um> { ^A ' ^d dum}	
	[^{Aa} ↑de] uma			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			<[^{Aa} ↑de] uma> { ^A ' ^d duma}	
	{ ^A ' ^d .}			
		< ^A _a interior.>		
			<lentamente> [^{Aa} ↑devagar]	
<i>ort.</i>			{ ^A ' ^d <E>/C\ascais}	
			<a travar,> [^{Aa} ↑travando]	
			<trazia>[^{Aa} ↑vinha com]	
			{< ^A ' ^d que daria> [^A ' ^a ↑bastante]}	
fl. 8	adição	supressão	substituição	reordenamento
		< ^{Aa} ₃ à porta>		
	[^{Aa} ↑mesmo à porta]			
			<portuguesas> [^{Aa} ↑em tempo de república]	
	[^{Ap} ↑ou remanescente do reinado]			
	reinado < ^{Ap} †>			
			< ^A ' ^d remanescente> { ^A ' ^a ↑remanescência}	
	do [^{Aa} ↑último] reinado			
			reinado < ^{Ap} †>[^{Aa} ↓†]	
		< ^{Aa} [^{Aa} ↓†]>		
	{ ^A ' ^d .}			
			<esta>[^{Aa} ↑a]	
	{ ^A ' ^a ↑ainda}			
<i>ort.</i>			o<j>/b\jectos	
			<,>/ ^{Ap} .\	
			<j>/ ^{Ap} Já	
			{< ^A ' ^d sido> [^A ' ^a ↑havido uma]}	

		<†>		
ort.	glo[^{Aa} ↑bo]			
ort.			pa<g>/ ^{Aa} j\em	
			{< ^{A'd} significa> [^{A'a} ↑ganha com a repetição]}	
ort. ed.		repetição< ^B ,>		
			{< ^{A'd} redundante,> [^{A'a} ↑pleonástica,]}	
ort.			pa<g>/ ^{Aa} j\em	
		< ^{A'a} eles>		
ort.			pa<g>/ ^{Aa} j\ens	
			<explicadamente> [^{Aa} ↑convincente]	
			{< ^{A'd} convincente> [^{A'a} ↑explicativo]}	
			<dizer>[^{Aa} ↑ter dito,]	
ort.			pa<g>/ ^{Aa} j\em	
ort.			< ^{Ad} †>/ ^{Aa} t\rajado	
ort.			pa<g>/ ^{Aa} j\em	
			< ^{A'd} talhado> { ^{A'a} ↑talhe}	
	{ ^{A'c} ↓,}			
			<subiu>[^{Aa} ↑trepou]	
			<incontáveis> [^{Aa} ↑intérminos]	
		< ^{A'c} a>		
	[^{Aa} ↑lhe]			
			< ^{A'd} lá em cima> { ^{A'a} ↑no alto}	
			<é esse> [^{Aa} ↑assim pode ser traduzido]	
			< ^{A'd} alto> { ^{A'a} ↑alcandorado}	
			<querer saber> [^{Aa} ↑indagar]	
supr.		que < ^{A'd} bons>		

<i>sil.</i>		ventos		
	que { ^{A'c} ↑bons} ventos			
fl. 9	adição	supressão	substituição	reordenamento
		tarde< ^{A'd} s>		
	tarde{ ^{A'c} s}			
				{para mais ^{A'} ↔o fôlego}
	[^{Aa} ↑agora]			
			<se>[^{Aa} ↑pede]	
	[^{Aa} ↑aqui]			
		^{A'd} também < ^{A'd} não> porque		
	^{A'd} também { ^{A'c} ↑não} porque			
	[^{Aa} ↑estes estão ocupados,]			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} donde>{ ^{A'd} de onde}	
			<no fim>[^{Aa} ↑ao fundo]	
			^{A'd} ao < ^{A'd} fundo> { ^{A'c} ↑fim}	
<i>ort. ed.</i>			< ^{A'd} números> { ^B numeros}	
			<discreto>[^{Aa} ↑discreto]	
			< ^{Aa} discreto> { ^{A'd} recatado}	
			<desta>[^{Aa} ↑da]	
	{ ^{A'd} chamar-se} chamar-se			
		< ^{A'a} chamar-se>		
			<ter uma> [^{Aa} ↑ser dono duma]	
			{ ^{A'd} <é>/e\}	
			é só <no>[^{Aa} ↑nisso]	
			{ ^{A'd} <é>/e\} só nisso	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	só nisso { ^{A'd} é}			

	[^{Aa} ↑em arco,]			
			cha- <mou>[^{Aa} ↑maria]	
	[^{Aa} ↑no conjunto]			
		< ^{Aa} que era>		
		mobili< ^A d _a >		
ort.	mobili{ ^A c↓a}			
	{ ^A c,}			
				[rangido ^{Aa} ↔alto]
		< ^A aalto> rangido		
	rangido { ^A a↑áspero}			
ort.	medo[^{Aa} /]de			
marc. pag.	quem o [^{Aa} / ^{l0}] é			
			<blandi↑> [^{Aa} ↑blandicioso]	
			<convém> { ^A a↑compete}	
			<a>[^{Aa} ↑ao negócio de]	
subst. sil.			< ^{Ad} uns>{ ^A dalguns}	
			<um>[^{Aa} ↑o]	
			<nestes>[^{Aa} ↑em]	
	[^{Aa} ↑assim,]			
	[^{Aa} ↑neste]			
	{ ^A a↑de agora}			
	contém[^{Aa} ↑-se]			
subst. sil.			< ^A contém-se>{ ^A d _h há}	
			<,>[^{Aa} ↑que esse nome mereça,]	
			que < ^A d _{esse} >{ ^A a↑tal} nome mereça,	
fl. 10	adição	supressão	substituição	reordenamento
	[^{Aa} ↑homem dos]			
		< ^A d _, >		
	{ ^B ,}			
	{ ^A a↑hoje}			

			<empregada,> [^{Aa} ↑encaminhada,]	
				[honesta ^{Aa} ↔pessoa]
			<o>/ ^{Aa} a\	
			<devido,>[^{Aa} ↑conta,]	
subst. sil.			< ^{Ad} a conta> { ^{A'd} o que o contador marca,}	
			<do>[^{Aa} ↑que é]	
			^{A'd} <que é>{ ^{A'a} ↑do}	
	[^{Aa} ↑vai]			
		ter< ^{Aa} á>		
		< ^{A'a} hoje>		
subst. sil.			< ^{Ad} outra>{ ^{A'd} mais}	
			< ^{A'd} mais>{ ^{A'a} ↑outras}	
subst. sil.			< ^{Ad} distribuição> { ^{A'd} distribuições}	
		< ^{Aa} é>		
	[^{Aa} ↑nos]			
			<defeito> [^{Aa} ↑insulto aos pobres.]	
			<Esta>[^{Aa} ↑A]	
	[^{Aa} ↑muito]			
	{ ^B do}			
			<atinge>[^{Aa} ↑alcança]	
	{ ^{A'a} ↑dela}			
subst. sil.			< ^{Ad} Vai já> { ^{A'd} Já lá vai}	
ort.			an<†>/ ^{Aa} da\r	
			< ^{A'd} entretanto> { ^{A'a} ↑enquanto ele sobe}	
				[o hós- pede ^{A'a} ↔ tornou]
				[no livro das entradas ^{A'd} ↔]

				escreve]
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} ,}			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} ,}			
<i>marc.</i> <i>pag.</i>	necessário [^{Aa/12}] para			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} sucessão> { ^{A'd} quadricula}	
<i>ort.</i>	soltei[^{Aa} ↑ro]			
			< ^{A'd} todo o ainda> { ^{A'a} ↑tudo o que é}	
			<a questão> [^{Aa} ↑o problema]	
	[^{Aa} ,]			
	[^{Aa} ↑apenas.]			
fl. 11	adição	supressão	substituição	reordenamento
			< ^{A'd} tudo,> { ^{A'a} ↑isto e aquilo,}	
		< ^{A'a} uma>		
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} apenas>		
			< ^{A'd} e isto está pedindo> { ^{A'a} ↑o que requer}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} mediata}			
			<por este>[^{Aa} ↑pelo]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			<[^{Aa} ↑pelo]> { ^{A'd} do}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} o gerente,}			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} alguma> { ^{A'd} qualquer}	
	{ ^{A'a} ↑me}			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} é>{ ^{A'd} se serve}	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} goste da>		
<i>adic.</i>	{ ^{A'd} a}			

<i>sil.</i>				
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} lhe dê satisfação}			
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				[também ^{A'd} ↔ temos]
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} ainda> { ^{A'd} do lado de}	
			< ^{A'd} de>{ ^{A'a} ↑com a}	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} aprontar> { ^{A'd} avançar}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} mas}			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} avançava> { ^{A'd} caminhava}	
				[antes ^{A'a} ↔não se apercebera]
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} fosse> { ^{A'd} tratasse de}	
				[questão ^{A'a} ↔ importante]
<i>ort.</i>			gorje<j>/ ^{Ad} t\ə	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} assim}			
	estudo[^{Aa} s]			
<i>marc.</i> <i>pag.</i>	só [^{Aa} /12] lhe doía			
		< ^{Aa} e>		
	[^{Aa} →nem parece homem com tanta experiência de carregar.]			
	{ ^{A'a} ↑é aqui que}			
	[^{Aa} ↑irá]			
		< ^{A'a} aqui>		
		< ^{Aa} irá>		
	{ ^{A'a} ,}			
		< ^B ,>		
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} alugue> { ^{A'd} venha a alugar}	

<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} instale> { ^{A'd} instalar}	
	basta[^{Aa} ↑rá]			
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				[basta[^{Aa} ↑rá] ^{A'd} ↔ o hotel]
			< _, >[^{Aa} ↑e]	
		< ^{Aa} de>		
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		Tão tarde< ^{A'd} ,> já		
			<está>[^{Aa} ↑paíra]	
fl. 12	adição	supressão	substituição	reordenamento
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} tão}			
			< ^{A'd} chega,> { ^{A'a} ↑alcança,}	
		máquinas <↑> do vapor		
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} recatados> { ^{A'd} cautelosos}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	vão { ^{A'd} -lhe}			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} também}			
<i>ort.</i>			gavet<o>/ ^{Aa} õ'es	
<i>ort.</i>			pre<c>/ ^{Ad} t'a	
<i>ort.</i>			ar<t>/ ^{Ad} m'ário	
<i>marc.</i> <i>pag.</i>	e [^{Aa} /l ³] os livros			
			< ^{A'd} os>{ ^{A'a} ↑estes}	
			<quisera trazer,> [^{Aa} ↑trouxera,]	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} consigo}			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} nem> { ^{A'd} não chegava a uma}	
			<encontrava> [^{Aa} ↑encontrou]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{A'd} encontrou> { ^{A'a} ↑encontrava}	

<i>ort.</i>			d< ^{A'd} e>{ ^{A'd} o}	
<i>ort.</i>			< ₃ >/ ^{Aa} .\	
<i>ort.</i>			<†>/ ^{Aa} A\	
	[^{Aa} ↑e gravosas]			
fl. 13	adição	supressão	substituição	reordenamento
<i>subst.</i> <i>sil. ed.</i>			< ^{A'd} mesa de cabeceira> { ^B mesa-de-cabeceira}	
		< ^{A'a} ,>		
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} um destes dias}			
	{ ^{A'a} ↑o}			
		< ^{A'a} o>		
<i>ort.</i>			<g>/ ^{Aa} G\od	
<i>ort.</i>			< >/ ^{Aa} L\abyrinth	
<i>ort.</i>			< ^{A'd} G>{ ^{A'a} g}od	
<i>ort.</i>			< ^{A'd} L>{ ^{A'a} l}abyrinth	
	[^{Aa} ↑também]			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} ,}			
	si[^{Aa} ↑n]gular			
			< ^{A'd} singular,> { ^{A'a} ↑singularíssimo,}	
			< ^{A'd} encontrou> { ^{A'a} ↑achou}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} e}			
			<os>[^{Aa} ↑todos]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{A'd} digo>{ ^{A'd} direi}	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{A'd} está>{ ^{A'd} estiver}	
		<cem>		
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{A'd} lhe chamaram> { ^{A'd} passaram a chamar-lhe}	
			<faziam>[^{Aa} ↑fizessem]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			<[^{Aa} ↑fizessem]> { ^{A'd} faziam}	
<i>ort.</i>			plá<t>/ ^{Ad} c\idas	

<i>marc.</i>	se [^{Aa/l4}] no perdê-			
<i>pag.</i>	-las			
			<ê>[^{Aa} ↑leva]	
			< ^{A'a} >{ ^{A'a} ↑obediente,}	
			<esta>[^{Aa} ↑a]	
		< ^{Aa} a>		
<i>adic.</i>		{ ^{A'd} a}		
<i>sil.</i>				
<i>reord.</i>				e a [de todas mais
<i>sil.</i>				recente ^{A'd} ↔ folha]
				e a folha [de
				todas ^{A'a} ↔mais recente]
			<nova,> [^{Aa} ↑de pouco tempo,]	
<i>ort.</i>			in<l>/ ^{Aa'} u\meros	
<i>ort.</i>			pen<t>/ ^{Aa} s\o	
	{ ^{A'a} ↑uma vez que}			
			<ou>[^{Aa} ↑e]	
fl. 14	adição	supressão	substituição	reordenamento
<i>adic.</i>	{ ^{A'd} eu}			
<i>sil.</i>				
	{ ^{A'a} ↑serão os que}			
			<tomar banho.> [^{Aa} ↑se lavar.]	
<i>subst.</i>			l<a>/ ^{A'd} e\var	
<i>sil. e.c.</i>				
<i>ort.</i>			l<e>/ ^{A'c} a\var	
<i>ort.</i>			recepç< ^{Ad} n>/ ^{Aa} ã\o	
<i>ort.</i>			S<r>/ ^{Ad} a\lvador	
			<mal lavados,> [^{Aa} ↑pouco limpos,]	
<i>subst.</i>			< ^{Ad} contracurvas> { ^{A'd} contra-curvas}	
<i>sil. ort.</i>				
<i>ed.</i>				
<i>subst.</i>			< ^{A'd} contra-curvas> { ^B contracurvas}	
<i>sil. ort.</i>				
<i>ed.</i>				

<i>ort.</i>			<†>/r\eminiscências	
	dignifican ^[Aa] do]			
<i>ort.</i>			ma<t>/Aa\ire	
<i>ort.</i>			maî<i>/Aa\t're	
			<foi-lhe> ^[Aa] ↑saiu-lhe]	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} Senhor doutor,>		
<i>marc.</i> <i>pag.</i>	ou ^[Aa/15] viam-se			
	pouco ^[Aa] /]as			
	O ^[Aa] /]mo- biliário			
<i>ort. ed.</i>			< ^{A'd} lexívia>{ ^B lixívia}	
<i>ort.</i>			sa< ^{Ad} †>/Aa\b\ão	
			tan< ^{Ad} d>/Aa\t\os	
<i>subst.</i> <i>sil. e.c.</i>			< ^{Ad} preferir> { ^{A'd} preferia}	
			preferi<a>/A ^c r\	
	{ ^{A'a} ↑a}			
	[^{Aa} ,]			
		< ^{Aa} recém-chegado>		
fl. 15	adição	supressão	substituição	reordenamento
<i>ort.</i>			du< ^{Ad} †>/Aa\ma\	
<i>ort.</i>			de<p>/A ^d z\asseis	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} estes>{ ^{A'd} eles}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} guia da tribo,}			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} do colete}			
			<este,> ^[Aa] ↑ele,]	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} ele>		
<i>ort.</i>			qua<t>/A ^d r\ro	
<i>ort.</i>			quar<r>/A ^d t\o	
<i>ort.</i>			quart< ^{A'd} o>/A ^d t\o	
<i>ort.</i>			<l>/p\ratos	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} seu>		

<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} sua>		
		< ^{Aa} boa>		
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} encontrar> { ^{A'd} ter encontrado}	
			<motivo> [^{Aa} ↑vantagem]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			<[^{Aa} ↑vantagem]> { ^{A'd} proveito}	
			< ^{A'd} proveito.> { ^{A'a} ↑vantagem.}	
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				[< ^A vantagem> {↑ ^{A'} proveito} ↔ particular]
		< ^{Ad} Alecrim>		
	[^{Aa} ,]			
		^{Ad} < ^{Aa} esta>		
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} retirar> { ^{A'd} substituir}	
			< ^{A'd} substituir> { ^{A'a} ↑mudar}	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} vazio>		
<i>ort.</i>			e<m>/ ^{Ad} x\plica	
<i>ort.</i>			galeg< ^{Ad} a>/ ^{Aa} o\	
<i>ort.</i>	hósp[^{Aa} ↑e]de			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} entra>{ ^{A'd} entrou}	
			<tanto,>[^{Aa} ↑os tem,]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} seja>{ ^{A'd} seria}	
<i>adic.</i> <i>sil. e.c.</i>	{ ^{A'd} a}			
		< ^{A'c} a>		
<i>ort.</i>			fre<n>/ ^{Ad} q\uente- mente	
<i>ort.</i>	hósp[^{Aa} ↑e]des			
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} também>		

		do- no< ^{Aa} s>		
<i>ort.</i>			sa<k>/ ^{Ad} l\sa	
fl. 16	adição	supressão	substituição	reordenamento
			<e>[^{Aa} ↑mas]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} tê-las>{ ^{A'd} as ter}	
			afagar< ^{A'c} †>{ ^{A'c} ,}	
			<repousa>[^{Aa} ↑descansa]	
<i>em.</i> <i>imed.</i>			<lembra-se> [^{Ad} ↑recorda-se]	
<i>ort.</i>			arr<e>/ ^{Aa} e\pio	
<i>ort.</i>			arr<e>/ ^{Aa} e\pia	
		< ^{Aa} ,>		
	mão morta{ ^{A'a} ,} mão morta			
<i>ort. ed.</i>		mão morta< ^B ,> mão morta		
		descascada< ^{Aa} s>		
fl. 17	adição	supressão	substituição	reordenamento
<i>ort.</i>			ina/ ^{A'p} c\acada	
<i>ort.</i>			inaca<c>/ ^{A'p} b\ada	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} do>{ ^{A'd} da}	
			< ^{A'd} quererá> { ^{A'a} ↑talvez}	
	{ ^{A'a} ↑queira}			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} de>{ ^{A'd} da}	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} dos}			
			< ^{A'd} ocultos> { ^{A'a} ↑secretos}	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} de>{ ^{A'd} no}	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} onde>{ ^{A'd} em que}	
	[^{Aa} ↑dimensões]			
<i>adic.</i>	{ ^{A'd} e sabidas}			

<i>sil.</i>				
				[dimensões ^{A'a} ↔ comuns e sabidas]
				[única ^{A'a} ↔ dimensão]
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} simultaneamente}			
				[remoto e próximo ^{A'a} ↔ simultaneamente]
			<,>[^{Ap} ↑Reis,]	
			<tivesse>[^{Aa} ↑houvesse]	
		< ^{Aa} ↑>		
<i>ort.</i>			< ^{Aa} ↑>/ ^{Aa} á\	
<i>ort.</i>			<n>/ ^{Aa} j\ a	
<i>ort.</i>			j<a>/ ^{Aa} á\	
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} de> cor cinza		
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	cor { ^{A'd} de} cinza			
fl. 18	adição	supressão	substituição	reordenamento
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} ao>{ ^{A'd} no}	
		^{A'd} < ^{A'c} da>		
			<besou>[^{Ad} ↑besouro]	
	[^{Aa} ↑d]esta			
	[^{Aa} ↑terá]			
			<[^{Aa} ↑terá]>[^{Aa} virá]	
	mais { ^{A'd} nada}			
			<que se veja,>[^{Aa} ↑↑,]	
			<[^{Aa} ↑↑,]> { ^{A'd} que se veja}	
			que se <veja,> { ^{A'a} ↑aproveite,}	
	tanto[^{Aa} s]			
	corpo[^{Aa} s]			
			sent<ou>[^{Aa} ↑aram]	

		<†>		
			secretári<o>/ ^{Aa} a\	
				[isto ^{Aa} ↔parece]
	[^{Aa} ↑um]			
	estas [^{Aa} ↑são as] notícias			
				[estas ^{A'a} ↔são] as notícias
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} natal}			
	[^{Aa} ↓,]			
			<que>[^{Aa} ↑e]	
<i>ort.</i>	não { ^{A'c} /}se			
<i>supr.</i> <i>sil.</i>		< ^{A'd} ,>		
	[^{Aa} ↑nem esquecer as figuras imperiais.]			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^B ,}			
			<curioso nome,> [^{Aa} ↑nome muito curioso,]	
			<repetir-se-á> [^{Aa} ↑veremos repetida]	
		< ^{Aa} dez>		
			<idade da razão> [^{Aa} ↑é natural que não]	
		^{Aa} < ^{Aa} que não>		
		< ^{Aa} e>		
			<me lembro,> [^{Aa} ↑me lembrar,]	
			<haverá> [^{Aa} ↑a cobriria a]	
	[^{Aa} ↓,]			
		< ^{Aa} que a cubra,>		
			<bebés> [^{Aa} ↑criancinhas,]	
<i>ort.</i>	nu[^{Aa} ↑a]zinhos			

			nuazinh< ^{Ad} o>/ ^{Aa} a\s	
			alimentad< ^{Ad} o>/ ^{Aa} a\s	
	[^{Aa} ↑bebés]			
ort.			prost< ^{Ad} r>/ ^{Aa} i\tutas	
		< ^{Aa} os>		
	[^{Aa} ↑sido]			
adic. sil.	exposto{ ^{A'd} s}			
	[^{Aa} ↑sem novidade,]			
			<As> [^{Aa} ↑Avanço geral das]	
		< ^{Aa} avançam em todas>		
		< ^{Aa} c frentes,>		
supr. sil.		força< ^{A'd} s>		
supr. sil.		humana< ^{A'd} s>		
supr. sil.		capaze< ^{A'd} s>		
			<deter>[^{Aa} ↑travar]	
	[^{Aa} ↑a pobre lança, a mísera catana,]			
	{ ^{A'a} ↑já agora}			
	[^{Aa} ↑não se esqueçam de]			
			mud/ ^{Aa} ar_-lhe	
		< ^{Aa} também>		
adic. sil.	{ ^{A'd} também}			
reord. sil.				[Quadro do pintor Fernando Santos, ^{A'd} ↔Bocage perante o Tribunal do Santo Ofício]
subst. sil.			< ^{Ad} Q>/ ^{A'd} q\quadro	
fl. 19	adição	supressão	substituição	reordenamento

	[^{Aa} ↑são as]			
	[^{Aa} ↑que]			
		< ^{A'a} são as>		
		< ^{A'a} que>		
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} se}			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} n>{ ^{A'd} N}o	
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				[escultural ^{A'd} ↔e ^{A'd} ↔ azougada]
				[nunca dei por ela ^{Aa} ↔no Brasil]
	[^{Aa} ↑culpa minha,]			
<i>ort.</i>	fauteil[^{Aa} l]			
<i>supr.</i> <i>sil. ort.</i>		fauteil< ^{A'd} l>		
<i>adic.</i> <i>si.</i>	O Polite{ ^{A'd} a}ma			
			<está visto que são> [^{Aa} ↑tem cada tempo suas]	
<i>reord.</i> <i>sil.</i>				[cada tempo ^{A'd} ↔tem]
<i>reord.</i> <i>sil</i>				[↑suas ^{A'd} ↔as]
	[^{Aa} ↓,]			
			<que>[^{Aa} ↑estas]	
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} continuum,> { ^{A'd} estas são as de hoje,}	
<i>em.</i> <i>imed.</i>			< ^{Ad} Listas>[^{A'd} ↑Lista de]	
<i>ort.</i>			morre< ^{Ad} †>/ ^{Aa} m\	
	{ ^{A'a} ↑que}			
			<estão> [^{Aa} ↑tratados são]	
			<está>[^{Aa} ↑tratada]	

	[^{Aa} ↑notícia]			
	[^{Aa} ↑e outras,]			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} campestre,}			
<i>supr.</i> <i>si.</i>		< ^{A'd} ,>		
			<↑>[↑apanhada]	
	[^{Aa} ↑e consulente,]			
<i>subst.</i> <i>sil.</i>			< ^{Ad} geralmente> { ^{A'd} no geral}	
			<dieta que se veja,> [^{Aa} alimentação completa,]	
<i>supr.</i> <i>sil. e.c.</i>		Cur< ^{A'd} a,>		
<i>ort.</i>	cur[^{A'a} ↓a,]			
	[^{Aa} ,]			
	[^{Aa} ↑ou mande capá-la.]			
	[^{Aa} ↑nós]			
	arraçoadá[^{Aa} s]			
fl. 20	adição	supressão	substituição	reordenamento
			<e como> [^{Aa} ↑e, tendo imaginado e verificado]	
	[^{Aa} ↑que]			
	[^{Aa} ,]			
	torna-se [^{Aa} ↑afinal] fácil			
<i>supr.</i> <i>sil. e.c.</i>		torna-se afinal < ^{A'd} fácil>		
	torna-se afinal { ^{A'e} fácil}			
			<nem apropriado> [^{Aa} ↑adequado]	
			adiantar< ^{Ad} ia>/ ^{Aa} á\	
			<o>[^{Aa} ↑um]	
		< ^{Aa} nome>		

	[^{Aa} ↑apelativo,]			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} macho}			
			<†>[^{Ad} ↑chame-se]	
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} seus}			
<i>adic.</i> <i>sil.</i>	{ ^{A'd} à piedade}			
			<cegos,>[^{Aa} ↑gementes,]	
			<O jornal>[^{Aa} ↑A folha]	
			<tantos>[^{Aa} ↑tais]	
				[súbita ^{Aa} ↔rajada]
	raja[^{A'c} ↑da]			
		< ^{Aa} ,>		
		furiosa< ^{Aa} mente>		
<i>ort.</i>			vent< ^{Ad} †>/ ^{Aa} re\	
		< ^{Aa} .>		
	[^{Aa} e o próximo jantar.]			
	{ ^{A'a} .}			
		< ^{A'a} e o próximo jantar.>		

7. Anexos

7.1) Testemunho A, fl. 1, abertura do romance.

N45/11

*Dever, rebusar,
recrear.*

BN

Aqui o mar acaba e a terra principia.
~~Chove sobre a cidade pálida, onde a terra começa e o mar se acaba.~~ Chove sobre a cidade pálida, as águas do rio ^{correm} turvas de barro, há cheias ^{nas lagoas.} de maré. Uma ^{bacia escura} e curiosa barra sobe ^{glacis noturno, e} a corrente noturna. O Highland Brigade vai atracar ao cais de Alcântara. ^{O vapor é inglês,} ~~Ingles este vapor~~ da Mala Real, ^{para} para atravessar o Atlântico, entre Londres e Buenos Aires, como uma lançadeira nos caminhos do mar, para lá, para cá, sempre ^{escalando} os mesmos portos, La Plata, Montevideo, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Las Palmas, e, se não naufragar ^{na} viagem, ^(ainda) tocará em Vigo e Boulogne-sur-Mer, enfim entrará o Tamisa como ~~esta~~ ^{agora} entrando o Tejo, qual dos rios o maior, qual a aldeia. Não é grande ^{embracanh} desloca catorze mil toneladas, mas aguenta ~~mas~~ bem o mar, como ^{qualquer vapor} nesta travessia, em que, apesar do constante mau tempo, só os aprendizes de viajante oceânico enjoaram, ou os que ^{mas veterani} padecem ^{de} incurável delicadeza do estômago, e, por ser tão caseiro e confortável ^{em seus} ~~nos~~ arranjos interiores, ^{camibonement} foi-lhe dado, como ao Highland Monarch, seu irmão ^{gemco, íntimo} de classe, o apelativo ^{John} de vapor de família. Ambos ^{estão} ~~estão~~ de tombadilhos espaçosos para banhos de sol, ^{onde se} ~~onde se~~ pode jogar o cricket, que, sendo jogo de campo, também ^é sobre as ondas do mar, ~~demonstrando~~ demonstrando ^{que ao império britânico nada é impossível, assim} ~~que ao império britânico nada é impossível, assim~~ ^{Em} dias de meteorologia amena, o Highland Brigade é ^{um} jardim ~~para~~ ^{de} crianças e consolo ^{para} ~~de~~ velhos, porém não hoje, que está chovendo e não iremos ter outra tarde. Por trás dos vidros embaciados de sal, os meninos espreitam a cidade cinzenta, urbe sobre colinas rasa, como se só de casas térreas feita, por acaso além um zimbório alto, uma empena mais esforçada, um vulto que parece ruína de castelo, ^{salvo a} ~~onde~~ ^é tudo isto ^é ~~é~~ ^{ilusão, miragem criada pela} ~~ilusão, miragem criada pela~~ ^{movida} cortina das águas que descem do céu fechado. As crianças estrangeiras, a quem mais ^{largamente} ~~largamente~~ ^{destina} ~~destina~~

BN

7.2) Testemunho A, montagem a partir da reprodução das marcas de paginação.

que passara muito tempo desde que deixara o táxi, se ainda lá estaria, e interiormente sorriu do seu med^ode ser roubado, Gosta do quarto, perguntou o gerente, com voz e autoridade de quem o ¹¹⁰é, mas ¹¹⁰como convém ¹¹⁰alugador, Gosto, fico com ele, E vai ser por quantos dias, Ainda

pede torrou a entrar na recepção, um pouco ofegante do esforço, pega na caneta, e no livro das entradas escreve a respeito de si mesmo o que é necessário ¹¹²para que fique a saber-se quem diz ser, na sucessão do riscado e pautado da página, nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito anos, na-

como o sabia ele, se não vira o livro dos hóspedes, é o caso que as classes subalternas não ficam a dever nada em agudeza e perspicácia às pessoas que fizeram estudo e ficaram cultas. A Pimenta só ¹¹²lhe doía a asa dumma omoplata por mau assentamento, nela, dumma das travessas de reforço da mala, ¹¹²um pouco humilde com tanta recepção de ¹¹²oito / 12.

gavetas da cómoda, os sapatos na gaveta-sapateira, os fatos nos cabides do guarda-roupa, a mala preta de médico num fundo escuro de armário, e ¹¹³os livros numa prateleira, os poucos que ¹¹³trouxe, alguma latinação clássica de que já não fazia leitura regular, uns manuseados poetas ingleses, três ou quatro autores brasileiros, de portugueses nem dezena,

da a mais antiga de doze de Junho de mil novecentos e catorze, vinha aí a guerra, a Grande, como depois lhe chamaram enquanto não ¹¹⁴higienizava outra maior, Mestre, são plácidas todas as horas que nós perdemos, se ¹¹⁴no perdê-las, qual numa jarra, nós pomos flores, e seguindo concluiu, Da vida iremos tranquilos, tendo nem o remorso de ter vivido. Não é assim, de en-

triviam ¹¹⁵ofício hoteleiro. O ¹¹⁵maior ¹¹⁵ao caminho, Senhor doutor, não estavam outros hóspedes na sala, só dois criados que acabavam de pôr as mesas, ¹¹⁵ouviam-se rumores de copa atrás doutra porta monogramada, por ali entravam daí as poucas terrinas, os pratos cobertos, as travessas. Quo-

7.3) Testemunho A', fl. 1, abertura do romance.

Aqui o mar acaba e a terra principia. Chove sobre a cidade pálida, as águas do rio correm turvas de barro, há cheia nas lezírias. Um barco escuro sobe o fluxo soturno, é o Highland Brigade que ^{vem} ~~vai~~ atracar ao cais de Alcântara. O vapor é inglês, da Mala Real, usam-no para atravessar o Atlântico, entre Londres e Buenos Aires, como uma lançadeira nos caminhos do mar, para lá, para cá, escalando sempre os mesmos portos, La Plata, Montevideu, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Las Palmas, por esta ou inversa ordem, e, se não naufragar na viagem, ainda tocará em Vigo e Boulogne-sur-Mer, enfim entrará o Tamisa como agora ^{vai} ~~está~~ entrando o Tejo, qual dos rios o maior, qual a aldeia. Não é grande embarcação, desloca catorze mil toneladas, mas aguenta bem o mar, como outra vez se provou nesta travessia, em que, apesar do mau tempo constante, só os aprendizes de viajante oceânico enjoaram, ou os que, mais veteranos, padecem de incurável delicadeza do estômago, e, por ser tão caseiro e confortável ^{em} ~~em~~ ~~seus~~ arranjos interiores, foi-lhe dado, carinhosamente, como ao Highland Monarch, seu irmão gémeo, o íntimo apelativo de vapor de família. Ambos estão providos de tombadilhos espaçosos para sport e banhos de sol, pode-se jogar, por exemplo, o cricket, que, sendo jogo de campo, também é exercitável sobre as ondas do mar, deste modo se demonstrando que ao império britânico nada é impossível, assim (essa seja) a vontade de quem lá manda. Em dias de amena meteorologia, o Highland Brigade é jardim de crianças e paraíso de velhos, porém não hoje, que está chovendo e não iremos ter outra tarde. Por trás dos vidros ^{da} ~~em~~ ~~vidros~~ embiados de sal, os meninos espreitam a cidade cinzenta, urbe (sobre colinas, rasa), como se só de casas térreas ^{constituída} ~~seja~~, por acaso além um zimbório alto, uma empena mais

7.4) Testemunho A', fl. 4, com destaque das manchas escuras (fotocópia).

costuma ser ^{bem} ~~mais~~ pior, enfim, a estes tudo lhes serve para desdenharem dos pobres países, até a chuva natural, ^{mas fortes} ~~as mesmas~~ razões teríamos ~~de~~ de nos queixarmos ^{aqui} e estamos calados, maldito inverno este, o que por aí vai de terra arrancada aos campos férteis, e a falta que ela nos faz, sendo tão pequena a nação. Já começou a descarga das bagagens, sob as capas rebrilhantes os marinheiros parecem manipaños de capuz, e em baixo os bagageiros portugueses mexem-se mais à ligeira, é o bonezinho de pala, a veste curta, de oleado, assamarrada, mas tão indiferentes à grande molha que o universo espantam, talvez este desdém de confortos leve a compadecerem-se as bolsas dos viajantes, porta-moedas como se diz agora, e suba com a compaixão a gorjeta, povo atrasado, de mão estendida, vende cada um o que tiver de ^{resíduo} ~~resíduo~~ resignação, humildade, paciência, assim ^{continuamos nós a} ~~encontrar~~ encontrar ~~quem~~ quem de tais mercadorias faça no mundo comércio. Os viajantes passaram à alfândega, poucos como se ^{calculava} ~~calculava~~ mas vai levar seu tempo saírem dela, por serem ^{tantos} ~~tantos~~ os papéis a escrever e tão escrupulosa a caligrafia dos aduaneiros de piquete, se calhar os mais rápidos descansam ao domingo. A tarde escurece e ainda agora são quatro horas, com um pouco mais de sombra se faria a noite, porém aqui dentro é como se sempre o fosse, acesas durante todo o dia as fracas lâmpadas, algumas ^{queimadas} ~~queimadas~~, aquela está há uma semana assim e ainda não a substituíram. As janelas, sujas, deixam transluzir uma claridade aquática. ^O ~~O~~ ar carregado cheira a roupas molhadas, a bagagens azedas, à serapilheira dos fardos, e a melancolia alastra, faz ^{emulcer} ~~emulcer~~ os viajantes, não há ^{sombra de} ~~nenhuma~~ alegria neste regresso. A alfândega é uma antecâmara, um limbo de passagem, que será lá fora.

Um homem grisalho, seco de carnes, assina os últimos papéis, recebe ^{deles} ~~mas~~ cópias, pode-se ir embora, sair, continuar ^{a vida} ~~a vida~~ em terra firme. Acompanha-o um bagageiro cujo aspecto físico não ^{deve} ~~será~~ ~~conveniente~~ explicar ^{cada} ~~em~~ em pormenor, ou teríamos de prosseguir infinitamente o exame, para

7.5) Testemunho A', fl. 6, com destaque das manchas escuras e de um fio de cabelo na margem à esquerda, que provavelmente caiu sobre a folha durante a produção da fotocópia.

7.6) Testemunho B, capa.

7.7) Testemunho B, montagem da primeira página com parte da segunda, equivalente à quantidade de texto do testemunho A.

Aqui o mar acaba e a terra principia. Chove sobre a cidade pálida, as águas do rio correm turvas de barro, há cheia nas lezírias. Um barco escuro sobe o fluxo soturno, é o Highland Brigade que vem atracar ao cais de Alcântara. O vapor é inglês, da Mala Real, usam-no para atravessar o Atlântico, entre Londres e Buenos Aires, como uma lançadeira nos caminhos do mar, para lá, para cá, escalando sempre os mesmos portos, La Plata, Montevideo, Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Las Palmas, por esta ou inversa ordem, e, se não naufragar na viagem, ainda tocará em Vigo e Boulogne-sur-Mer, enfim entrará o Tamisa como agora vai entrando o Tejo, qual dos rios o maior, qual a aldeia. Não é grande embarcação, desloca catorze mil toneladas, mas aguenta bem o mar, como outra vez se provou nesta travessia, em que, apesar do mau tempo constante, só os aprendizes de viajante oceânico enjoaram, ou os que, mais veteranos, padecem de incurável delicadeza do estômago, e, por ser tão caseiro e confortável nos arranjos interiores, foi-lhe dado, carinhosamente, como ao Highland Monarch, seu irmão gêmeo, o íntimo apelativo de vapor de família. Ambos estão providos de tombadilhos espaçosos para sport e banhos de sol, pode-se jogar, por exemplo, o cricket, que, sendo jogo de campo, também é exercitável sobre as ondas do mar, deste modo se demonstrando que ao império britânico nada é impossível, assim seja essa a vontade de quem lá manda. Em dias de amena meteorologia, o Highland Brigade é jardim de crianças e paraíso de velhos, porém não hoje, que está

chovendo e não iremos ter outra tarde. Por trás dos vidros embaciados de sal, os meninos espreitam a cidade cinzenta, urbe rasa sobre colinas, como se só de casas térreas construída, por acaso além um zimbório alto, uma empena mais esforçada, um vulto que parece ruína de castelo, salvo se tudo isto é ilusão, quimera, miragem criada pela movediça cortina das águas que descem do céu fechado. As crianças estrangeiras, a quem mais largamente dotou

B₁